

Bocage

SUA VIDA E ÉPOCA LITERÁRIA

O povo português só conhece o nome de dois poetas, Camões o Bocage; não porque repita os seus versos, como os gondoleiros de Veneza as estâncias de Tasso, ou os Romanos as canções de Salvador Rosa, porque entre nós deu-se uma constante separação entre o escritor e o povo, mas porque de Camões sabe a lenda do seu amor pela Pátria, e de Bocage repete uma ou outra anedota picaresca. No entanto, a aproximação instintiva destes dois nomes infunde um sentimento que leva a procurar se existe alguma verdade nesta relação, que, uma vez determinada, será um seguro critério para avaliar Bocage. Assim, como os que procuram relações exteriores e casuais sobra as frequentes analogias de Francisco com Jesus escreveram o *Liber Conformitatum* assim também entre Bocage e Camões existe unia conformidade de situações na vida, que em certa forma deviam imprimir aos seus génios uma fisionomia análoga ás idênticas impressões. O grande épico era descendente da um *solar da* Cabra, e Bocage ora oriundo de uma *família* francesa, Está hoje comprovado que a génio de uma raça sé chega a ser bem compreendido e expresso pelo elemento estrangeiro que se assimilou a ela. Na renovação do Romantismo em Portugal, coube a Garrett a missão iniciadora, e Garrett era descendente de uma *família inglesa* dos Açores, Bocage, na realidade, representa um espírito atrofiado por um meio intelectual estreitíssimo, verdadeira imagem do espírito nacional vigoroso e fecundo cretinizado pelo obscurantismo religioso e pelo cesarismo monárquico. E o representante mais completo do século XVIII em Portugal, com o seu erotismo e bajulação áulica, com a galantaria improvisada e com os lampejos revolucionários; Camões representava o espírito da grande Renascença, e a consciência histórica da Nacionalidade. Diferem e estão a grande distância por isto. Bocage, sempre enfatuado da sua personalidade, ao comparar os seus desastres com os de Camões, prostra-se com uma modéstia sublime. Como Camões, ele teve uma mocidade culta mas dissipada; como Camões, um generoso impulso o fez seguir a vida das armas e ir militar em Goa; como elo, foi perseguido na metrópole das colónias indianas e refugiou-se em Macau; por último, ao chegar à pátria viveu em luta com os poetas seus contemporâneos, e, como a Camões. também lhe roubaram os manuscritos dos seus versos; Camões morre na indigência, celibatário e doente, à sombra de sua velha mãe, e Bocage, em iguais circunstâncias, acompanhado por uma pobre irmã. Tudo isto torna de uma luminosa verdade o soneto que começa:

Camões, grande Camões! Quão semelhante
Vejo o teu fado ao meu, quando o cotejo...

A mesma relação estabelecida pelo vulgo, também foi aqui pressentida por Bocage. Era uma organização igualmente impressionável e fecunda, mas o século era mais decaído, a tradição nacional estava apagada, a missão do poeta estava reduzida a ser-se comensal de uma nobreza estulta, devota e corrompida.

No estudo de Bocage deve partir-se do que ele poderia ter sido, para se não ser injusto julgando somente o que ele foi. É por isso que a relação estabelecida entre Camões e Bocage é um critério; Camões é grande porque contrariou o seu tempo e lhe impôs um ideal que já não pode extinguir-se – o sentimento da Nacionalidade; Bocage

foi o dilecto da sociedade do século XVIII, porque se acanhou às proporções desses mesquinhos interesses, à busca de um aplauso transitório. Na literatura, em vez de representar uma aspiração humana, tem apenas o lugar que lhe dá, não a arte, mas o ter agradado a uma sociedade extinta e o ter sido o poeta cesáreo do antigo regime.

I

Período da infância, e vida militar (1765 a 1786). – Depois do terramoto de 1755. – As reformas literárias de Pombal. – O vício humanista. – Fundações literárias do reinado de D. Maria I. – Vem cursar para Lisboa e Academia de Marinha. – O século fã-lo amoroso: a tradição escolar leva-o para a vida dissoluta. – A tergiversação da opinião pública acerca de Pombal decaído, fã-lo descrer da dignidade. – A falta de liberdade torna-o satírico e obsceno. – O fanatismo torna-o de um fervor oficial. – Contradição entre o génio espontâneo do poeta e o século oficial. – Influência da literatura francesa do século XVIII. – Os costumes da capital: teatros particulares. – As modinhas *brasileiras*, e sua influência em Bocage. – Estado das tradições populares e nenhuma relação com as criações literárias.

O período da vida e actividade poética de Bocage está encerrado dentro do longo reinado de D. Maria I; esta circunstância prende-se às tendências do seu carácter, e à forma das manifestações do seu génio. Era o reinado do fanatismo cortesão, do beatério opulento das basílicas, e ao mesmo tempo o de uma insuportável filáucia nobiliárquica, consequências forçadas de uma espécie de restauração que se deu em velhas instituições sociais anacrónicas depois da queda do marquês do Pombal. Os frades acercaram-se da consciência da rainha e deram com ela num estado de idiotismo de que nunca mais saiu; os, nobres apoderaram-se do poder e procuraram sem plano desfazer as grandes reformas do ministro decaído. Bocage nasceu ainda nos dias esplendorosos do marquês de Pombal, e a sua infância foi embalada ao som da lenda oficial da alta sabedoria e firmeza do ministro; ao entrar na vida pública em 1779, não havia calúnia que se não imputasse ao velho ministro, a ponto de ser processado e interrogado na sua residência em Pombal. Estes dois coros da opinião, que se alternaram impudentemente, bastavam para fazer desequilibrar para sempre uma consciência nova que procurava afirmar-se na vida. Bocage, como uma organização impressionável ficou para sempre sem firmeza moral, e sem um intuito sério na vida; a intolerância do obscurantismo religioso e político não o deixou ter ideias, porque ele via a cada instante os que pensavam serem perseguidos, e lançou-se na irresponsabilidade. Quando aconteceu uma ou outra vez ser apreendido por causa de uma expansão de livre-pensador, ou de uma rajada de jacobinismo, foi essa irresponsabilidade que o salvou. Aqui temos o meto em que este espírito desabrocha, e, como na parábola do semeador, foi a boa semente que caiu nas fendas da pedra.

Nasceu Manuel Maria Barbosa du Bocage em Setúbal a 15 de Setembro de 1765¹; foi seu pai o bacharel em Cânones José Luís Soares de Barbosa, antigo juiz de fora da Castanheira e de Povos, depois ouvidor em Beja, fixando-se por último em Setúbal com banca de advogado; os altos cargos que ocupou na carreira judicial e administrativa e a sua cultura literária, que o levou a cultivar também a poesia, tornavam-no apto para conhecer a precocidade do talento de Bocage e de lhe dirigir os primeiros estudos. Sua mãe, D. Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage, era filha do francês Gil Le Doux du Bocage, que chegou a vice-almirante na armada portuguesa; isto influiu também na direcção de sua vida, porque era uma tradição de família que a fazia seguir a vida militar, e aceitar o posto de guarda-marinha na Armada do Estado da Índia. Deste casamento nasceram seis filhos, dos quais Bocage foi o quarto ei-los pela sua ordem D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage (n. 1759); D. Ana das Mercês Barbosa du Bocage (n. 1760); Gil Francisco Barbosa du Bocage (1762); o nosso poeta em 15 de Setembro de 1765; nasceram depois mais duas filhas, D. Maria Eugénia em 1768, porventura quando seu pai era ouvidor em Beja, e que morreu menina; por último D. Maria

¹ Livro VIII dos Baptismos da freguesia de S. Sebastião de Setúbal. A fls. 176 v. Ap. *Dic. Bibl.*

Francisca (n. 1771), notável por ter sido a companheira inseparável dos desalentos de poeta, a que lhe cerrou os olhos numa morte prematura e a que guardou e salvou a maior parte dos seus manuscritos.² A necessidade de curar da educação dos seus filhos fez com que José Luís Soares de Barbosa fixasse a sua residência em Setúbal o poeta Santos e Silva, num soneto a Bocage aludindo à morte de seu pai, fala da educação que dele recebera:

Esse que infante, a sorvos tragadores
São doutrina que, jovem, requinte
Bebeu do sábio pai, luz hoje extinta
Caudal então de métricos fulgores.

Santos e Silva, poeta neo-árcade e natural também de Setúbal, conheceu perfeitamente o talento poético do pai de Bocage. Já então excedido pelo filho, que no meio da sua grande popularidade se comprazia em recitar sonetos de seu pai, com afectuosa recordação. No meio dos *jogos pueris*, como diz Santos e Silva, *junto das ternas irmãs*, recebeu os primeiros elementos de ler e escrever unicamente pelo desvelo materno, aprendendo em seguida a língua francesa com seu pai.

No soneto que traz a rubrica; *Cedendo a seu pesar à violência do destino*, Bocage memora a precocidade de seu talento poético:

Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu tenro coração inda inocente
Iam ganhando as plácidas camenas.

O seguinte quarteto é quase o mesmo pensamento de Camões na canção *A*, quando diz que já no berço amava. Bocage fazia um certo alarde da sua precocidade poética, até certo ponto nada extraordinária segundo a organização dos povos peninsulares no prólogo da sua versão do poema de *As Plantas* de Castel, repete:

Versos balbuciei co'a voz da infância
Vate nasci; fui vate, inda na quadra
Em que e rosto viril, macio a louro
Semelha e mimo de virgínea face...

Esta precocidade a que tantas vezes alude, mostra-nos que este dom começou a fazer que o cercassem de admirações muito cedo; era o que se chama o *prodigioso*, e como tal os gabos enfatuaram-no; tornaram-no mais tarde escravo de quem o lisonjeasse, levaram-no a sacrificar tudo à popularidade ainda a mais oca. Foi esta necessidade que o fez abusar da improvisação, e as ofensas que lhe vibraram as sátiras mais penetrantes eram simples remoques literários. Destes pequenos acidentes deduz-se toda a fatalidade de um destino.

Seu irmão Gil seguiu o curso jurídico da Universidade de Coimbra, e talvez deste facto se deriva a tradição de Bocage em Coimbra; o poeta foi destinado à vida militar, e nesta decisão não é sem importância a falta de sua mãe em 1775; no soneto que se inscreve *O poeta lutando contra a infortúnio*, associa estes dois sucessos sob a mesma fatalidade:

² Esta genealogia acha-se minuciosamente explicada por J. F. de Castilho, na *Notícia sobre Bocage*. p. 16. Ed. 1866.

Aos dois lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado;
Segui Marte depois, e enfim meu fado
Dos irmãos, e do pai me pôs distante.

Faltando o foco onde se concentrava o sentimento da família, Bocage adquiriu muito cedo uma soltura que a perspectiva ilusória da vida *militar* vinha lisonjear. Foi no período do falecimento de sua mãe até que assentou praça no regimento de Infantaria 7, da guarnição de Setúbal, em 1779, que seu pai o submeteu à férula violenta da gramática latina na aula régia do padre espanhol Don João Medina.³ Era tal a força da exclusiva educação humanista, que Bocage ficou sabendo traduzir latim, mas incapaz de poder apaixonar-se pelas novas disciplinas das ciências naturais introduzidas no ensino pelas reformas de Pombal, e nas fundações académicas de D. Maria I. O vício da educação humanista dos Jesuítas, do século XVI ao XVIII, não poderia ser eliminado da rotina das escolas com um simples traço de pena; ainda hoje lhe obedecemos na actual instrução pública. Já não se estudava pelo terrível método *alvarístico*, mas os Oratorianos que tinham o ceptro do latim não deixavam que se apoucasse o seu império.⁴

O latim era uma distinção social, um característico de prudência, de capacidade e de tino prático. Era-se sábio ignorando tudo menos o latim. Pela leitura das diversas composições de Bocage, não se descobrem alusões a conhecimentos científicos, que ele inevitavelmente alardearia se os tivesse; porém abundam todas as mostras de uma superficial erudição recebida na aula de Medina, os nomes dos deuses e as peripécias mitológicas, a epígrafe e a versão intempestiva. Se a tradição referida por D. Gastão Coutinho fazia dizer a Bocage acerca da brutalidade de um seu mestre provisório de primeiras letras: *Se continua mais tempo, aleija-me*, bem se podia dizer que a sua educação latinista o aleijou intelectualmente. Depois de ter assentado praça, requereu

³ Tradição de couto, seu primeiro biógrafo.

⁴ Numa tradução feita por Bocage de uma epístola latina escrita por José Francisco Cardoso a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, acha-se um excelente quadro da reforma de ensino desta disciplina:

Dois lustros, e anos dois suei constante
Da romana gramática no ensino,
Cansada a mão, que a *puerícia fere*;
Cansada a mão não só também com eia
Quase desalentado o sofrimento:
Nugas gramaticais apoucam, ralam.

.....

Do sagaz jesuíta as árduas motes,
Com que opressa jazia a mocidade,
Em terra derrubei pelas raízes.

Se Álvares transformou (por mil seguido)
O bom método antigo em arte longa,
Com ânimo dobrado, e não perito,
Desfez-se a nuvem já; folgai, meninos!
Mal vos pode empecer maligna turba,
Já Franco e Madureira as cosias deram,
E honra a douta Minerva as plagas nossas, etc.

(Sátira IX)

para vir frequentar os estudos superiores em Lisboa, que seriam na Academia Real de Marinha, que fora pouco antes criada Por carta de lei de 5 do Agosto de 1779, e que era equiparada à Universidade para as regalias dos alunos. Pelo regulamento da *Academia Real de Marinha* só se admitiam à matrícula de catorze anos para diante. Foi esta a idade com que Bocage veio para Lisboa. O curso constava de três anos, sendo no primeiro a Aritmética, Álgebra e Trigonometria Plana; no segundo, ainda Álgebra, Cálculo e Mecânica; no terceiro, Trigonometria Esférica e Náutica. As aulas eram no edifício do Colégio dos Nobres. A *Academia dos Guardas-Marinhas* foi criada por Decreto de 14 de Agosto de 1782. Em qualquer destas recentes fundações do reinado de D. Maria I é que Bocage fez a sua educação científica uma vez alude à natureza dos seus conhecimentos, quando no idílio marítimo a Nereida descreva os méritos que tem:

Na manobra quem é mais diligente
Que eu? Quem sebe deitar melhor o prumo?
Quem no lema e na agulha é mais ciente?

A carga no porão com regra arrumo,
Sei *pôr à capa*, sei mandar à via,
Corno qualquer piloto, e dar o rumo:

Sei como hei-de correr com travessia,
E pela balestilha, ou pelo *outante*
Achar a latitude ao meio-dia.

Sei qual estrela é fixa, e qual errante:
A Lebre, o Cisne, a Lira, e Nau conheço,
E Oríon, tão fatal ao navegante.

A memória de seu avô, vice-almirante, deveria influir na direcção dos estudos de Bocage; neste mesmo idílio diz:

Tentarei, por lazer teu génio brando,
Nunca tentados nunca vistos mares,
Os maus antepassados imitando.

Na ocasião da vinda de Bocage para Lisboa, em 1779, reinava a maior intolerância religiosa, e todos os que falavam sobre ciência ou cultivavam as letras eram suspeitos de filosofismo; no ano antecedente havia emigrado para França o padre Francisco Manuel de Nascimento, e pelo seu processo do Santo Ofício é que se vê definido bem o meio moral em que era impossível adquirir dignidade, ou também um interesse sério pela ciência.

Na soneto que traz a rubrica: *Achando-se avassalado pela formosura de Jónia* há um contraste entre os problemas das ciências naturais que ele esquece por causa do seu amor:

Enquanto o sábio arreiga o pensamento
Nos fenómenos teus, oh Natureza.
Ou solta árduo problema, ou sobre a mesa
Volve o subtil geométrico instrumento.

Enquanto, alçando a mais o entendimento,
Estuda os vastos céus, e com certeza
Reconhece dos astros a grandeza,
A distância, o lugar, e o movimento...

Alude-se aqui à Física, à Álgebra e Geometria! à Astronomia e Náutica; mas a imaginação fugia-lhe para a poesia, para a galantaria para os autores fáceis, e a vida tornou-se-lhe uma dissipação. Foram sete anos perdidos, queimando incenso em todos os altares, tornando-se incapaz de tomar a sério o seu futuro. Foi nesta época que morreu prematuramente sua irmã D. Maria Eugénia, que ele celebrou com um sentimento católico «que em vez de pranto a júbilo convida». Já os desgostos e decepções o faziam considerar a vida como um cativo. Suas irmãs mais velhas D. Maria Agostinha e D. Ana das Mercês, casaram em Setúbal, e a casa paterna tornava-se deserta, reduzida só a seu velho pai e sua irmã mais nova D. Maria Francisca, que logo depois que ficou órfã veio viver para casa da marquesa de Alcina, e por último para a companhia de seu irmão. Seu pai era ainda vivo em 1789, como se vê pela ode sáfica ao governador interino de Macau, Lazaro da Silva Ferreira

Se as cãs honradas vou molhar de pranto
Ao sábio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lúgubre sina.

Contava sessenta e um anos de idade. A determinação destes factos acidentais serve para mostrar que no seu projecto de partida para a Índia não o embaraçavam considerações de família, e tudo o levava a considerar-se senhor absoluto do seu destino. Os seus versos, no primeiro penedo da vida de Lisboa, estão cheios de nomes das damas que galanteava, poetizados ao modo bucolista as Marílias, as Marfidas, as Filis, as Tirsálias, as Elmiras, as Jónias, as Urselinas, as Elisias, as Marinas, Nises, Armias, e outras tantas celebradas nos seus sonetos, revelam o princípio da sua popularidade que lhe desvairou a cabeça, e mais uma vez o aproximam de Camões, que enquanto serviu o amor nunca andou a um só remo.

Bocage obedeceu fatalmente ao meio literário e aos costumes que dominavam em Lisboa, na época em que abandonou a casa paterna de Setúbal para vir cursar os estudos superiores. É impossível explicar a natureza dos primeiros ensaios literários de Bocage se o separarmos destas duas poderosas causas. Estavam no seu maior fervor as *modinhas brasileiras*, pequenas composições líricas de arte menor cantadas à guitarra em reuniões de família. Todos os estrangeiros que escreveram Viagens a Portugal no século XVIII falam deste género como tipo nacional. A *modinha* é tradicional pela sua conservação; era a antiga serranilha que se perpetuou na colónia portuguesa do século XVI, e que pareceu novidade quando já estava esquecida na metrópole: os quebras lânguidos de voz a que eram cantadas, a expressão que lhe comunicavam os lábios femininos, nas partidas burguesas e aristocráticas, tornavam-nas de enlouquecer como tão bem descreve o observador Lorde Beckford. Raros eram os poetas que não contribuíam com letra sua para alimentar estas árias, que chegaram a ser um característico nacional, uma espécie de *lied* português. O severo Garção, apesar do estudo dos quinhentistas e de Horácio, não se eximiu a essa predilecção imposta por um costume geral; com mais razão o talento fogoso de Bocage tinha de despender-se nestas redondilhas fáceis e alegóricas. O duque de Châtelet, na sua *Viagem a Portugal*, descreve a *modinha* como se realmente fosse uma criação popular tal era a sua

importância; diz ele: «As canções portuguesas são muito licenciosas: acompanham-se com uma guitarra. que fazem vibrar com muita graça; sua música é alegre, viva e não sem encanto...»⁵ Os satíricos portugueses. como Tolentino. que põem em relevo as fisionomias da sociedade portuguesa nesta época, retratam esta paixão a que Bocage obedeceu; achamos em Tolentino

Já dentre as verdes murteiras
Em suavíssimos acentos,
Com segundas e primeiras
Sobem nas asas dos ventos
As modinhas brasileiras.

E a esse outro costume da boa sociedade, porventura derivado dos usos populares. o *lundum*, a que alude já Sá de Miranda «Las palabras de *london*» (pág. 192, ed. 1804), alude também Tolentino:

Em bandolim marchetado
Os ligeiros dedos prontos,
Louro peralta adamado
Foi depois tocar por pontes
O doce *lundum* chorado. (pág. 250.)

Tudo isto forçava Bocage a despender o seu talento poético escrevendo coplinhas para pretexto destas árias; eram composições fáceis que o tornavam conhecido e que o faziam preciso no recente costume das partidas, censuradas com o nome de *modernismo*. As suas anacreônticas, cançonetas, retratos e alegorias encerram os produtos da sua primeira época da vida de Lisboa, e nelas se acha o tipo completo do género; o seguinte excerto mostra o gosto da alegoria mitológica renovado pela influência do classicismo francês era Portugal, e ao mesmo tempo pelo novo sentimento naturalista pela primeira vez tornado convencional no estilo de Rousseau:

Num denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Acomodado;

Por entre e rama
Fresca e sombria,
De tenro arbusto,
Que me encobria

Vi sem aliava
Jazer Cupido
Junto de Fílis,
A mãe fugido...

Era também este o gosto das composições dos pintores franceses das festas galantes, o voluptuoso e insulso idílio dos Watteau e Boucher, imitado nas decorações

⁵ *Op. cit.*, tomo I, p. 78. Paris, ano VII.

das salas, nos frescos, nas carruagens e nas caixas de rapé. Era o reinado do alegórico Cupido, com a sua coreia de amorinhos, vibrando farpões às lânguidas pastorinhas que colhiam rosas. Estas composições eram o reflexo dos costumes difundindo-se daí realze e da aristocracia para a classe média, que deixava o isolamento doméstico da tradição medieval, e se tornava comunicativa, e aceitava uma repentina convivência que introduzia uma certa dissolução na família. A vida solta de Bocage, os seus numerosos amores celebrados nos seus versos, a repentina paixão pela popularidade são o resultante de uma vida artificial da sociedade portuguesa na época em que veio para Lisboa. Isto, que no tempo de Camões se dava com certas reservas na galantaria do paço, colocado numa burguesia ingénua e fácil de embair, ‘deu essa licença, tão completamente descrita nos numerosos cantos obscenos do século XVIII, género a que Bocage teve também de descer pelas exigências do tempo.

Se por um lado ele veio mais tarde a detestar a paixão pela *modinha*, donde tirava a sua importância literária o mulato Caldas, ou o mulato Joaquim Manuel recebido e ouvido com pasmo em todas as sociedades, é certo que a corrente do gosto influiu na sua vida e no seu destino, abandonando os estudos técnicos, e entregando-se a uma dissipação e irresponsabilidade que o não deixaram progredir, e O colocaram na impossibilidade de submeter-se a uma disciplina moral.

Em época nenhuma o talento de metrificador teve tanta importância na sociedade portuguesa como no século XVIII; no *Cancioneiro* de Resende, encontra-se recomendado que é preciso saber *rifar* e *apodar* para parecer bem no paço; no tempo de Bocage, em que a poesia se emprega na bajulação dos poderosos. e em que o ser bajulado se torna uma necessidade, o poeta vivia à sombra das casas nobres à maneira dos bobos da Idade Média, como o Lobo da Madragoa, ou arranjava colocações oficiais para si e para os seus, como Tolentino. Não existia a individualidade do escritor, do poeta que exprime a aspiração do seu tempo, havia o parasita que à custa de versos encomiásticos se tornava parte indispensável dos festins. Ninguém sentia a indignidade desta posição, e Bocage tomou-a como uma forma sedutora da popularidade. Dos seus próprios versos diz Bocage,

..... que foram com violência
Escritos pela mão do Fingimento
Contados pela vez da dependência.

Se no século XV era a facilidade da sátira que dava o lustre nos serões do paço, se no século XVI era a galantaria amorosa que distinguia a plêiade dos Quinhentistas, no século XVIII era a bajulação degradante. Tal a diferença da sociedade, tal a das fases da literatura. O poeta não se inspirava da tradição do povo, nem pensava na existência do povo: e contudo é no século XVIII que achamos o facto, único entre nós, das composições mais banais das academias começarem a ser assimiladas pelo povo. Filinto notou este facto: «Como também noutra era depois (linha eu então trinta por quarenta anos), saberem as regateiras de cor as oitavas da égloga *Albano* e *Damiana*, e a Paixão, que na Quaresma lhe iam cantar os cegos por doze vinténs.»⁶ Era outro lugar das suas obras cita Filinto essa composição literária, que ainda hoje existe na tradição oral:

Duzentos pategos
Não fazem um homem, etc.

⁶ *Obras*, tomo III, p. 130, nota.

como anónima já no seu tempo. O povo procurava instintivamente relações com o escritor; a popularidade de Bocage, que começou muito cedo, por este novo impulso despertado também pelos seus improvisos, longe de o fazer buscar a genuína fonte da inspiração poética, fê-lo desvairar e perder-se na imitação francesa. Como uma forte organização poética, era a Bocage que competia vir pela primeira vez, nas diversas tentativas de restauração da poesia sempre sem resultado, buscar os ricos elementos da tradição popular. Existia efectivamente uma tradição desprezada e latente até às primeiras investigações de Garrett; se o génio não tem esta intuição do seu valor, então perde a individualidade e anula-se, porque vai esgotar-se em revestir uma imitação morta e que tende a passar de moda. Tal é a situação não compreendida por Bocage, e que, mau grado os mais felizes improvisos, o reduz à condição de um génio abortado.

Se percorrermos os escritores do século XVIII, apesar de toda a sua separação sistemática da tradição popular, ainda assim se encontram impensadas referências às criações tradicionais que o povo repetia, e por onde se pode reconstituir o mundo da sua imaginação. Diante desse rápido esboço apresentado no estudo sobre Filinto, é que se conhece o que os escritores não souberam aproveitar, e o porquê da sua geral mediocridade.

Quando um Burger, um Uhland, um Wieland se iam inspirar nas fontes tradicionais da sua nação, e criavam na sua independência e originalidade a literatura alemã, a falta desta intuição amesquinhou o maior génio poético que o século XVIII produziu em Portugal; Bocage começou por imitar os poetas do pseudo-classicismo francês, e acabou por traduzir do latim, sem nenhum intuito. Que horizontes lhe podiam abrir as odes de João Baptista Rousseau, de Argenson, de Luís Racine, de Voltaire, ou o sentimentalismo de Gessner, ou mesmo o morno estilo didáctico de Delille? Radicavam-lhe no espírito uma falsa concepção da poesia, à qual a versão das *Metamorfoses* de Ovídio, série de quadros fúteis de galantaria a que foram reduzidos os mitos gregos, vinha confirmar com o prestígio da Antiguidade. É a esta corrente de imitação que Bocage deve o defeito de quase todas as suas composições, uma constante personificação de entidades morais, como o Dever, a Constância, a Tirania, que obstaram a que ele exprimisse um verdadeiro ideal dos sentimentos; o respeito pela tradição clássica submeteu-o ao jugo da mitologia, de sorte que ao retratar qualquer estado da alma não podia traçar duas linhas sem se segurar a um nome, a uma ninfa, que tornam falsas todas as emoções por um invencível cunho de convencionalismo retórico.

Em iguais circunstâncias se achava Camões sob a forte corrente dos estudos clássicos da Renascença; sem o conhecimento da tradição popular não teria um lirismo mais elevado que o de Caminha ou Falcão de Resende, e tendo permanecido em Lisboa ter-lhe-ia sido impossível a compreensão da epopeia nacional.

A vaidade ingénua de Bocage, pela sua precocidade poética e pelos seus desgostos amorosos, levava-o a procurar analogias com Camões, e isto não pouco influiu na determinação para seguir a vida militar no ultramar. A vida indisciplinada de Lisboa, uma certa inapetência de estudos científicos, fizeram também com que fosse aceiteada a resolução. As muitas sátiras que corriam manuscritas de António Lobo de Carvalho, que às vezes aparecem sob o nome de Bocage viriam também dificultar-lhe a situação em que se achava em Lisboa; aquele prurido de fama que o dominou toda a vida, deve considerar-se o móvel do seu despacho para Goa. Com a data de 31 de Janeiro de 1786 aparece um Decreto que o despacha guarda-marinha do Estado da Índia: «Hei por bem fazer mercê a Manuel Mania Barbosa Hedois de Bocage de o nomear guarda-marinha da Armada do Estado da Índia. O Conselho Ultramarino o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessários. Samora Correia, em 31 de Janeiro de 1786.

Com a rubrica de Sua Majestade.»⁷ Neste documento aparece pela primeira vez e única o nome de *Hedois* na assinatura de Bocage, sinal de que adoptava a genealogia francesa do seu bisavô Antoine l’Hedois (*le Doux*), o que lhe despertava esse orgulho heráldico que não pôde encobrir nos seus versos:

Enfim, da ser piem sou não me envergonho,

.....
Pergunta a quentes vêm do Tejo, e Sado
Se ali me condenou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado.

Sempre entre os mais honrados tive assento,
Venho doa principais da minha aldeia,
Não cuides que vás fábulas invento.

.....
8

O despacho do Conselho Ultramarino foi era 4 de Fevereiro desse ano.

A saída de Lisboa para o Oriente, para a vida das armas, animado pela monta tradição do decaído valor português, é uma prova decisiva para o génio de Bocage, como o foi para Camões. Vejamos se as novas e profundas impressões da Natureza o fazem romper com o jugo da fria poética arcádica, e o livram desse misto de quinhentismo e de imitação horaciana, que lhe não deixa pressentir o ideal. Esta data de 1786 é capital na sua vida, não pela emancipação que o seu espírito conseguisse, mas por determinar o momento em que poderia ter entrado numa direcção nova, e em que as suas faculdades se robustecessem completamente.

⁷ *Apud* J. Feliciano de Castilho, *Notícia sobre Bocage*, p. 36.

⁸ *Livro das Mercês do Ultramar*, a fls. 5.

II

Período de expatriação, no Brasil, Índia e China (1783 a 1790.) – As primeiras impressões da viagem – Ideal de Camões, e comparação com o seu destino. Bocage no Rio de Janeiro, e a tradição de seu avô Gil Le Doux du Bocage. A viagem para a Índia. – Retrato moral do poeta feito por este ocasião por Lorde Beckford nas suas admiráveis Cartas. – Nomeado tenente do Regimento de Infantaria de Damão, em 1789. – A sua vida em Goa. – A deserção para a China, vida errante, e seu regresso a Lisboa. Consequência das viagens: adquire uma mais pronunciada individualidade, que agrava mais a sua posição na época do espírito *oficial*.

A partida de Bocage para a Índia, com escala pelo Rio de Janeiro, efectuou-se era Fevereiro da 1786, na nau de viagem Nossa *Senhora da Vida*, Santo António e Madalena. Estava então no esplendor do seu talento e distinguia-o uma vivacidade que assombrava; O delicadíssimo observador Lorde Beckford não pôde resistir às multímodas seduções daquele espírito e esboçou-lhe o retrato moral nas suas Cartas. Para uma natureza assim vigorosa mas atrofiada num meio social dissolvente, o sair de Portugal era uma felicidade; as novas impressões da Natureza eram outros tantos elementos de concepção artística e de afirmações do génio. Em Lisboa, sob a dura espionagem do intendente Manique que empregava neste mister belfarinheiros com tenda volante ou loja de bebidas,⁹ quando a inconfidência não bastava para descobrir o que se pensava e fazia usa impossível tem espontaneidade. Dominava a suspeição do jesuitismo, e ia começar a suspeição do jacobinismo. A partida de Bocage dava-se no momento propício para que o seu talento não fosse atraído pela mediocridade geral; esta situação lhe proporcionava o ser dirigido por um sentimento verdadeiro e com realidade na expressão do ideal poético. A sua despedida à terra natal, aos amores, aos amigos. o impulso que o guia, tudo está expresso com uma desconhecida simplicidade:

Antiga Pátria minha e lar paterno,
Penates a quem rendo um culto interno,
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausência me estareis presentes;
Adeus! Um vivo ardor de nome e fama
A nova região me atrai, me chama.

Ó vós, que nos altares da Amizade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcelos, Couceiro,
Lis benfeitor, Andrade prazenteiro,
Vós, que em doce união viveis comigo,
Ouvi o terno adeus de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o grão cantor, por quem de amores
Inda as Musas suspiram;
Aqueles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendíssimo gigante
Os negros lábios, o feroz semblante.

⁹ Diz o próprio Manique: «Esta ideia não é minha; é o que se lê nas *Obras* de Mr. de La Mare, e de outros muitos.» *Contar para as Secretarias*, livro III, a fls. 78 v., 1764. (Arq. Nac.)

Quer a Sorte, propícia a meu desejo,
Manda-me a Honra, cujas aras beijo,
Que com fêrvido brio
Contemple os muros da invencível Diu
Donde, ó Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na história
Vive dos Albuquerque a memória,
Nos climas, onde a guerra
Heróis eternizou da líbia terra,
Vou ver se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz ou morte honrada.

Nada canção Bocage descreve os sentimentos cavaleirescos que o faziam abraçar o serviço militar na Índia; amava então em Lisboa uma dama, a quem dava o nome bucólico de Gertrúria, e que, pelo número e fervor dos versos em que a celebra, parece ter sido uma paixão algum tanto duradoura. Gertrúria é um anagrama imperfeito de Gertrudes entre as pessoas que conservaram de memória muitas poesias de Bocage cita-se D. Ana *Gertrudes* Marecos, que ouviu o poeta recitam com frequência em Santarém, quando ali visitava uma família amiga.¹⁰

Não indicamos aqui uma realidade, mas um caminho para ela; os amores por Gertrúria é que inspiravam a Bocage estes sentimentos nobilíssimos:

Por entre a chuva de mortais peloiros
A nua fronte enriquecer de loiros
Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos desfrutar sem pejo,
Pois quem deste esplendor se não garante,
Não é digno de ti, não te merece.

Na epístola a Gertrúria repete este mesmo motivo:

Por piedade não percas da lembrança
O terno adeus, e as lágrimas, e os votos,
Com que ele vigorou minha esperança.

Vê que, entregue ao furor de horríveis Notos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas do meu clima tão remotos.

No soneto que tem a rubrica: *Achando-se prestes a ausentar-se da sua amada*, fixa o lugar dos seus amores em Sacavém:

Praias de Sacavém, que Lemnoria
Orna cos pés nevados e mimosos

¹⁰ Edição Inocêncio, tomo I, not., p. 397.

.....
De vós me desarreiga a tirania
Dos ásperos Destinos poderosos;
Que não querem que eu logre os amorosos
Olhos, aonde jaz minha alegria.

E no soneto: *Ao partir para a Índia, deixando em Lisboa a sua amada:*

Ah! Que fezes, Elmano? Ah! Não te ausentes
Doa braços de Gertrúria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por bárbaro país, bárbaras gentes?

.....
Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as fúrias e os monstros do Oceano.

À maneira de Camões, que ia procurar a glória nas campanhas do Oriente para merecer Natércia, Bocage imitava um igual sentimento para ser digno de Gertrúria e como Camões disse que a pátria lhe não possuiria os ossos, Bocage também repete com igual desalento:

Não mais, ó Tejo meu, formoso e bramido,
À margem fértil de gentis verduras,
Terás da alta Ulisseia um dos cantores
Suspiros no áureo metro modulando.

Eu me ausento de ti meu pátrio Sado,
Mansa corrente deleitosa, amena.

.....
Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,

.....
Devo enfim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortíferos alfanges
Nos campos do colérico Mavorte;

E talvez entre impávidas falanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

Na sua viagem para a Índia, a nau *Senhora da Vida* fez escala pelo Rio de Janeiro ou arribou ali por efeito de tempestade;¹¹ o soneto que se inscreve: *Deprecação feita durante uma tempestade*, parece justificar esta última hipótese. Se Bocage soubesse que ia ao Rio de Janeiro, aludia a isso nos seus versos por força de mima ou de imagem poética. Era então governador-geral do Brasil Luís de Vasconcelos Sousa Veiga Caminha e Faro, da casa dos marqueses de Castelo Melhor, notável pela grande protecção que deu às letras e ciências no Brasil, amigo de José Basílio da Gama, do

¹¹ Opinião do Sr. Inocêncio, Notas ao tomo II, p. 428.

naturalista padre Conceição Veloso e de outros muitos sábios; o nome de Bocage já era conhecido no Rio de Janeiro, e o governador tratou-o com uma afabilidade a que o poeta não estava acostumado:

Vasconcelos, aquele
Que de um sorriso, ó Musa, honrou teu canto
Lá na tépida margem
Ou límpido Janeiro, que a cerúlea
Gotejante cabeça
Tantas vezes alçou da vítrea gruta
Para urdir-lhe altos hinos
Entre o coro das mádicas Nereidas...

Na canção que Bocage dedicou a Luís de Vasconcelos e Sousa, fazendo o retrato moral do vice-rei, declama que bem desejaria fixar a sua vida no Rio de Janeiro; era-lhe isso impossível, por causa da disciplina militar:

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pele fúria dos soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incógnitos lugares.
Onde talvez que me aparelhe a Sorte
Depois de infausta vida infausta morte:

Eu finalmente, cem respeito interno,
Meus frouxos olhos nos teus olhos pondo
Teu amável governo,
Tua justiça, teus costumes sondo;
E digo então: – Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias.

Viver debaixo de teu tuge brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
Teus méritos alçando
Ao palácio de Jove em metro grava;
Oh, que risonha, que benigna estreia!
Se o pensá-la é prazer, que fora e tê-la?

Surdo o Fade e meus ais, e a minhas magoas,
Deste ameno país me quer distante;
Manda que eu busque as águas
Onde se banha o válido gigante,
Irmão dos ímpios, que gerara a Terra,
Que ao pai dos deuses declararam guerra.

Mas inda lá nesses legares broncos,
De míseros mortais mísero asilo.
Sobre duráveis troncos
Teu nome escreverei com terno estilo:
Mostrando que não é lisonja infame

Quem move a minha voz a que te aclame...

Durante o pouco tempo que Bocage se demorou no Rio de Janeiro, não só pelo afecto particular que sempre distinguiu o colono português por tudo quanto era da mãe-pátria, como pelo brilhante talento da improvisação e da graça repentina que dava a Bocage um ascendente irresistível, foi recebido e adorado na melhor sociedade. Não lhe faltavam novos amores a querê-lo seduzir; na epístola *De Elmano a Gertrúria*, descreve a sua viagem e este incidente;

De santo abrigo de meus deuses lares.
Pela Sorte cruel desarraigado,
E exposto em frágil quilha e bravos mares;

Sobre as espaldas do Oceano inchado
Dirigindo tristíssimo lamento
Contra o Céu, contra Amor, e contra o Fade;

Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Tétis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento;

Pus, finalmente, os pés onde murmura
O plácido Janeiro, em cuja areia
Jazia entre delícias a ternura.

Ali, como nas margens de Ulisseia,
Prendendo corações brincavam, riam
Os filhinhos gentis de Citereia.

Mil graças, que a vanglória trocamos
Em vergonhosa inveja à tua vista,
Usurpar-te maus cultos presumiam:

Eis olham como fácil a conquista;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constância me dá, com que resista.

Este combate a glória me acrescenta:
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrísona tormenta...

Se Bocage houvesse ficado no Rio de Janeiro a sua vida não seria mais feliz, porque os ímpetos da sátira não se susteriam diante dos velhos usos conservados na colónia; as *modinhas* e os *mulatos* parece terem ali começado a irritar-lhe a bÍlis. É provável que Bocage ouvisse contar no Rio de Janeiro a tradição dos feitos militares de seu avô Gil Le Doux du Bocage em 1711, naquela capitania, pela agressão de Duguay Trouin, donde resultou ser elevado ao posto de coronel-de-mar-e-guerra em 1717. Pela sua parte o poeta deixou a tradição da sua passagem. e ainda hoje se sabe que morara na

Rua das Violas, no sítio *da Ilha seca*.¹²

É neste ponto que se deve colocar o belo retrato de Bocage feito sobre a profunda impressão produzida pela sua fisionomia e dotes intelectuais em Lorde Beckford. Esses traços admiráveis, ditados pela fleuma crítica do aristocrata inglês, provam-nos que não há aqui uma impressão de assalto; quem mereceu ser assim definido era na realidade um espírito de eleição. Guilherme Beckford, cuja riqueza colossal Byron cita no *Childe Harold* (I, st. 22), é o célebre autor do mais célebre romance oriental da literatura inglesa, o *Vathek*; quando ele conheceu Bocage em 1787, já havia viajado por Flandres, Baviera, Tirol e Itália, e possuía um extraordinário tino de observação e um talento descritivo inexcedível. Viajava pelo mundo para se distrair da morte prematura de sua esposa; ao chegar a Portugal, viu uma filha natural do marquês de Marialva, que era a viva parelha da mulher que amara. Isto o fez fixar em Portugal, e como neste tempo todos os estrangeiros eram suspeitos quer de jesuitismo, quer de enciclopedismo, alcançou uma pretendida missão secreta junto à Corte portuguesa. As *Cartas* que escreve, retratando os nossos costumes e hábitos da Corte, são um monumento de graça e de verdade; quem lê as *Contas da Intendência da Polícia*, nada acha de exagerado nos quadros do jovem Lorde. Aqui pretendia fixar-se, e despender os seus capitais criando a arte e gosto em Portugal; mas a recusa do velho Marialva da mão da sua bastarda, o fez abandonar imediatamente este país, que perdeu o ensejo de uma nova cultura. As *Cartas* de Lorde Beckford estiveram inéditas até 1834, apesar de correrem manuscritas entre os apreciadores deste talento excepcional. Nas *Cartas* que dizem respeito a Portugal, é que se acha o belo retrato de Bocage, quando o governador de Goa D. Francisco da Cunha o Meneses ia tomar posse do seu cargo:

«Verdeil trazia consigo o governador de Goa, D. Francisco Calhariz, e um pálido, esquisito mancebo, o Sr. Manuel Maria, a criatura mais extravagante, mas porventura a mais *sui generis* que Deus ainda formou. Aconteceu estar este mancebo num dos seus dias de bom humor e de excentricidade, que, como sol de Inverno, vinham quando menos se esperava. Mil ditos graciosos, mil rasgos de delirante jovialidade, mil apodos satíricos por ele incessantemente vibrados, fizeram-nos finar de riso. Quando, porém, começou a recitar alguma das suas Composições, nas quais grande profundidade de pensamento se alia com os mais patéticos toques, senti-me estremeado e arrebatado. Poda-se com verdade dizer que aquele estranho e versátil carácter possui o verdadeiro segredo de encantar, segredo que, ao grado do seu possuidor anima ou petrifica um auditório inteiro.

Reparando ele quanto me estava enleando disse-me: “Não esperava que um inglês tivesse a condescendência de prestar, a um moço obscuro e novel versejador, a mínima atenção. Vós pensais que os Portugueses não têm outro poeta senão Camões, e que Camões não escreveu mais nada capaz de ler-se senão *Os Lusíadas*. Aqui tendes um soneto que vale ametade de *Os Lusíadas*:

A formosura desta fresca serre,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destas ribeiros
Donde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, e estranha terra,
O ascender do Sol pelos autoras,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pela ar e branda guerra;

Enfim todo o que a rara Natureza
Com tantas variedades nos oferece,
Me está, se não te vala, magoando.

¹² J. Feliciano de Castilho, *Notícia sobre Bocage*, tomo II, p. 42.

Sem ti, todo me entes a aborrece;
Sem ti perpetuamente estou pensando
Nas mores alegrias mor tristeza.

Não escapou ao nosso divino poeta Uma única imagem de beleza rural; e que patética não é a aplicação da Natureza ao sentimento! Que fascinadora languidez, como arrebois do sol da tarde, se não derrama por sobre esta composição! Se alguma coisa sou, fez-me este soneto o que sou; porém que sou eu comparado com Monteiro? Julgai!” Prosseguiu, entregando-me alguns versos manuscritos deste autor, que os Portugueses apreciam muito. Posto que esses versos eram melodiosos, devo confessar que o soneto de Camões e muitos dos versos do Sr. Manuel Maria me agradaram infinitamente mais; mas a verdade é que eu não estava suficientemente iniciado na força e nos recursos da língua portuguesa. para ser competente juiz; e este transcendente génio só revelou alguma falta de penetração, imaginando que eu fosse um desses juizes competentes.»¹³

Bocage pressentia a alma do artista debaixo da opulência do distinto aristocrata inglês, e para impressionar essa imaginação que soube criar o *Vathek*, era preciso que tivesse na realidade alguma coisa de extraordinário. A data desta Carta, de 1787, mostra-nos que esta cena se passou quando Bocage navegava para a Índia; já longe da pátria, ainda no largo mar, o perseguia a emulação dos poetas laureados; este Monteiro, a que alude aqui não pode deixar de ser José Monteiro da Rocha, que também cultivou a poesia com o nome bucólico de *Tirseu*, e que depois veio a ser reitor da Universidade de Coimbra. A medida que avançava para o Oriente, o culto de Camões fortalecia-se-lhe na alma; porém, apesar de confessar que devia a sua educação poética ao soneto de Camões, que ficou transcrito, nem por isso soube apossar-se desse vago e melancólico idealismo, que é a principal beleza dos seus versos.

É de presumir que a nau de viagem Nossa *Senhora da Vida* arribasse a Lisboa

¹³ As Cartas que se referem a Portugal acham-se traduzidas na *Panorama*. Cumpre-nos deixar aqui estes documentos inéditos sobre Beckford, os quais pintam a sociedade portuguesa:

«O facto que acusa a carta inclusa da marquês de Marialva D. Diogo, acontecido a Beckford, que V. Ex^a me manda informar, aconteceu do modo que vou expor a V. Ex^a.

Indo Beckford de passeie com e seu architecto pele estrada que vai de Paço de Arcos para Oeiras, e pé, com os seus criados com os cavalos à mão, chagou e ele um mendicante e lhe pediu esmola; Beckford lha recusou dar e lhe disse que fosse trabalhar, pelo ver um homem robusto e mal encarado; respondeu-lhe o mendicante: Fora Diabo Franceses! – a isto Beckford com o açoite que levava na mão descarregou sobre o pobre e foi andando; este pobre com um pau que levava, por detrás descarregou com ele e por pouco não deita a terra Beckford, porque ainda o pau o apanhou entre os ombros; donde se conclui que o dito mendicante lhe atirava a segurá-lo pela cabeça; a este tempo iam passando dois cadetes, os quais imediatamente prenderam o dito mendicante, e o levaram à cadeia da Oeiras.

Escreveu-me o marquês de Marialva referindo-me este acontecimento; mandei vir o mendicante para as cadeias do Limoeiro, onde já estava quando recebi o aviso de V. Ex^a, e encontrei com efeito um homem que talvez seja réu de algum delicto grave, que o obrigasse a sair da provincia de sua naturalidade, pelo semblante carregado que tem, e não declarar as terras por onde tem estado estes últimos tempos me dá alguma desconfiança de que seja algum assassino, que ande mascarado na qualidade de mendicante, para se encobrir, o que fico averiguando. É o que posso informar neste pouco tempo e V. Ex^a, para ser presente a Sua Majestade. Lisboa, 29 de Dezembro de 1794. – Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr. José de Seabra da Silva.» (*Contas para as Secretarias*, livro IV, a fls. 236 v.)

Em 1799, ainda Beckford se achava em Portugal, e qual o grau de liberdade que então se gozava sob a regime policial, pode ver-se no seguinte documento, que lhe diz respeito:

«Il.^{mo} Sr. Corregedor do Bairro Alto. – Representando nesta Intendência Mons. Beckford, que tendo mandado alguns seus cavalos a um António, que por sobrenome não perca, mestre ferredor, morador por trás do palácio do Calhariz, este lhe faltara, e que por este motivo não pudera prosseguir a jornada, que pretendia fazer. N. me mandará logo prender o referido alquilador, e recolhê-lo a uma das cadeias do Limoeiro, à minha ordem, dando-me parte por escrito de assim o haver executado. Lisboa, 1 de Março de 1799.» (*Correspondência Geral do Intendente*, livro XI, e fls. 293.)

ainda em Abril desse ano, antes de seguir viagem para Goa, porque no *Livro das Monções*, consultado pelo Sr. Filipe Néri Xavier na Secretaria do Governo-Geral da Índia, a fls, 294, se acha o seguinte assento com relação a Bocage: «Saiu de Lisboa no mês de Abril do dito ano de 1786 na nau de viagem Nossa Senhora da Vida, Santo António e Madalena, sob o comando de José Rodrigues Magalhães, e chegou a Goa a 29 de Outubro do mesmo ano.»¹⁴ Foi neste regresso passageiro a Lisboa que Lorde Beckford foi impressionado pela sua natureza extraordinária.

Partindo de Lisboa para Goa, Bocage descreva a impressão recebida ao passar pelo cabo da Boa Esperança, da mesma forma que Camões na sua elegia; ele tira um feliz partido desta circunstância;

Sempre na mesa cruel desassossego,
Sempre comigo mesmo em viva guerra
Às vastas ondas outra vez me entrego

Os negros furacões Éolo encerra,
Até que aos frouxos olhos se me ofrece
O bruto Adamastor, filho da Terra.

Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audácia, e logo exclama
Com voz horrível, que travão perece;

«Ó tu, que de uma vã, caduca fama
De uma ilustre quimera ambicioso,
A estrada vens saber do afoito Gama:

Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
Se as desordens fatais de louca idade
Te houvesse reprimido o Céu piedoso;

Tu, que de uma terrestre divindade
Memorando os encantos e os agrados,
Deliras entre as garras de saudade:

O modelo serás dos desgraçados,
Porque mais, ó mortal, a ver não tornas
Meigos olhos, por Vénus invejados...

.....»

Disse dos nautas o inimigo eterno,
E aos ares arrojou no mesmo instante
Medonhas trevas, pavoroso Inverno.

O céu troveja, Éolo sibilante
Ora aos abismos, ora aos astros leva
Entre as asas da morte o lenho errante:

¹⁴ *Alguns Apontamentos para a Biografia de Bocage*, Arquivo Universal, vol. IV, p. 322.

Sobre ele o mar violento a fúria ceva,
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ar se eleva.

Nesta mesma epístola descrevo Bocage a sua chegada a Goa, que se fixa em 29 de Outubro de 1786:¹⁵

A próspera derrota assim prossigo,
Até que vejo, e piso a sepultura
Dos tristes, que não têm na pátria abrigo.

Aqui vai sempre a mais minha amargura,
Aqui, pela Saudade envenenado,
Como espectro acompanho a noite escura:

Aqui ninguém me atende (ó negro fado!)
Nem deuses, nem mortais, ninguém me atende:
Tão molesto se faz um desgraçado!...

Quando Camões chegou a Goa viu-se «mais festejado do que touro da Merceana», e mais sossegado do que cela de pregador, como diz na sua carta primeira; em volta dela agrupavam-se esses cavaleiros poetas António do Abreu, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Luís Franco Correia, D. Antão de Noronha, o sábio Garcia da Orta, e outros muitos que na nossa história abrilhantam o grande século XVI. O que Camões já dizia de Goa «de todo o pobre honrado sepultura» é que se conservou, descendo as pessoas ao mais revoltante egoísmo pelo hábito de chatinar. Bocage achou a mesma Goa do século XVI, mas nenhum resto dos homens desse tempo; o seu talento poético era ali sem prestígio por causa da ignorância petulante, e a sua inspiração achava-se sem incentivo. É o que se deduz do verso: «Nem deuses, nem mortais, ninguém me atende». Numa epístola a *Josino*, com certeza o eminente latinista José Francisco Cardoso, cujas composições Bocage traduzia, vem a epígrafe de M.^{me} de Bocage: *Dans ces climats... tout est sourd à mes cris*.¹⁶ Esta epístola é escrita da Índia; pela epígrafe se vê que Bocage se lisonjeava de parentesco com a célebre poetisa francesa Mariana Lepage, viúva de Fiquet du Bocage, autora da *Colombiada*, e celebrada por Fontenelle e Voltaire. Este conhecimento não é sem consequência na sua vida. A epístola a Josino é inapreciável para se ver a impressão de desalento que produziu em Bocage a esplêndida natureza oriental; o modo como julgava as cerimónias bramânicas; como pela nostalgia chegou a cair numa doença perigosa; como conspiravam contra a sua vida as pequenas intrigas da sociedade de Goa; finalmente como se descobriu uma conjuração em que a ocupação militar portuguesa esteve em risco de ser trucidada. Transcrever os próprios excertos de Bocage é restituir a vida a esta fase ignorada da sua existência,¹⁷ é mostrar

¹⁵ Na *Relação dos Passageiros do Estado na Monção de 1768*, se acha: «Manuel Maria Hedoís de Bocage, filho de José Luís Soares de Barbosa e de D. Mariana Joaquina Xavier de Bocage, natural de Setúbal, de idade de 21 anos.» Em nota à margem: «Despachado em guarda-marinha para o Estado da Índia, por Decreto de 4 de Fevereiro do presente ano, registado no dito *Livro das Mercês de Ultramar*, a fls. 5.»

¹⁶ Com o nome poético de *Josino* também se acha designado um outro amigo de Bocage, José Bersane Leite, mas a sua amizade é mais recente, e fixa-se depois do regresso a Lisboa.

¹⁷ No *Mapa das Informações de Conduita dos Oficiais da Marinha*, da Secretaria do Governo-Geral da Índia, se acha: «Manuel Maria Barbosa Hedoís de Bocage. Ano de serviço, um. Antiguidade do

como às vezes a realidade é mais forte do que o convencionalismo retórico:

Desde que a existência expus à ira
Do fero mar, meu peito não sossega,
Meu pensamento esfalfa-se, delira.

Indomável paixão, que a todos cega,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
À desesperação minha alma entrega.

Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces, que passei contigo;

Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer que os bens do mundo
São qual o subtil pó, que espalha o vento;

Por isso agora, aflito e vagabundo,
Estranho tanto o mal; por isso agora
De lágrimas sem fim meu rosto inundo;

Por isso, na paixão que me devora,
Invoco a muda paz da sepultura,
Da suspirada morte a feliz hora.

Miseros gostos! Mísera ternura!
Que sempre, injusto Amor, teus servos tenham
Queixumes que formar contra a ventura!

Uns, adorando ingratas que os desdenham,
Tarde no escuro abismo, em que descansa
O desengano horrível, se despenham;

Outros, chorando a pérfida mudança
De uma alma desleal, enfurecidos
Coa morte arrostam, que no Inferno os lança;

Outros, enfim, como eu, correspondidos,
Depois, em longa ausência amarga e crua,
Arrancam das entranhas mil gemidos.

Tal, fraudulento Amor, é a lei tua,
Lei que o Fado aprovou para que a Terra
A si mesma se estrague e se destrua.

Ah, Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus nestes lugares,

Despacho, de 16 de Novembro de 1788.» (*Livro das Monções*, nº 169, a fls. 304. Extracto do Sr. Oficial-Mor Filipe Néri Xavier.)

Onde me pôs a Sorte, onde me encerra!

Sem medo à fúria dos terríveis mares,
Vim do culto, benéfico Ocidente
Viver com tigres, habitar palmares:

Aqui tórrida zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ar, e eu não sinto,
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente;

Aqui vago em perpétuo labirinto
Sempre em risco de ver maligno braço
No próprio sangue meu banhado e tinto.

Mas caso dos perigos eu não faço,
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da frágil vida o ténue laço?

Enche-me, sim, de honor o culto impuro,
Ídolos vãos, sacrílegos altares,
Vis cerimónias deste povo escuro.

Neste ponto Bocage também estava nesse atraso dos fanáticos do século XVI, que para vergonha do nome português procuraram à força de explosões derrocar o maravilhoso templo de Elefanta. A Europa estudava já essas cerimónias vis, e Guilherme Jones descobriu a velha língua literária, o sânscrito, fonte de luz para as origens das línguas clássicas, e para a vida das religiões; Cologbrooke traduzia as Leis de Manu, e Goethe tomava como o tipo da beleza a *Xacuntalá*. Mas Bocage não tinha o ardor científico de um Anquetil du Perron, e a única causa que o prenderia à Índia, a tradição da heroicidade portuguesa, era principalmente um motivo de exacerbação e de sátira, porque ele só via o contraste vergonhoso do antigo civismo. A sua doença em Goa, a que alude nesta mesma epístola, deve considerar-se o resultado da aclimação:

Volto, Josino, a ti. Letal doença
Do Báratro surgiu, veio intimar-me
A antiga, universal, cruel sentença;

Negras Lances abriu para tragar-me;
Porém cedeu, rugindo, à voz divina,
Que a vida, a meu pesar, quis conservar-me.

É depois da convalescença desta crise que lhe acontece esse outro perigo do projecto da conjuração malogrado, de que ele e a guarnição de Goa iam sendo vítimas:

Eis que pérfida mão cabal ruína
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara e nos destina.

Rasgado o peito co'um punhal cruento,
Ia baixar o teu choroso amigo,

Qual vítima inocente, ao monumento:

Uma alma infame, um bárbaro inimigo
Da Fé, das leis, do trono, um desumano
Merecedor de eterno, de infernal castigo,

Tendo embebido seu furor insano
Na falsa gente brâmane inquieta.
Que amaldiçoa o jugo lusitano,

Contra nós apontava a mortal seta.
Mas estorvou o inevitável tiro
A mão divina, poderosa e recta.

Desenvolveu-se o crime, inda respiro,
E já destes, ó réus de atroz maldade,
Em vis teatros o final suspiro.

Eis, amigo, a recente novidade,
Que da remota Goa ao Tejo envio
Nas murchas, débeis asas da Saudade...

Também na ode a Luís da Vasconcelos e Sousa, conta a sua vida no Oriente, como ali eram indiferentes aos seus vícios, como conspiraram contra a sua vida, e como se achou na mais apertada miséria:

Se da tórrida zona
Os bárbaros e adustos moradores
Surdos, férreos ouvidos
Para teus sons harmónicos tiveram;
Se a loquaz Ignorância
Sobre as margens auríferas do Ganges
Co'um sorriso afrontoso
As vis espaldas te voltou mil vezes...

Esta desesperada situação devia-lhe provocar os mais violentos ímpetos de sátiras as mais candentes; foram estas composições admiráveis, e porventura as mais importantes dos seus sonetos, que lhe tornaram impossível a vida em Goa. Antes dos ressentimentos pessoais. o confronto da tradição heróica que o trouxa ao Oriente com a realidade que observava, inspirava-lhe os altivos trenos, tão ofensivos para os seus contemporâneos. O soneto *À decadência do Império Português na Ásia*, faz lembrar os enérgicos protestos da Camões por ocasião do desastre de Barém:

Caiu Goa, terror antigamente
Do naire vão, do pérfido malaio,
De bárbaras nações!... Ah! Que desmaio
Apaga o márcio ardor da lusa gente?

Oh, séculos de heróis! Dias de glória)
Varões excelsos, que apesar da morte

Viveis na tradição, viveis na história!

Albuquerque terrível, Castro forte
Meneses e outros mil, vossa memória
Vinga as injúrias, que nos faz a sorte.»

Como um desenvolvimento deste grito, são os dois sonetos *Ao grande Afonso de Albuquerque, tomando Malaca em vingança da perfidia do rei do país para com os Portugueses*, e *A D. João de Castro, socorrendo e salvando a fortaleza de Diu*.

O soneto sobre *As predições de Adamastor realizadas contra os Portugueses*, mostra-nos que a lembrança de Camões, que sofreu como ele naquelas paragens, lhe ia fazendo fixar na mente as fundas analogias da situação em que se achava e com que se consolava; e porventura não deixou de influir na sua resolução extrema de sair de Goa, do foco da intriga e da traição, para aceitar um posto na infantaria de Damão, e visitar Macau, onde havia sido escrita e melhor parte de *Os Lusíadas*. Tal é a verdadeira importância desse sentido soneto *A Camões, comparando com os dele os seus próprios infortúnios*, escrito antes da partida para a China:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co sacrílego gigante;

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrio, como tu, da Sorte dura
Meu fim demando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és, mas... oh, tristeza!...
Se te imito nos transes da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.

O nome de Camões era o eco sonoro que para Bocage tinha a natureza oriental; não achando quem atendesse os seus versos, a fantasia lavava-o para a maior alma poética que ali foi impressionada; ele termina o soneto *Em louvor do grande Camões*, memorando os melhores traços de *Os Lusíadas*:

Invejo-te, *Camões*, o nome honroso;
Da mente criadora o sacro lume,
Que exprime as fúrias de Lieu raivoso:

Os ais de Inês, de Vénus o queixume,
As pragas do gigante proceloso,
O céu de Amor, o inferno do Ciúme.

Bocage ainda podia dizer corno Camões das mulheres da Goa, que quando lhes

falavam um conceito de Petrarca ou de Boscão, respondiam numa linguagem «mascavada de ervilhaca, que trava na garganta do entendimento e; apesar de ter protestado a maior fidelidade a Gertrúria, Bocage celebra à foz do Mandovi sereno e brando queixas amorosas por uma dama que resistia aos seus versos:

Não devo à Natureza um grato aspecto,
É verdade: o meu mérito consiste
Num claro entendimento e puro afecto.

Se a compasso da lira o verso triste
Entoo alguma vez, ao som canoro
Ninguém, não sendo tu, ninguém resiste.

No idílio piscatório intitulado *Lénia*, torna a falar outra vez dos seus amores em Goa:

O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias, onde morre o Sado.

Tu, pernicioso Amor, fatal cegueira,
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira.

Camões, tendo feito de Natércia o ideal da sua vida, não foi mais firme do que Bocage; os encantos da bailadeira Bárбора ou a saudade de Dinamene confirmam essa sedução, a que só um sábio como Anquatil du Perron poderia resistir. Os idílios piscatórios de Bocage celebrando os seus amores de Goa são consequência de sedução oriental, como nunca encontrara na sociedade de Lisboa, mesmo nas damas que Edgar Quinet considerava como reminiscências da *Xacuntalá*. Incapaz de tomar a sério os interesses da vida, já se vê que as intrigas e malquerenças de que Bocage foi vítima em Goa só podiam provir de despeitos e rivalidades amorosas, agravos tornados mais acerbos pela sua superioridade e pelo abuso da sátira. No soneto *À enfatuação que predominava em certos naturais de Goa*, chamava-lhes injuriosamente mestiços:

.....
Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitui ao carcás a ervada seta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,
Fruto de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
Vai ver-lhe os seus papéis; são descendentes
Do solar de Hidalcão por linha recta.

Como Camões nos *Disparates da Índia*, Bocage também satiriza a fidalguia de Goa, vaidosa pela sua antiguidade:

Diz-nos esta república de loucos
Que o cofre do Marata é ninharia,
Que do grão-Turco os réditos são poucos;

Mas em casando as filhas, quem diria
Que o dote consistisse em quatro cocos,
Um cafre, dez bajus, e a senhoria!

A decadência que Camões punha em relevo nas colónias da África, agora estava também minando as conquistas da Índia; Bocage protesta:

Lusos heróis, cadáveres cediços,
Erguei-vos da entre a pé, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
Nestes vis, nestes cães, nestas mestiças.

Vinda salvar destes pardais castiços
As searas da arroz, por vós ganhadas;
Mas ah! *Poupai-lhe as filhas delicadas,*
Que elas culpa não têm, têm mil feitiços...

A falta de educação histórica é que o fazia assim desconsiderar a antiquíssima raça indiana representada com maior pureza na casta bramânica. O orgulho aristocrático era o principal móvel nessa sociedade de Goa; Bocage podia com razão dizer:

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovídio mísero entre os Getas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças:

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vêm, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças:

Tens várias casas, armazéns de ratos,
Tens febres, mordexins em demasia,
De que escapamos a poder de tratos:

Mas a tua pior epidemia,
O mal, que em todos dá que produz flatos,
E a vã, negregada senhoria.

Não era preciso mais para tornar impossível a vida sossegada em Goa; atribuía-se a saída de Bocage ao poema erótico a *Manteigui*, nome da amada do governador D. Frederico Guilherme de Sousa.¹⁸ Foi o Sr. Filipe Néri Xavier que observou em 1861, que a saída de Goa não podia ter este motivo, por isso que D. Frederico Guilherme de Sousa saiu do governo em 3 de Novembro de 1766, e logo em seguida de Goa.¹⁹ No soneto que tem a rubrica *Ao Senhor Desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, acompanhando à Índia o Excelentíssimo Francisco da Cunha e Meneses*, parece afirmar que lhe deveu muita consolação numa grande doença; Barroco era também

¹⁸ Rebelo da Silva, *Estudo Literário e Biográfico*, p. 29. Ed. Inocêncio, tomo I.

¹⁹ *Arquivo Universal*, IV, p. 322.

poeta, e isto dava a Bocage o prazer de ser ouvido. A saída da Goa para Damão seria procurada por amigos dedicados que lhe deram o colorido de uma distinção por *Serviços*. No idílio a *Nereida*, Bocage alude a um combate em que entrara; se esses versos exprimem uma realidade, então a patente dada pelo governador, de tenente de Infantaria da 5ª Companhia da Guarnição de Damão, era-lhe devida:

Topámos há três dias o inimigo
Na altura de Chaul; travámos guerra,
Sentiu do português o esforço antigo;

Fez-se uma presa repartiu-se em terra
Inda agora: o quinhão, que lá me deram,
Este pintado cofrezinho encerra...

A nomeação de Bocage para o posto de tenente foi em 25 de Fevereiro de 1789, e a época em que tomou posse acha-se no despacho do governador de Damão, António Leite de Sousa, de 6 de Abril de 1789.²⁰

Chegado a Damão, Bocage poucos dias aí pôde suportar a insipidez de uma deserta guarnição militar; faltava-lhe um pensamento que fosse o móvel da sua vida, como a composição de *Os Lusíadas* o fora para Camões na solidão de Macau.

Não podendo suportar o tédio da caserna, fugiu. Extractámos este facto dos *Apontamentos* do Sr. Filipe Néri Xavier, por causa dos dados históricos que descobriu:

«Bocage, depois do seu despacho de tenente do Regimento da praça de Damão, partiu para aquela cidade em 8 de Março de 1789, na fragata *Santa Ana*, sob o comando de Félix Tinoco da Gama, e chegou ao seu destino em 6 de Abril subsequente, e nesse mesmo dia o governador António Leite de Sousa mandou cumprir a sua patente, e dar-

²⁰ «Patente. – Dona Maria, etc, Faço saber aos que esta carta patente virem, que atendendo Francisco da Cunha e Meneses, do meu Conselho, governador e capitão-general da Índia, aos serviços e merecimentos do guarda-marinha Manuel Maria Barbosa Hedois de Bocage. o nomeou no posto de tenente de Infantaria da 5ª Companhia do Regimento da Guarnição da praça de Damão, que vagou pelo que o era Filipe Néri da Silveira ter passado a feitor da mesma praça de Damão, mandando que se lhe passasse carta patente na forma ordinária, por sua Portaria de 25 de Fevereiro do presente ano de 1789 e conformando-me com ela: Hei por bem e me praz de prover e encarregar ao dito Manuel Maria Barbosa Hedois de Bocage do dito posto de tenente de Infantaria da 5ª Companhia do Regimento da Guarnição da praça de Damão que vagou pelo que o era Filipe Néri da Silveira ter passado a feitor da mesma praça, para o ter e exercer enquanto o dito governador e capitão-general não mandar o contrário, e com o dito posto haverá o soldo que lhe tocar e gozará das honras e franquezas que lhe pertencerem, Pelo que mando ao governador e chefe-comandante das Tropas da Guarnição da dita praça o haja por tal, e aos oficiais e soldados da dita Companhia o conheçam por seu tenente e aos ministros, oficiais, e pessoas a quem pertencer cumpram a guardem e façam inteiramente cumprir e guardar esta carta patente, como nela se contém, sem dúvida alguma; e jurará aos Santos Evangelhos em minha Chancelaria, na forma costumada, e na Tesouraria-Geral das Tropas, e nas partes competentes se farão em seu título as declarações necessárias, e passada pela dita Chancelaria se registará nas partes onde competir, e na Secretaria do Estado, sem o que não valerá. Dada em Goa sob o selo de Armas Reais da Coroa de Portugal. Martinho Xavier a fez aos 26 de Fevereiro do ano de nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de 1789. – O secretário, Sebastião José Ferreira Barroco, a fez escrever, Francisco da Cunha e Meneses. – Por Portaria do governador e capitão-general da Índia, de 25 de Fevereiro de 1789. – Selo. José da Rocha Dantes e Mendonça. – Pagou na forma das ordens de Sua Majestade e aos oficiais, 540, jurou na forma ordinária. Goa, 27 de Fevereiro de 1789. – Henrique Luís de Sá. – Registrada na Chancelaria do Estado da Índia, no Livro 2º dos Registos a fls, 129. Goa, 27 de Fevereiro de 1789. – Henrique Luís de Sá. – A fls. 523 do Livro do Registo dos Decretos da Chancelaria que serve nesta Contadoria-Geral e ficam registados os que os pagou desta. Goa, 27 de Fevereiro de 1789. Sérgio Justino Pereira. – Livro 2º dos Registos Gerais a fls, 177 v.» (Ap. *Arquivo Universal*, 2º ano, vol. 4, nº 20. Comunicado pelo oficial-mor graduado da Secretaria do Governo da Índia, Filipe Néri Xavier, 1861.)

lhe posse do posto, e no dia 8 do referido mês de Abril ele se ausentou (desertou) pela porta do Campo, acompanhado do alferes Manuel José Dionísio, este por causa de muitas dívidas. (Conta do Governador de Damão, de 21 de Abril de 1789. – Livro de Damão, dos anos de 1786 a 1790.) Em vista desta conta, é de supor que Bocage partisse para Macau por via de Surrate ou Bombaim, portos comerciantes, no referido mês de Abril, Maio, ou princípio de Junho, época da monção para as partes da China. No Arquivo da Secretario deste Governo-Geral não se encontram mais documentos relativos à retirada de Bocage da praça de Damão e ao seu transporte para Macau.

Não se sabe também quando ele chegou, e quantos meses se demorou naquela cidade; etc. ... a correspondência porém de Macau, nada diz a tal respeito, nem sobre a chegada e retirada do poeta daquela cidade.»²¹ Na elegia à morte do príncipe D. José em 1788, que foi para os poetas arcádicos o mesmo que foi para os quinhentistas a morte do príncipe D. João em 1554, Bocage dá a entender que nesse tempo em que a notícia lhe chegou, já estava errante no *Cantão*:

Triste povo! E mais mísero eu, que habito
No remoto Cantão, donde, Ulisseia
Não pode a ti voar meu débil grito!

Misérriimo de mim, que em terra alheia,
Cá onde muge e mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!

Faz pena ver esta alma sofrendo todas as privações da sua arrojada aventura, espremer figuras de retórica para chorar um príncipe, que sabia abrir a boca, como descreve Beckford:

«O *príncipe do Brasil* e D. João tinham um ar suficientemente aborrecido; porque estavam à parte, com as mãos metidas no fundo dos bolsos, a boca num bocejo contínuo, e os olhos errando de um objecto para outro com um olhar de real negligência. Como uma etiqueta das mais rigorosas afasta os infantes de Portugal no seu palácio, vêem-se raramente entre a multidão, mesmo incógnitos, de sorte que os seus sorrisos lisonjeiros, ou os seus bocejos confidenciais não são concedidos a observadores vulgares. Esta maneira de embalsamar os príncipes em vida, não é, além de tudo, uma má política: isto os conserva sagrados; isto concentra a sua essência real, muito pronta, aí, a evaporar-se ao ar livre. Ainda que este regime severo aconteça não ser do gosto do indivíduo, os manequins monárquicos devem ter a bondade de se recordarem com que fim eles são paramentados e adorados.»²²

Estes pontos de vista de Beckford explicam as frases enfáticas de Bocage na morte do príncipe do Brasil: «Daquela alma real, antes divina». Em muitos lugares das suas poesias descreve a sua vida errante na China: «Por bárbaros sertões gemivagante»; e continua:

Mais duro fez ali meu duro fado
Da vil calúnia a língua viperina;
Até que aos mares da longínqua China
Fui por bravos tufões arremessado.

²¹ Filipe Néri Xavier, «Alguns Documentos para a Biografia de Bocage», *Arquivo Universal*, vol. 4, p. 322.

²² Portugal, Letter XXIX.

Vê-se por estes versos que a sua fuga de Damão foi sem plano, e a sua chegada à China perfeitamente casual. Na ode a Luís de Vasconcelos e Sousa, cuja amizade contraíra no Brasil, fala desta fase dramática da sua vida:

Se a vasta, a fértil China,
Fofa de imaginária antiguidade,
Pelo seu pingue seio
Te viu com lasso vagar mendiga;
Se a mirrada Avareza,
Aferrolhando os cofres prenhes de oiro
Lá onde o sol o gera,
Foi mais dura que mármore a teus versos...

Para sair-se desta posição desesperada em que o poeta se achava, havia só um recurso que a necessidade lhe sugeriu: dirigir-se para a colónia portuguesa de Macau. De facto, Bocage aí chegou somente em fins de Julho ou já em Agosto de 1789, quando já estava com o governo de Macau o desembargador Lázaro da Silva Ferreira, que ele celebra nos seus versos, o qual assumira esse cargo em 16 de Julho desse ano.²³

Pode-se julgar que a vida de Bocage foi em Macau um tanto semelhante à de Camões em Moçambique, onde Diogo de Castro o encontrara «comendo de amigos» e sem roupa para se vestir. Bocage vivia no século da bajulação, e pela *voz da dependência*, como ele diz, socorreu-se das pessoas valiosas. Acolheu-o o negociante Joaquim Pereira de Almeida, que lhe deu casa e o relacionou com as principais famílias de Macau.²⁴ Na sua ode *A Gratidão*, oferecida ao *Sr. Lázaro da Silva Ferreira, desembargador da Casa da Suplicação e Governador Interino do Macau*, que o não processou pela sua deserção, confessa que lhe deve o poder regressar à Pátria:

Amenos campos, agradável clima
Onde o meu Tejo por areias de oiro,
Por entre flores murmurando e rindo,
Límpido corre;

Pateros lares, que saudoso anelo,
Sacros Penates, que de longe adoro,
Suave asilo, que perdi vertendo
Lágrimas ternas;

Eu torno, eu torno por Amor guiado,
Exposto à fúria dos tufões, dos mares...

.....

Se eu vou nas aras dos Penates caros

²³ «Lázaro da Silva Ferreira era desembargador da Relação de Goa e ouvidor-geral do Cível, foi nomeado ouvidor da cidade de Macau por Decreto de 20 do Fevereiro de 1785 (*Livro das Monções*, nº 166, p. 295). Partiu para o seu destino no princípio de Maio de 1787 (*Livro das Port. e Desp.*, nº 9, p. 10), onde, tendo falecido o governador e capitão-general Xavier de Mendonça Corte Real em 16 de Julho de 1789, lhe sucedeu na via de sucessão com o sargento-mor Manuel da Costa Ferreira, e governaram até 29 de Julho de 1790 em que tomou posse o governador Vasco Luís Carneiro de Sousa e Faro. (*Livro da Correspondência de Macau*, de 1790.)» Filipe Néri Xavier, «Alguns Documentos para a Biografia de Bocage.

²⁴ Na Elegia I, chama-lhe: «ó tu, meu benfeitor, meu caro amigo».

Pendurar votos, consumir incensos,
Depositando sobre a líbia praia
Ósculo grato;

Se as inocentes, fraternais carícias
Vou, cobiçoso, recobrar na Pátria,
Em cuja ausência fugitivas horas
Séculos julgo;

Se as cãs honradas vou molhar de pranto
Ao sábio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra,
Lúgubre sina;

.....

Tudo a ti devo, ó benfeitor, ó grande,
Que a roçagante, venerável toga
Mais venerável pelos teus preclaros
Méritos fazes, *etc.*

Para regressar à Pátria também recorreu a D. Maria Saldanha Noronha e Meneses,
cujas filhas lisonjeou:

Roga, roga-lhe enfim, que te destrua
As ânsias, os temeres;
Que à Pátria, ao próprio lar te restitua.
Ah!, já te diz que sim; não mais clamores;
Musa! Musa! descansa,
Cantemos o triunfo, ó Esperança!

Segundo o Sr. Filipe Néri Xavier, ainda existem inéditos alguns versos satíricos à sociedade de Goa. A data da sua partida é ignorada. Destas viagens alcançou apenas o acentuar ainda mais a sua personalidade, e contrair uma espontaneidade de acção que lhe foi prejudicialíssima na sociedade de Lisboa, onde tudo era *oficial* isto é, num contraste, que o destacava como um doido de talento.

III

Período de lutas literárias e prisão (1791 a 1799.) – Influência das suas viagens sobre o carácter – A Constituição da Nova Arcádia e seus principais sócios. – Luta de Bocage com os neo-arcades. – Publicação dos seus versos. – Estado do espírito público e da literatura sob a intendência de Manique. – As ideias da Revolução Francesa em Portugal. – Exame destas ideias nos versos de Bocage. – Amizade com André de Ponte do Quental. – Composições no cárcere, a sua entrega à Inquisição. – Influência sobre os seus trabalhos. – As *Metamorfoses* de Ovídio. – Luta com José Agostinho de Macedo. – Documentos inéditos sobre Macedo. – Conhece os Poemas de Ossian. – Relações com Filinto Elísio que o glorifica. – Doença.

As viagens do Brasil, da Índia e da China, não revelaram a Bocage aquele sentimento da realidade das coisas que dá ao génio essa forma particular da razão que sabe achar as relações mais inopinadas e deduzir delas uma suprema unidade que é a síntese poética. Viu novas regiões, mas como um sonâmbulo; os seus versos não receberam desse viver diferente nenhum interesse, dessa natureza nova nenhuma imagem, dessa variedade interminável nenhum outro colorido. No Brasil, na Índia ou na China, quando escreve é sempre sob o espírito alegórico-mitológico dos arcades. Era a falta de leitura, de alimento intelectual e que lhe produzia esta carência de concepção original, de livre individualidade no sentimento. Já em 1773 estava publicado o *Goetz de Berlichingen* em 1774 o *Werther*, de Goethe, em 1781 os *Salteadores*, de Schiller, em 1786 a *Ifigénia*, mas só passado quase um século é que estas obras-primas que sugerem a elaboração artística, chegaram a Portugal. O motivo por que Portugal esteve incomunicável com a Europa científica e literária será estudado neste Capítulo, e o que se vê na atrofia do espírito de Bocage é a imagem do estado intelectual da nação.

Bocage regressou à Pátria em 1790; durante as viagens aventureiras por feitorias comerciais e presídios militares, ninguém se importou com os seus versos. Aquela natureza feminina, ávida de louvores, veio achar ainda viva em Lisboa a sua lenda escolar; foi-lhe fácil tornar a acender o entusiasmo por conversas de uma vivacidade inesgotável. Os elogios, os convites, as intimidades com os cadetes, as entradas nas casas nobres eram uma sedução fatal que imprimiu a direcção irrevogável a que obedeceu e seu talento. A sua obra era efémera, como as flores de um só dia; para amanhã uma nova excitação trará o motivo. Bajulador pela tendência de século, foi muito mais bajulado, contraiu a necessidade de aplauso e sacrificou-se a ele. Os velhos ódios caíam a um aceno de louvor.

A chegada de Bocage a Lisboa deve fixar-se em Agosto da 1790, por isso que segundo se crê, em Setembro desse ano deu-se o desastre da morte de D. José Tomás de Meneses, filho do marquês de Marialva, afogado no Tejo. Com as iniciais de M. M. B. B., publicou o poeta a *Elegia que o mais ingénuo e verdadeiro sentimento consagra à deplorável morte...* Faz lembrar os versos de Camões à morte do seu jovem amigo D. António de Noronha; no século XVIII as virtudes cavalleirescas não tinham em que se exercer, já se não ia morrer nas expedições da África, e por isso Bocage louva de um modo inconsciente o seu amigo:

...que reunindo a força, e a arte,
Feros brutos indómitos domava,
Sendo assombro de tudo em toda a parte.

Este successo, que provocou uma série de composições elegíacas a todos os metrificadores encomiásticos, para bajularem o velho marquês de Marialva, tem hoje a

importância de determinar a época da chegada de Bocage a Lisboa, que se colocava em 1791, por isso que o padre José Agostinho de Macedo o escrevera, dizendo que no regresso de Macau viera morar para a sua companhia.²⁵ Não era possível isto, porque o padre José Agostinho de Macedo, então ainda frade graciano, estava preso por ordem do seu provincial; e nesse ano de 1791, sem casa sua, porque tendo apelado para a Nunciatura tinha sido mandado depositar no convento dos Paulistas, donde fugira no ano seguinte. Em todo o caso, a reminiscência equívoca de Macedo acusa-nos a existência de uma verdade, que, quando Bocage chegou a Lisboa, achou-se logo em estreitas relações de fidalgos estouvados, restos da monomania dos *Valentones*, e de frades indisciplinados que pela sua parte eram uma relíquia dos *Goliardos* da Idade Média. A época do seu regresso a Lisboa levava-o fatalmente para a devassidão, para a falta de seriedade, para a vida vagabunda; não era permitido pensar nem ter ideias, porque a prevenção irresponsável do intendente da Polícia Diogo Inácio de Pina Manique, tudo descobria por meio das *Moscas*, nome técnico dos seus espíões. A data de 1790 diz tudo; a *Declaração dos Direitos do Homem*, as notícias vindas de França, o terror dos emigrados, dos livreiros dos supostos emissários da Assembleia Nacional, excitavam a vertiginosa e papelística actividade de Manique. Nestas circunstâncias, o não ter ideias era um tino prático; a mocidade tornou-se devassa como na época da Restauração em França, e entretinha-se no roubo, e em tropelias de *Diabo Coxo*, como a que fizeram no Convento do Carmo, introduzindo-se de noite, com vergalhos e à hora em que os frades se disciplinavam no coro com as luzes apagadas e a boca na terra, os desancaram desalmadamente.²⁶ A amizade com José Agostinho logo em 1791, deve também considerar-se uma perdição para Bocage.²⁷

²⁵ *Considerações Mansas*, p. 35.

²⁶ *Contas para as Secretarias*, livro IV, a fls. 114 v. (27 de Abril de 1794). *Arquivo Nacional*.

²⁷ Basta ler os seguintes documentos:

«Manda-me V. Ex^a informar o requerimento incluso de *Frei José de Santo Agostinho*, religioso dos Eremitas do mesmo Santo, o qual se queixa dos excessos com que foi maltratado pelo seu provincial na prisão que lhe mandou fazer, e o mais que relata o requerimento.

Da informação que mandei tirar pelo corregedor da Comarca de Torres Vedras, que passo ás mãos de V. Ex^a, se vê por uma parte que o queixoso Frei José de Santo Agostinho é de mau procedimento, usa de faca, que lhe foi achada no acto da prisão; e por outra parte se faz ver o excesso com que o provincial mandou executar a diligência, e que os motivos que actualmente deram causa e este procedimento, não eram tais que merecessem o rigor com que foi maltratado o dito religioso, e dele se mostra haver intriga particular, que obrigou a este prelado a esquecer-se das obrigações com que devem tratar os seus súbditos.

Mandei ao corregedor do Bairro do Rossio ao Convento de Nossa Senhora da Graça a visitar os cárceres do mesmo Convento, e particularmente aquele em que se achava o dito Frei José de Santo Agostinho, e perguntá-lo sobre os mesmos factos, e das respostas que deu verá V. Ex^a o que ele refere e conclui no mesmo que declara na súplica; e ouvindo o mesmo ministro ao provincial, este deu a larga resposta. juntando a cópia de quatro sentenças que têm sido proferidas contra o dito Frei José de Santo Agostinho e confirmadas no definitório-geral em diversos governos da sua religião, e juntamente o acto da achada da faca e cartas que lhe escrevem, que ele supõe que atacam a sua autoridade, como V. Ex^a verá tudo o que acabo de referir na Conta do corregedor do Rossio com as respostas a ela juntas.

Recorrendo o queixoso Frei José de Santo Agostinho à Nunciatura, esta tomou a deliberação de mandar pôr em homenagem no mesmo Convento ao dito religioso, a que não quis obedecer o provincial, e dizem os oficiais da Nunciatura que foram executar esta diligência; que o provincial e prior se houveram com alguns excessos contra eles, e que por temor de praticarem alguma violência se retiraram, e, dando parte à Nunciatura, me vieram pedir auxilio para poderem executar esta diligência. a qual lhe mandei ao corregedor do Rossio fosse prestar o auxilio requerido, e com efeito indo, achou a este tempo já unidos o provincial e prior com certidão de terem posto um recurso na Mesa da Coroa, e dando-me parte o mandei retirar.

É certo que este caso tem dado escândalo aos povos, pois tem sido bloqueado em todas estas ocasiões o Convento de inumerável populacho e proferindo alguns ditérios, influidos talvez por aqueles espíritos de parcialidade contrária, que é o que têm chegado a este ponto os excessos, que se têm

Macedo estava então no cárcere, como se vê por esses documentos inéditos, que ficam em nota; Bocage visitou-o, ou já havia falado com ele, antes de ser metido no in-pace. Sabe-se isto claramente pela alusão que Bocage faz a uma epístola que lhe dirigira Macedo, da qual em 1799 transcreveu de cor os seguintes versos na tremebunda *Pena de Talião*, págs. 912 e 913:

Da estância, onde nem sempre habita o crime,
Epístola sem sal por ti guisada,
Em tais louvores incluiu meu nome:
Versos escuta, que negar não podes:
Estilo é teu, monotonia é tua;
O que neles se envolve, escuta, em prêmio
Da empresa, que tomei, de os pôr na mente
«Do centro desta gruta triste, e muda,
Fecundo Elmano, potes Musas dado,
O prisioneiro Elmiro te saúda,
De teus áureos talentos encantado;
De ti só fala, só por ti suspira
Em teu divino canto arrebatado...»

Belchior Curvo Semedo, e José Agostinho, apesar da inversão pelo intuito satírico, referem-se à influência da viagem ao Oriente sobre o génio de Bocage; o lirismo de Bocage não melhorou, porque a sociedade convencional em que vivia impunha-lhe frases feitas para todos os sentimentos, mas por efeito das viagens aprendeu a comparar e a ser por isso mais eminente na sátira. Bocage alude também às íntimas relações literárias, dizendo que Macedo lhe dava a rever os cadernos da sua versão de Estácio:

De gordo original versão mirrada,
Sulcado o Estácio teu de unhas minhas,
De muitas, que sofreste...

As ideias revolucionárias também penetravam nos conventos, e a indisciplina era

executado neste caso de uma e outra parte; e os da parcialidade contrária aproveitaram esta ocasião para malquistar com seus fins ao prior e provincial, e me informam que são os que subministram os dinheiros para as despesas.

Fiz recolher à cadeia o alcaide que foi executar a dita diligência da prisão do Frei José de Santo Agostinho ordenada pelo seu provincial, sem estar autorizado por ordem do ministro que lhe ordenasse; sendo sem dúvida que o queixoso Frei José de Santo Agostinho é de uma irregular conduta, e relaxado, e que o provincial e prior são de um génio pouco próprio para prelados, e o demonstram bem os repetidos factos que têm praticado neste caso.

V. Ex^a exporá tudo o que refiro a Sua Majestade, e a mesma Senhora ordena. rá o que for mais justo. Lisboa, 23 de Janeiro de 1790. – II.^{mo} Ex.^{mo} Sr. José de Seabra da Silva.»*

«Tenho igualmente na mesma cadeia, em custódia, *Frei José de S.^{to} Agostinho*, religioso graciano, o qual foi achado e preso na figura mais deplorável, em trajos de secular, em véstia sem sinal algum de religioso, e querendo remetê-lo e entregá-lo ao reitor dos Paulistas, onde estava por ordem do Núncio, de lá fugira roubando a livraria do mesmo Convento, e com mil instâncias me requer o reitor o não ponha lá, e o mesmo me requereu o procurador-geral da Graça, que o chamei para tomar conta dele, dizendo-me que o não podiam segurar no cárcere, pela ordem que tinham para o não poderem fazer, e que de lá havia fugido logo que foi posto na cela, e o mesmo havia de praticar se se houvesse com ele a mesma contemplação. Deus g., etc., 5 de Setembro de 1792. – Ex.^{mo} e Rev. Sr. Bispo confessor.»**

* *Contas para as Secretarias*, livro III, a fls. 111 e 112.

** *Contas para as Secretarias*, livro III, a fls. 240 v. Arquivo Nacional.

o único sintoma que se atribuía a essas noções de dignidade humana repentinamente apercebidas. As celas serviam de passatempo aos vagabundos que não pediam estar à vontade nos botequins, por causa das *Moscas* de Manique. Bocage frequentava estes retiros espirituais, como vemos pelo soneto; *Estando o autor na cela de seu amigo Fr. João de Pousafoles, e acontecendo apagar-se-lhe um cigarro, pediu lume, que o dito amigo recusou*. José Agostinho de Macedo é o tipo mais acentuado desta classe de frades inteligentes e em dissidência com o espírito monacal. Era também amigo do paulista Frei José Botelho Torresão, que escrevia versos eróticos. Na sua incerteza de vida, Bocage servia-se das celas dos frades seus amigos para comer e dormir, quando não tinha outro abrigo. Mas a sua influência era reconhecida como perigosa pelos gerais, como se vê pelo soneto: *Ao padre mestre D. Bernardo da Senhora da Porta, Geral dos Cónegos Regrantas, que não permitia ao autor a entrada no Mosteiro de S. Vicente de Fora*. Os versos em que Bocage verbera com tanta audácia e graça os bojudos fradalhões, os episcopais repolhos, continuam a tradição literária de Gil Vicente, mas de um modo inconsciente; era e mesmo vício do século XVI, que provocava um idêntico protesto.

É provável que o pai de Bocage morresse pouco tempo depois da sua chegada de Macau; Bocage num soneto fala: *Numa excursão que fez a Setúbal, encontrando aí numa casa certos trastes, que tinham sido de seus pais*. Por este modo de dizer se vê que na época desta excursão já a casa de seus pais estava dissolvida, seus irmãos casados, à excepção de D. Maria Francisca, talvez vivendo já em casa da Marquesa de Alorna. A ida a Setúbal não é um facto sem importância, porque sob os rigores preventivos do intendente da Polícia Diogo Inácio de Pina Manique, Setúbal era considerado como o foco donde dimanavam para o reino os livros estrangeiros. Numa Conta dada em 11 de Junho de 1791 ao ministro José de Seabra da Silva, Manique pede providências por causa dos conflitos da sua jurisdição, começando: «Constando-me nesta Intendência, que no porto de *Setúbal* se introduzem muitos contrabandos, *pacotes de livros ímpios*, e desembarcavam alguns passageiros tanto portugueses como estrangeiros, sem que se legitimassem pelo Polícia...»²⁸ As idas a Setúbal seriam para Bocage outros tantos motivos de suspeita de comungar as ideias francesas, que Manique perseguia com um estreitíssimo cordão de espionagem. Os sentimentos generosos de que Bocage era dotado e que se confirmam em todas as anedotas que ficaram dele, levavam-no irresistivelmente para e adesão aos princípios de liberdade afirmados na Revolução Francesa. Quando o abstracto Kant quebrou todos os seus velhos hábitos para ir esperar com ansiedade as novidades que vinham desse grandioso fenómeno social que se estava dando, como é que o génio impressionável de Bocage, e que tanto havia sofrido, ficaria indiferente? Kant buscava uma confirmação das suas profundas especulações filosóficas; Bocage ia levado pelas cantigas que se entoavam num ou noutro café, e que a diligência de Manique alcançava logo abafar. A impressão dos principais sucessos da Revolução Francesa existe esboçada nos versos de Bocage; deram a sua vibração nesta bela alma, que tinha o poder, como o declarou Beckford, de governar a seu capricho as impressões dos outros. Apontar estas relações do génio de Bocage com a corrente da Revolução obriga a um trabalho mais extenso, o de procurar até que ponto essas ideias vieram agitar entre nós o espírito público, como a autoridade lhes impediu o curso, como as falsificou, e como a nossa sociedade as compreendeu. Seria isto um livro, que porventura escreveremos; no entanto, traçamos só o programa, o bastante para se conhecer bem o meio dentro do qual o talento de Bocage foi atrofiado. Estamos em 1791; existe uma grande coorte de poetas com mais ou menos

²⁸ *Contas para as Secretarias*, livro III, a fls. 130.

talento, com boas aspirações e com o vigor da mocidade; não podendo exercer a liberdade do pensamento e cultivar as ciências sem o perigo de enciclopedismo revolucionário, como estava acontecendo aos principais sábios da Academia de Lisboa, projectaram uma associação poética, continuadora da Arcádia e tendo por protectora a Virgem Maria.

Se a Arcádia, não tendo alcançado a existência oficial, se extinguiu sob a má vontade do Marquês de Pombal, a *Nova Arcádia* nascia sob a arbitrariedade preventiva do intendente da Polícia Manique, isto é, condenada a não se elevar acima da banalidade irresponsável. Chamou-se-lhe a *Academia de Belas-Letras*, e não passava de simples reuniões familiares às quartas-feiras, no palácio do Conde de Pombeiro, depois Marquês de Belas, José de Vasconcelos e Sousa; o título de *Nova Arcádia*, por onde era *mais desconhecida*, como diz Bocage, era pretensioso e impunha-lhe a tradição poética sustentada por Garção, Dinis e Quita. A formação desta sociedade em 1790 não foi sem influência sobre Bocage o seu primeiro fervor fez com que o Poeta vencesse a habitual negligência, pretextada às vezes com o furto que sofrera dos seus manuscritos, e publicasse logo em 1791 os *Queixumes do Pastor Elmano*, os *Idílios marítimos recitados na Academia de Belas-Letras*, e a primeira parte das suas *Rimas*. As sessões poéticas, presididas pelo beneficiado Domingos de Caldas Barbosa, que tinha o nome arcádico de *Sereno Selinuntino*, eram chamadas as *Quartas-Feiras de Lerenó*, e ali, à maneira das Academias da Itália, havia também mesa posta. Historiemos um pouco a formação desta Academia; o motivo do seu aparecimento era o ocupar a atenção, porque todas as conversas eram perigosas, e o zelo de Manique envolvia em suspeitas desde os mais humildes até aos maiores potentados como o Duque de Lafões. Nesta época a poesia era considerada como uma prenda, que servia para aproximar um homem dos fidalgos, ser admitido à mesa com os seus criados, pedir-lhe esmola em verso; não havia a alta compreensão da arte nem a dignidade do escritor, como a implantou Goethe; a poesia tinha apenas a importância de ser cultivada pelos desembargadores e palacianos e pelos príncipes que aceitavam odes genéticas e natalícias. Formar uma Academia poética dentro deste meio impossível, não tinha outro intuito mais elevado do que o simples passatempo. Partiu a ideia de Belchior Manuel Curvo Semedo, conhecido pelo nome arcádico de *Belmiro Transtagano*, e de Joaquim Severino Ferraz de Campos, *Alcino Lisboense*. É admissível que a preponderância dada ao beneficiado Caldas na Nova Arcádia viesse da protecção que alcançou para ela do Conde de Pombeiro. Para o fidalgo o ter uma Academia em casa era também uma distinção heráldica. Convidaram os principais poetas da corte, Manuel Maria Barbosa du Bocage, que adoptou o nome de *Elmano Sadino*, José Agostinho de Macedo, o de *Elmiro Tagideu*; o Dr. José Tomás da Silva Quintanilha, *Eurindo Nonacriense*, Francisco Joaquim Bingre, *Francélio Vouguense*, Tomás António dos Santos Silva, *Tomino Sadino*, o abade de Almoester, Joaquim Francisco de Araújo Freire Barbosa, *Coridon Neptunino*, Luís Correia do Amaral França, *Meliseu Cilénio*, Joaquim Martins da Costa, *Cassidro Ulissiponense*, e alguns outros poetas, que ficaram ignorados. Além das sessões da quarta-feira, celebravam uma sessão especial a 8 de Dezembro à Conceição da Virgem. Bocage cumpriu o programa, porque nas suas Obras se encontram dois cantos e uma cantata a esse forçado assunto académico; isto determina o tempo que permaneceu na Nova Arcádia, de 1790 a 1793, porque no *Almanaque das Musas*, publicação oficial da Academia desse ano, já se admitem invectivas contra Bocage da parte de Amaral França e do abade de Almoester. O alvo principal das sátiras de Bocage foram, em primeiro lugar, o beneficiado Caldas, pelo facto da presidência e pelo seu culto exagerado pelas *modinhas* brasileiras, Curvo Semedo, o abade de Almoester, Amaral França, Dr. Tomás José Quintanilha, e o Dr. Manuel Bernardo de Sousa Melo. Com Bingre e Ferraz de

Campos conservou inquebrantável amizade, e só veio a rompam directamente com José Agostinho de Macedo mais tarde, posto que também o abocanhe com os outros. O soneto que perturbou aquele remanso pastoral é nervoso e vibrante, e não havia fleuma que lhe resistisse:

Preside o neto da rainha Ginga
À corja vil, aduladora, insana:
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos desiguais se esgota a pinga:

Vem pão, manteiga e chá, tudo à catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o orangotango a corda à banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga;

Um bando de comparsas logo acode
Do fofo Conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Aplaudem de contínuo as frioleiras,
Belmiro em ditirambo, o ex-frade em ode;
Eis aqui de Lerenó as quartas-feiras.

O comentário deste soneto é a história anedótica desta efêmera sociedade poética; bastava encontrarem-se ali Bocage e Macedo, um vaidoso, o outro vaidoso, irascível e reservado, para ser em breve impossível toda a conciliação. O beneficiado Domingos Caldas Barbosa, curta mediocridade poética, não tinha competência para dirigir quaisquer trabalhos literários, e devia a sua celebridade à prenda então estimável de cantar *modinhas brasileiras* nas reuniões de família. Nascido no Rio de Janeiro de uma escrava africana (1740), Bocage não lhe podia perdoar esta condição e atacava-o pela cor, pelas suas canções em redondilha menor improvisada à guitarra, às quais o acento brasileiro fazia realçar esses lânguidos requebros tão bem descritos por Beckford. A presidência foi-lhe dada pela protecção do Conde de Pombeiro a favor da Nova Arcádia. Numa folha volante in-octavo de 1777, ao casamento de António de Vasconcelos e Sousa, escreve Caldas, então de pouco chegada do Brasil, aludindo ao seu próprio destino:

Tu participarás (me continua)
Destes dias ditosos,
Depende a tua sorte
Da mão benigna dos fiéis esposos,
Canta quem te segura
Dos insultos da horrída ventura,
Ouça o mundo na Lira americana
Sempre os nomes de António e Mariana.²⁹

Os insultos da horrída ventura eram as alusões cruas à sua cor de mulato, o terem-no forçado ao serviço militar na colónia do Sacramento; na casa do Conde de Pombeiro

²⁹ *Nas Felizes Nupcias*, etc., p. 7. Na Régia Oficina Tipográfica, 1777.

achou protecção como antigo da família, por cuja influência recebeu as ordens menores para alcançar o lugar de beneficiado da Casa da Suplicação. Natureza constantemente ultrajada por causa do seu nascimento, adquiriu uma tolerância que o tornava benquisto; nos virulentos ataques de Bocage, o beneficiado Caldas não respondia. O gosto da *modinha*, que reinava na sociedade lisbonense, é que o fazia procurado e ouvido; como brasileiro e improvisador acompanhando-se ele próprio à viola, dava-lhe um encanto estranho que chegou a influir no gosto literário. Por esta parte o protesto de Bocage era fundado, como era da parte de Filinto, quando também verbera:

Os versinhos anãos a anãs Nerinas,
Do cantarino Caldas, a quem parvos
Põem a alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro peru os alvura ao branco cisne.

A culpa não estava da parte do Caldas, mas da sociedade ignara que se comprazia com esse género tradicional, renascido no século XVIII no gosto português. A sua colecção de *modinhas* improvisadas foi coligida sob o título de *Viola de Lereno*; sem a música e os enlevos das reuniões familiares, estas pequeninas peças líricas pouco valem, mas ainda hoje são recordadas com saudade pelas que foram inocentes meninas no princípio deste século.

Caldas faleceu repentinamente a 9 de Novembro de 1800, antes dos sentimentos de reconciliação de Bocage.

No soneto *Aos sócios da Nova Arcádia* é que Bocage indica quais eram os que lhe acendiam a ira poética:

Vós, ó França, Semedos, Quintanilhas,
Macedos, e outras pestes condenadas, etc.

Depois de ferido no *Almanaque das Musas* é que Bocage prorrompeu:

Contra Elmano Sadino urrando avança
O estéril Coridon, o vão Belmiro,
Bernardo, o Nénias, lúgubre vampiro
Que do extinto Miguei possui a herança:

O curto Quintanilha, o torpe França,
O tonsurado retumbante Elmiro,
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo que pedrada de criança:

Por fim ameaça-os que há-de: «Perder doze vinténs num *Almanaque*». A linguagem que empregavam nas suas mútuas diatribes métricas descambava insensivelmente na obscenidade e nas situações decamerónicas. Era o que fazia rir e interessar o público pela discórdia; os sonetos repetiam-se de cor pelos botequins e pasmatórios, eram coroados por grandes gargalhadas alvares, e ficavam na tradição dos tempos de rara felicidade, como se chama ao nosso antigo regime. A melhor parte destas poesias está perdida por ter ficado inédita, e por isso é difícil descrever esta

pugna literária, que não teve alcance, porque não passou de meras personalidades e que se esqueceu no meio dos assombrosos sucessos que se estavam passando em 1793, e que iam transformar a vida das nações. Antes porém de entrarmos nesta fase da história na sua pequena relação a Portugal e na parte de que se inspirou Bocage que todos os seus biógrafos sempre têm evitado, esboçaremos o resto dessa pequena rixa de vaidades que deu em terra com a Nova Arcádia. Um dos sócios mais importantes e contra quem Bocage investe denodado, é o bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra Luís Correia da França e Amaral (*Meliseu Cilénio*), nascido em 1725 e já em 1764 sócio da primeira Arcádia. Contava ao tempo destas lutas sessenta e oito anos de idade, e, apesar de ter ferido Bocage no seu lado vulnerável, o *abuso das antíteses e tautologias*:

Mil narizes de cera revolvendo,

que veio a ser depois conhecido pelo nome de *elmanismo*, França não tinha pulso para se bater com Bocage e foi reduzido ao perpétuo silêncio. O soneto à *Vera efígie do Dr. Luís Correia da França e Amaral, que poderá servir de busca a toda a pessoa que nesta cidade o queira procurar*, é uma caricatura digna de comparar-se com uma miniatura de Callot:

Rapada, amarelenta cabeleira;
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda;
Boca que à parte esquerda se acomoda
(Uns afirmam que fede, outros que cheira);

Japona, que da ladra andou na feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira;

Russo calção, que *espipa* no joelho,
Meia e sapato, com que ao lodo avança,
Vindo a encontrar-se co esburgado artelho;

Jarra, com apetites de criança;
Cara com semelhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o Doutor França.

Este rápido desenho tem para nós a beleza de conservar vivo um tipo da defunta sociedade portuguesa do século XVIII. Os versos de França e Amaral são batidos no molde arcádico, sem talento e pela força da moda do seu tempo que obrigava a poetar a todo o homem que frequentava a boa roda.

Depois de França, o abade de Almoester Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa (*Coridon Neptunino*) era o que dava mais pega à vivacidade de Bocage e que também teve o mau sestro de o atacar no *Almanaque das Musas*, com o anagrama infeliz de *Gecabo*. O abade também como o Caldas cantava modinhas à banza, e pela leitura dos poetas franceses da corte de Luís XIV, fazia tragédias, e traduzia os idílios de Gessner sobre a prosa francesa. Não era preciso mais nada; Bocage salta-lhe nas ancas:

O mundo a porfiar que o Franco é tolo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!

Irira!, o padre-vigário é insolente,
Raspem-lhe as mãos e ferva-lhe o carolo.

Depois remata enumerando-lhe as composições literárias como outros tantos labéus:

Ora, vão trovador do Herói do Egípto,
Tu não ouves, não vês o que se passa
Acerca dos papéis que tens escrito?

A cópia de Gessner deu-se de graça;
Psique jaz de capela e de palmito;
Sesóstris infeliz morreu de traça.

As composições do abade de Almoester que pertencem ao género lírico, e que tanta luz derramariam sobre esta época da vida de Bocage, ficaram inéditas e porventura perdidas.

O mais terrível dos sócios da Nova Arcádia e que tinha algum merecimento literário, era Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira (*Belmiro Transtagano*), com quem Bocage se achou de frente, e com quem de futuro veio a reconciliar-se. *Belmiro* tomara o apelido de *Transtagano* por ser natural de Monte-moro-Novo, e aos exercícios arcádicos escolhera um género insensato, o *Ditirambo*, em que se descreve os prazeres e paixões excitadas pelo vinho para se tornar original. Ele ataca Bocage pelo lado fraco da vaidade, aludindo à frase costumada do improvisador nos seus mais felizes repentis: *Isto é meu! isto não morre*:

Mas hoje para ser poeta insigne
Basta dizer: Componho ínclitos versos!
E depois de vestir com falsas cores
Hipérbole ou antítese rançosa
Exclamas: Isto é meu, isto não morre!
O amor-próprio dá leis, reina a vaidade.

Bocage atassalha-o em diferentes sonetos, retratando-o física e moralmente, como poeta do rei de Lilipute. Liam-se então cá *As Viagens de Gulliver* de Swift. Semedo (n. 1766) era partidário do antigo regime, e portanto inimigo de Bocage, que pendia para o jacobinismo; nesta luta da Nova Arcádia não se deve esquecer a parte da dissidência de sentimentos políticos. Bocage ataca os *Ditirambos* de Semedo, mas era-lhe impossível para o seu tempo compreender onde é que estava a falsidade desse género poético. O *ditirambo* era um hino mítico, com que celebravam os heróis nos seus desastres, e porque Dioniso era o único deus sujeito a estes acidentes, por isso se tornou o motivo principal desses cantos. Daqui se vê que esta forma tradicional do politeísmo helénico não tem porquê algum que o ligue aos hábitos literários de nenhuma outra civilização; na Grécia, este canto nacional teve a sua influência na formação da tragédia,³⁰ como o diz Aristóteles: «A tragédia teve o seu ponto de partida dos cantores do *ditirambo*»; se as literaturas modernas tinham de imitar a Grécia seria na tragédia, mas não nas formas ainda ligadas aos mitos. Isto nos mostra o que podia fazer uma Academia que compreendia tão inorganicamente a poesia. Semedo, como quase todos os poetas do

³⁰ Ottfried Müller, *História da Literatura Grega*, tomo II, p. 153. Trad. Hildbrando.

nosso século XVIII que tiveram profissões civis as mais prosaicas era capitão de Engenheiros e escrivão da Mesa Grande dos Portos Secos da Alfândega Grande de Lisboa. Já se vê por que via eram trazidos para a corrente poética.

José Tomás da Silva Quintanilha (*Eurindo Nonacriense*), com quem Bocage se honrava quando compusera a cantata de *Leandro e Hero*, e ele lhe glosara uma quadra, foi também vítima da fúria métrica, por ter cantado numa ode os almoços do beneficiado Caldas. O ódio de Bocage agravou-se mais tarde por saber que o Dr. Quintanilha é que vulgarizara a célebre sátira de José Agostinho de Macedo, e por isso diz na réplica, a *Pena de Talião*: «Todos sabem a aplicação antiga daquele meu verso:

Quintaniha, pigmeu de corpo e na alma;

Se houver todavia quem a ignore, declaro que pertence a um nojento homúnculo, engenheiro de miudezas métricas, a quem o esquecimento de uma vírgula arruinou um soneto, e que propaga e palmeia a sátira de Elmiro; porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus nada *Tantum sufficit hoc.*»

Quintanilha era formado em Leis, e aceitou um despacho para a magistratura do Brasil, casou no Maranhão e os seus descendentes ainda conservam inéditas as suas numerosas composições arcádicas, que, se o não elevariam, pelo menos viriam esclarecer esta época literária.

As lutas entre Bocage e José Agostinho tiveram princípio nesta dissolução da Nova Arcádia, mas não se agravaram logo; é até possível que fossem ataques simulados, porque Macedo também compôs uma *Metamorfose de Lerenio em papagaio*, que Bocage lhe lança em rosto dizendo que quando a escrevia lhe papava os almoços; e o ter celebrado a ninfa Jacinta e o *Almanaque das Musas*. Ao condenar a Nova Arcádia, Bocage descreve as quartas-feiras de Loreno, que o ex-frade aplaude em ode (soneto XXIV), aludindo a ter sido expulso dos Gracianos e contra os sócios da efêmera Academia cita «*Macedos e outras pestes condenadas*» (soneto XXV), repetindo:

O tonsurado retumbante Elmiro, (soneto XXVII).

...e tu ex-frade,

Que em trovas de bumbum levas a palma. (Soneto XXIX)

Apesar das relações íntimas de Macedo com Bocage, a quem dava os manuscritos da sua tradução da *Tebaida* de Estácio para rever, estas beliscadelas não podiam ficar impunes. Bocage também ajudava à queda das suas infelizes tragédias. Macedo não rompeu logo mas reservou-se; como estes versos corriam de mão em mão em cópias de curiosos, é possível que os não conhecesse logo. A sua luta corpo a corpo só rebenta por causa das versões dos poemas didáticos, em que Bocage tornava a ferir o orgulho de Macedo, que só em 1801 é que rompeu abertamente, mas ainda assim deixando conhecer uma convicta admiração.

Da Nova Arcádia conservaram-se neutrais, e pelo seu carácter bondoso, com certeza conciliadores, Joaquim Severino Ferraz de Campos (*Alcino Lisbonense*), Francisco Joaquim Bingre (*Francélio Vouguense*) e Tomás António dos Santos e Silva (*Tomino Sadino*).

De Joaquim Severino Ferraz de Campos (n. 1760 [?], m. 1812 [?]) resta apenas um raro volume de *Rimas*, de 1794; Bocage louva-o, na epístola que começa: «Teus versos li, reli, canoro Alcino», e apresenta-o como uma testemunha dos seus desastres:

Alcino

Tu, que aos delírios meus a origem sabes,
Que os meus extremos viste, e o prémio deles,
E que fruto colhi

Na sua luta com Macedo, Bocage afirma que não é o sentimento da inveja que o impele, confessando que admira Garção, Dinis, e entre eles Ferraz de Campos e João Baptista de Lara (*Albano Ulissiponense*):

Encantador Garção, tu me arrebatas
Audaz vibrando o plectro venusino;
Suave Albano, dedicado Alcino,
Musas do terno Amor, vós me sois gratas...

Embora a tradição considere Joaquim Severino Ferraz de Campos como constante amigo de Bocage, contudo no soneto em que o poeta enumera aqueles que o visitaram na sua doença, que se reconciliaram e o elogiaram nos seus versos, ao referir-se a *Alcino*, diz: «Joaquim Severino Ferraz de Campos, também por mim louvado, e cujo silêncio fere uma constante amizade, contraída na desgraça e esquecida na fortuna.» Nas suas *Rimas*, Ferraz de Campos refere-se às lutas da Nova Arcádia, elogia Curvo Semedo, o rival mais forte que encontrou Bocage, condena o Zoilo, que perturbou a paz do Ménalo; no seu livro publicado em 1794, no fervor da luta literária, nem uma só vez cita o nome de Bocage, sinal de que era contra ele. Eis os trechos mais característicos da sua epístola a Curvo Semedo:

.....
Como é possível, que deixar intentes
Sem motivo real, sem justa causa
A nossa Arcádia em triste soledade?
Queres abandonar fiéis amigos,
Que estremecem por ti, que por ti choram
E que jamais da cândida amizade
Souberam macular as leis sagradas
Por *loucuras* de um *zoilo* arrebatado?
.....

Que não diria a gente imparciável
Se obrar te vira assim errado e louco?
Diria que eras tal qual esse Zoilo,
Por quem deixar nos queres secamente,
Pois se ele foi ingrato em conspirar-se
Contra o seu próprio amigo e companheiro
Tu ingrato és também, pois que pretendes
Deixar tantos amigos, tantos Sócios
Que jamais em seus dias te ofenderam.
Que não diria o metido se observasse
Que sendo tu dos Sócios primitivos
Que este corpo a formar principiaram,
E que tens aumentado a sua glória
Com assíduas fadigas literárias,
Tentavas hoje, o nome teu manchando
Deixá-lo, a semear nele a discórdia...

.....
Deixa embora rosar Zóilos malditos,
Deixa chover mil sátiras infames,
Que a justa imparcial posteridade
Lerá os versos teus cheia de assombro.

Estes versos referem-se inquestionavelmente a Bocage; não têm sido citados pelos outros biógrafos, porque as *Rimas* de Ferraz de Campos são raras. O seu afastamento de Bocage justifica a interpretação que apresentámos.

Bingre foi o poeta que sobreviveu a toda esta geração de árcades, morrendo da mais prolecta idade. A vida de Bingre, desde o seu nascimento em 1763 até 1856, decorreu acompanhando todos os grandes sucessos da história moderna que transformaram a face do mundo. Nas obras de Bingre, que existem na quase totalidade manuscritas e que compulsámos, acham-se gloriosas memórias dos factos mais importantes de que teve notícia, mas conservou-se sempre alheio à actividade do seu século. Aos noventa e três anos achou-se só numa extrema miséria; a vida obstinava-se a fazê-lo assistir ao naufrágio das suas afeições mais caras e a ver a agonia de cinco netos gemendo com fome em volta dele. Tanto Bocage como Macedo e Ferraz de Campos renderam homenagem ao seu talento e à brandura do seu carácter; nas *Considerações Mansas*, chama-lhe Macedo *bom poeta e judicioso homem* e Bocage na tradução do poema de *As Plantas*:

Ferve no audaz Francélio, e rompe os astros
Sacro delírio, destemida insânia.

Pela sua extraordinária longevidade, Bingre era a tradição viva dos tempos da última Arcádia, e o tesouro de todas as anedotas literárias dos poetas seus contemporâneos. A sua existência retirada em Mira, fora de toda a comunicação, e a falta de interesse que havia pelos estudos de história literária, foram causa de se não coligirem excelentes quadros da nessa vida intelectual de século XVIII. Em 1847, o Sr. José Feliciano de Castilho lembrou-se de o interrogar acerca do carácter, génio, e obras inéditas de Bocage; ao que ele respondeu numa carta de 5 de Julho desse ano, contando a constante amizade de José de Seabra da Silva pelo poeta e a vontade que o ministro tinha de o colocar na Biblioteca Pública; o seu carácter bondoso e sentimento caritativo; os serões políticos em casa das filhas do marechal Werne, e os improvisos no Paço por ocasião da primeira filha de D. João VI. Se Bingre fosse interrogado oralmente, ou se alguém coligisse por conversas as suas recordações casuais, muito maior pecúlio de tradições se aproveitaria. A sua carta traz estes belos traços que lhe dizem respeito: «Acantonado há quarenta e seis anos nestes areais de Mira, na longa decrepitude de oitenta e quatro, e sobretudo flagelado com agudíssimas dores de gota, mal posso satisfazer ao que V. me incumbe sobre a biografia de Bocage. Fomos íntimos amigos, e sócios de *uma particular Arcádia*, de cujos alunos julgo que só eu resto, segundo uma carta que me escreveu José Agostinho de Macedo próximo à sua morte; pois me asseverava que só eu, ele e *Lara*, restávamos da nossa sociedade.»³¹ As obras de Bingre são apenas conhecidas pelos diminutos escritos publicados no *Almanaque das Musas*, no *Jornal de Coimbra Mnemósine Lusitana*, *Ramilhete*, e em outras publicações periódicas. Calisto Luís de Abreu, grande amigo de Bingre, que formara e publicara uma pequena colecção com o título de *O Moribundo Cisne do Vouga*, começou em

³¹ *Apud* Livraria Clássica, *Bocage*, tomo II, p. 77.

1858 a coordenar todas as poesias de Bingre com o título de *Estro de Bingre*, precedidas de uma extensa biografia, que consultámos. A morte deste amigo do poeta obstou a que as suas obras viessem à publicidade; debalde ainda, em 1869, o proprietário da Imprensa Portuguesa, natural de Aveiro, tentou publicá-las, mas não foi possível alcançar subscritores que auxiliassem uma tão benemérita empresa.

O outro poeta de que fala Bingre era João Baptista de Lara (*Albano Ulissiponense*), nascido em 1764 e falecido em 7 de Janeiro de 1820; as suas obras arcádicas também ficaram inéditas. A poesia estava em contradição com o seu cargo de escrivão da Mesa Grande do Tabaco, de vogal e secretário da Comissão da Reforma da Alfândega; além disso, como eram sentidas ou moldadas segundo um espírito já extinto na literatura, quase todos estes autores sentiram o anacronismo dessas concepções e deixaram-nas ficar no esquecimento.

No *Almanaque das Musas* também figura António Bersane Leite, conhecido pelo nome arcádico de *Tiónio*, e como o mais constante amigo de Bocage, em cuja casa chegou a viver algum tempo; Bersane era em 1805, ao tempo da morte de Bocage, escrivão da Superintendência das Décimas da freguesia de Bucelas e anexos, e em 1807 emigrou para o Brasil, fixando-se em Minas; um seu neto declara pelas tradições de família, que a *Márcia*, celebrada por Bocage, era D. Maria Vicência Bersane Leite, filha de António Bersane.³² Segundo a tradição conservada pelo poeta D. Gastão Fausto da Câmara e pelo morgado de Assentiz, a *Anália*, celebrada no último período da vida de Bocage, era D. Ana Perpétua, também filha de António Bersane Leite.³³ Qualquer destas tradições, que podem coexistir simultaneamente, mostra-nos as relações de intimidade de Bocage com a família de Bersane, a quem deveu os mais santos carinhos que encontrou na vida. Nas suas Obras celebra a morte de João de Sousa Bersane, pai dos dois poetas António e José Bersane Leite, nessa admirável elegia que começa: «O sábio não vai todo à sepultura». Celebra também a morte da esposa de António Bersane nesse soneto que termina com o mimoso verso: «É nos eleitos um sorriso a morte». A epístola a António Bersane, felicitando-o por sair a público com os seus versos:

Enfim, cedeu *Tiónio* à voz divina:
Já vê com glória o literário mundo
Que brilha um génio mais no céu das artes

deve referir-se a sua primeira publicação em 1793 no *Almanaque das Musas*. É ainda antes das lutas da Nova Arcádia que ele escreveu essa outra excelente ode a José Bersane Leite (*Josino*), em que e aconselha a que cultive desassombradamente a poesia, e lhe indica Camões por modelo:

Lê Camões, lê Camões, com ele a mente
Fertiliza, afervora.
Povoa, fortalece, apura, eleva;
Que o malfadado Elmano
Em tosco domicílio, onde o sopeiam
Carrancudas tristezas,
Afaz o lutuoso pensamento
Ao fantasma da morte.

Nesta mesma ode fala em *Tiónio*, e ainda com estima no Dr. José Tomás da Silva

³² J. Feliciano de Castilho, *Notícia sobre Bocage*, II, p. 262.

³³ *Apud* Inocêncio, *Ed. De Bocage*, vol. I, p. 387.

Quintanilha e em João de Sousa Pacheco Leitão (*Leucácio Ulissiponense*), autor da *Genieida* e do fragmento a *Restauração da liberdade*:

Ora todo te dás ao som divino,
Às líras milagrosas
Do meu *Tiónio*, do atilado *Eurindo*,
De Leucácio fecundo,
Que, acesos despregando ao estro as asas
Pelo cerúleo vácuo
O Sol transcendem, somem-se nos astros,
Do Fado a névoa rompem,
Mistérios sondam, maravilhas palpam,
Enquanto o zoilo inerte
.....
Morde, e remorde as víboras do seio.

Esta ode serve para fixar a época em que Bocage estreitou a sua amizade com a família dos Bersanes, logo que chegou de Macau, até que morreu extenuado, tendo sempre encontrado ali o mais puro sentimento de dedicação e amor. Depois de todos estes neo-arcades, resta falar de Tomás António dos Santos e Silva (*Tomino Sadino*), que se conservou sempre amigo de Bocage; os seus versos são cheios das mais impensadas metáforas e dum intuito neologista que faz dele um Ronsard extemporâneo. Não se pedem hoje ler, mas no seu tempo, talvez pelo efeito da recitação, mereceram elogios absolutos, e totalmente injustificáveis. Teve a desgraça de cegar, e viveu o resto de seus dias no Hospital de S. José, onde morreu; por causa desta circunstância, Bocage comparava-o a Milton; quer na tragédia ou na epopeia, Santos e Silva ia com a corrente e reproduzia sem consciência as velhas formas literárias.

Fora da Nova Arcádia não faltaram outros poetastros que fizessem coro com Semedo e França; citaremos Felisberto Inácio Januário Cordeiro (*Falmeno*), nascido em 1774 e falecido em 1865, contra quem Bocage vibrou e soneto ridicularizando a tragédia *Nuno Gonçalves de Faria*:

Findou-se o drama, pôs-se em movimento
Na boca o riso, o pé com pateada.

Depois deste, Miguel António de Barros (*Melibeu*), nascido em 1772 e falecido em 1827; Bocage considerava-o *a sua sombra*, por ter imitado numa metamorfose *Cineu e Solina*, o *Areneu e Argira* com que Bocage se ufanava, e lançava-lhe em rosto o ser *mestre correeiro*:

Ganha à noite o laurel com que se enrama,
E tendo de manhã varrido a casa
Ao mestre correeiro enrola a cama.³⁴

Bocage também cobriu de ridículo a sua tragédia *Elaine*, no soneto *A lição ao pé da letra*; Barros chamava-lhe *Sultão de Parnaso*. Os outros poetastros que ele atacou, o Dr. Manuel Bernardo de Sousa e Melo (soneto XI), José Daniel Rodrigues da Costa, (sonetos XXXIV, XXXV e XXXVI), o padre Abreu e Lima (soneto LXXXIII) e

³⁴ *Apud Dic. Bibl.*, tomo VI, p. 219.

Saunier, não ofereciam resistência, e são uma prova da intolerância vaidosa de Bocage.

A Nova Arcádia extinguiu-se no meio destas lutas de vaidade, mas conservou-se o seu espírito; todos os poetas que depois se lhe seguiram adoptaram também nomes arcádicos, e por assim dizer constituem uma academia ideal, cujo carácter conservaram como se obedecessem a um modelo imposto oficialmente. A melhor parte desses poetas, amigos íntimos de Bocage, pela imitação da estrutura peculiar dos versos de Elmano, pode bem constituir uma *Escola Elmanista*, em dissidência com os imitadores do verso solto de Filinto ou *Escola Filintista*. Citaremos, entre os poetas elmanistas, Sebastião Xavier Botelho (*Salício*), e outras vezes *Clário*; o Dr. Vicente José Ferreira Cardoso (*Vincénio*), João Vicente Pimentel Maldonado (*Ismeno*), e sua irmã D. Mariana Pimentel Maldonado (*Armânia*); João Baptista Gomes (*Jónio*), Nuno Álvares Pereira Pato Moniz (*Oleno*), D. Gastão Fausto da Câmara (*Anfriso Tagitano*); o morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcelos (*Olivo*), José Maria da Costa e Silva (*Almeno*), António José de Lima Leitão (*Almiro Lacobricense*), D. António da Visitação Freire (*Ontânio*), José Nicolau de Massuelos Pinto (*Josino*), José Rodrigues Pimentel Maia (*Menalca*), Bento Henriques Soares (*Bermuíno*). Esta escola bocagiana teve ainda neste século um distintíssimo representante, que reproduziu na sua maior perfeição a feição *elmanista*, no poemeto *Cartas de Eco e Narciso*; era António Feliciano de Castilho (*Mémnide Eginense*), que também como Bocage chegou a distinguir-se nas versões poéticas. A escola *filintista*, à qual pertenceram Bento Luís Viana (*Filinto Insulano*), Francisco Freire de Carvalho (*Filinto Júnior*) também se extinguiu deixando o mais eminente escritor da reorganização da literatura portuguesa no período do romantismo, João Baptista de Almeida Garrett (*Jónio Duriense*), que não renegou as composições arcádicas das *Flores sem Fruto* e da *Lírica de João Mínimo*.

Estudámos até aqui Bocage dentro do meio literário que ele pôde dominar pela sátira, mas que não soube dirigir pelo critério; falta-nos ver a sua luta dentro do meio social, que o venceu, que o anulou e que o levou a esse desalento e inanição prematura que antecedeu a sua morte. Lembrando-nos das palavras com que o retrata o seu amigo Bingre: «Foi honrado, verdadeiro, liberal, e *muito amante da sua liberdade e figadal inimigo da escravidão*», é que se vê como numa sociedade cuja ordem era sustentada pela espionagem e pela ausência de ideias, o desespero seria a sua principal inspiração e a obscenidade o seu protesto. Um tal carácter, pela numerosa porção de anedotas que se contam e toda a gente repete sobre Bocage, está assaz acentuado; o que falta é estudar a fisionomia moral dessa época que vai do seu regresso de Macau em 1790 até 1805, em que morreu; e, uma vez traçado um tal quadro, conhecer-se-á que as desgraças deste talento desvairado eram inevitáveis, estavam na lógica dos sucessos, porque o seu espírito tinha uma aspiração que a sociedade portuguesa só começou a sentir em 1820.

O talento de Bocage não podia ter o desenvolvimento de que era capaz, sob o regime da polícia cesarista, coadjuvado pela intolerância inquisitorial; a vida de Bocage (1765-1805) está inclusa dentro do terrível domínio do intendente Manique, que o perseguiu por vezes, de cujas garras o ministro José de Seabra da Silva conseguiu tirá-lo entregando-o à inquisição para mais facilmente o restituir à liberdade. O despotismo de Luís XIV foi imitado em Portugal, copiando-se logo a instituição de uma *Intendência-Geral da Polícia da Corte e Reino*, criada por Alvará de 25 de Junho de 1760: «A lei da criação da Polícia em Portugal, foi tirada muita parte dela da Legislação de França, aonde tem feito os maiores progressos a Polícia e conseguido os fins a que ela se propõe e assim o têm adoptado as cortes mais civis da Europa.» É esta a confissão do próprio Manique, numa Conta para as Secretarias em 1783,³⁵ noutras partes dos seus pequenos

³⁵ Livro I, a fls. 544 v., Torre do Tombo.

relatórios declara quais são os elementos técnicos que o dirigem, e entre eles enumera Mr. de la Marre, o *Código de Polícia de Luís XIV*, o *Tratado de Polícia* de João Pedro Willebrand e o *Dicionário de Polícia*.³⁶ Manique só foi nomeado para intendente-geral em 1764, tendo-o precedido neste cargo os desembargadores Inácio Ferreira Souto e Manuel Gonçalves de Miranda.³⁷ Em 1762, Manique havia acompanhado o Exército Auxiliar da Grã-Bretanha e sustentado à sua custa vinte soldados do Regimento de Almeida até 1763. Desembargador do Paço e administrador da Casa do Infantado, foi pela sua actividade infatigável nomeado para o cargo de intendente, tendo por ajudante seu irmão, o desembargador António Joaquim de Pina Manique, que faleceu pouco tempo depois. Ele fundou um sistema de espionagem, a que chamava *Moscas*, e, até à época da Revolução Francesa, a sua preocupação era fechar por todos os modos a entrada aos livros dos Enciclopedistas e aos libelos jesuíticos.³⁸ Em 1780, já ele estava tão acreditado no ânimo da realeza que D. Maria I legalizou-lhe todas as arbitrariedades futuras, dando-lhe por Alvará de 15 de Janeiro desse ano umas Instruções secretas que nunca seria obrigado a mostrar. Tendo já doze anos deste serviço odioso e inundado todo o país de ofícios e providências, muitos ministros o acusavam ao poder real de arbitrariedade e de invasões discricionárias nos seus poderes.³⁹ Porém, o intendente-geral defendia-se com o seu selo pela soberania, pela religião e bons costumes, dizendo que nas obrigações do seu cargo gastara o que havia herdado de seus pais. Era o déspota na sua maior sinceridade, abafando a sociedade do seu tempo, lutando contra a corrente revolucionária sem a compreender, acusando de suspeição as maiores capacidades que então existiam, intimidando todos os poderes com o terror das ideias francesas. Começou a exercer este cargo, como dissemos, um ano antes de Bocage nascer, e acabou em 1805, morrendo no mesmo ano em que sucumbiu o poeta; esta coincidência, que não foi sem uma influência deprimente no talento de Bocage, representa-nos a acção deste regime da polícia de Luís XIV aplicada a uma sociedade que tanto precisava de noções científicas, e que, no momento em que se tentava este passo pela fundação da *Academia das Ciências*, os seus principais organizadores como o Duque de Lafões, o Abade Correia da Serra, Ferreira Gordo e o padre António Pereira de Figueiredo eram indicados como jacobinos e perseguidos.

Manique empregou algumas vezes o seu poder arbitrário em criações de utilidade pública que honram o seu espírito de iniciativa; assim, vendo que os crimes praticados durante a noite em Lisboa eram resultantes da falta de iluminação, em 17 de Dezembro de 1780 mandou organizar este melhoramento, que constou logo de 770 candeeiros, até ao princípio de 1792.⁴⁰ Introduziu também a cultura da batata no Ribatejo, mandando-a vir de Inglaterra;⁴¹ e o linho cânhamo, de Sampetersburgo. Foi e primeiro que falou contra os enterramentos nas igrejas, e é o instituidor da *Casa Pia*, donde se tem derramado até hoje sobre as classes desvalidas incalculáveis benefícios. Pertencia a esta craveira de homens enérgicos que imitaram o Marquês de Pombal, dos quais é um tipo

³⁶ Livro V, a fls. 182.

³⁷ Livro VI, a fls. 167.

³⁸ «...achei um grande número da volumes impressos em português, cuja obra se intitulava – *Resposta Crítica a uma Obra Intitulada "Paraguai", Feita por José Basílio da Gama*. E, lendo poucas palavras, e abrindo em diversas partes um dos mesmos volumes, vi que era um libelo famoso infame contra a memória do Augusto pai, o sr. D. José I, e do seu Ministro.» (*Contas para as Secretarias*, livro II, a fls. 294 v.) – Passava-se isto em 1784 e era por via do Embaixador da Alemanha que os papéis dos Jesuítas entravam em Portugal.

³⁹ *Contas para as Secretarias*, livro I, a fls. 543.

⁴⁰ *Ibidem*, livro VI, e fls. 235 v. Até 1783 havia lanterneiros pela cidade, a quem se pagava ao quarto. Livro II, a fls. 13 v.

⁴¹ *Ibidem*, livro V, a fls. 296.

completo o célebre Francisco de Almada, no Porto. Deixamos aqui em relevo este lado bom, para que no exame das suas prepotências não pareçamos injustos.

Desde 1790, em que Bocage regressou de Macau, até ao fim das lutas com os poetas da Nova Arcádia, haviam-se passado os factos mais extraordinários na Europa; o poeta não foi totalmente estranho aos sentimentos que esses sucessos suscitavam, e os seus inimigos literários aproveitaram-se disso para lhe aturdir a vida com mais tempestades. Num soneto, escrito no cárcere, Bocage é bem explícito:

Mas turba vil, que abato, anseio e espanto,
Urde em meu dano abominável trama;

Por aqui se vê que os inimigos da Nova Arcádia procuraram fazê-lo passar como revolucionário aos olhos do intendente Manique. Vejamos a marcha dos acontecimentos até ao tempo em que Manique se apodera de Bocage em 1797. Quando Bocage regressou à pátria, era o assunto das conversações proibidas a constituição da *Assembleia Nacional* de Paris, em 17 de Junho de 1789; a sua luta com o rei; a tomada e a destruição da Bastilha, a 14 de Julho desse ano; a abolição dos privilégios, a 4 de Agosto; a supressão das gabelas, a 21 de Março de 1790; a instituição do júri, a 5 de Abril; a alienação dos bens nacionais, de 13 de Maio; o voto da Assembleia Nacional, para que se levantasse uma estátua a Rousseau, de 21 de Dezembro. Numa sociedade atrofiada sob um perpétuo governo paternal, estes sucessos eram considerados como sinais precursores de dia de Juízo. As longas viagens e os desastres da vida de Bocage davam-lhe um critério mais claro para ver o que se estava passando; os voos do seu entusiasmo irreflectido não deixariam de o tornar suspeito, e nos seus sonetos, que se repetiam pelos botequins, existia fundamento para todas as arbitrariedades; o soneto que traz a rubrica *Contra o Despotismo*, refere-se à queda das velhas instituições feudais, mas tem um sentido ambíguo, que os partidários da antigo regime podiam aplicar à Revolução:

Sanhudo, inexorável Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a fúria cevas,
Que em mil quadros horríficos te enlevas,
Obra da Iniquidade e do Ateísmo:

Assanhas o danado Fanatismo
Porque te escore o trono onde te enlevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a Razão num denso abismo:

O que se passava no meio frequentado por Bocage, os cafés, acha-se oficialmente descrito nas *Contas para as Secretarias*, pelo intendente-geral da Polícia: «Ponho nas mãos de V. Ex^a a Relação dos Franceses que embarquei no dia 25 do presente (Junho de 1792), que andavam espalhados por esta corte, sem fim que os obrigasse a vir a ela, entrando pelos cafés e bilhares a referir os factos da liberdade, que haviam praticado os Franceses para se tirarem da Escravidão, em que se achavam sujeitos. ao poder de um homem, que era o Rei que os governava, e os tinha como em escravidão, contando para abonar o sossego e tranquilidade em que estava a França, as festas de alegria que o povo de um e outro sexo tinham feito por terem conseguido a sua liberdade, e que até duzentas donzelas em Baiona fizeram a sua festa, levantando seis mastros, um com a bandeira inglesa, outro com a bandeira dos Americanos-Ingleses, e por baixo de uma e

outra a bandeira branca com as palavras – *Viva a Liberdade, e morram aqueles que a impedirem*. – V. Ex^a conhecerá quanto são perigosas estas gentes, e que se espalhem pelo povo rústico e se entretendam em ouvirem estes contos.»⁴² A onda vem crescendo; Manique torna-se um Briareu para sufocar as mil cabeças da hidra revolucionária; ele estabelece um sistema de *legitimação pela Polícia*, para que os estrangeiros possam entrar em Portugal. A prisão de Luís XVI é já conhecida em Lisboa, e Manique pressente os disfarces dos Jacobinos: «Vou à presença de V. Ex^a (escrevia ele a 18 de Agosto de 1792 ao ministro José de Seabra da Silva), a dar-lhe parte que é chegado a esta corte um *Jacobino*, que vem caracterizado secretário da Embaixada de França; e o correio Baptista. que o foi de D. Vicente de Sousa, que veio no mesmo navio com ele, informará a V. Ex^a dos seus procederes, e até me faz lembrar que estas vindas de secretários todos para a Embaixada de França, que é um meio de se introduzirem, pouparem algum procedimento e se exobrigarem melhor para os seus fins... E como V. Ex^a me encarregou a diligência dos quatro *Jacobinos*, que saíram de Veneza no dia 22 de Junho e que seguiam viagem para Portugal, combinando esta notícia com o que me acaba de dizer o Baptista, deste secretário Pedro Chegry e com outro que acaba de chegar no navio *Dois Irmãos*, faz alguma inquietação no meu ânimo.»⁴³ As cantigas francesas, que fizeram a melhor parte da Revolução e que prepararam as mais admiráveis vitórias dos exércitos da República, começaram também a penetrar em Portugal; eram uma vertigem a que se não resistia. O Intendente Manique receia-se de tudo, e procura abafar essas vozes alucinadoras. Na *Conta* ao marquês mordomo-mor, de 9 de Novembro de 1792, escreve: «Do Sumário que passo às mãos de V. Ex^a se conhece ser certo o que praticaram os Franceses da tripulação do Navio que está embargado a requerimento de Jacinto Fernandes Bandeira, surto defronte do Cais de Belém e que as palavras que proferiam, *cantando pelas ruas* daquele lugar, era; – *Viva a Liberdade e morram os aristocráticos, e se ponham todos à lanterna, e irá sempre avante o que se acha principiado* –, tocando um deles uma gaita.» Era a cantiga de *Çà ira* que soava em volta das muralhas desta Jericó. O activo Manique confessa os seus terrores: «V. Ex^a levando tudo à presença de Sua Majestade lhe dará o peso que merece este facto, que é bem recomendável; que *assim como foi cantado em língua francesa, se o tivesse sido em português, poderia talvez ter dado maior cuidado.*»⁴⁴ O povo português estava mudo, não tinha cantigas, e os escritores versejavam nas suas academias sobre as graças das Marílias, ou os mais populares, como o Malhão, escreviam:

Os Reis são dom celeste,
Instrumentos por que essa Mão eterna
Aqui e ali prudente nos governa!
Firmai o régio assento,
Vingai o Ceptro, dai ao mundo a prova
Daquela fé que em Lusos não é morta.⁴⁵

Junto do Paço da Ajuda já essas cantigas tremendas soavam, e o governo paternal dormia entregue aos desvelos da sua Intendência da Polícia, que, em outro officio da data supra, repetia: «que todos os domingos e dias santos, segundo agora me informam, andam por aquele sítio com uma gaitinha, dizendo em francês – *Viva a Liberdade e*

⁴² *Ibidem*, livro III, a fls. 232 v.

⁴³ *Ibidem*, livro III, a fls. 248.

⁴⁴ *Ibidem*, livro III, a fls. 281.

⁴⁵ *Aos Portugueses no Rossilhão*, por Francisco Gomes da Silveira Malhão est. X.

morra a Nobreza... e que tem ido cantar defronte do Paço da Ajuda. na presença da guarda. Como a matéria é séria e se não deve tomar em desprezo, dou parte a V. Ex^a para fazer presente ao Príncipe Regente, nosso Senhor...»⁴⁶ Sem dúvida, Manique fazia aqui uma alusão ao liberalismo de José de Seabra da Silva, que não queria aterrar-se com as apreensões do intendente. A 21 de Setembro havia sido inaugurada a *Convenção Nacional* sobre a ruína da Assembleia Legislativa, proclamada a República, e abolida a realeza em França. Se estes sucessos tanto interessavam a abstracção filosófica de Kant, os sectários do governo paternal faziam como os serafins, fechavam os olhos para não verem. A 18 de Dezembro decreta a *Convenção Nacional* que Luís XVI seja julgado por ela; pouco depois era chegado a Lisboa, disfarçado com o título de barão de Ringler, o grande ministro das Finanças de Luís XVI, *Calonne*, o homem mais adaptado para apressar a queda do velho regime, como admiravelmente o caracteriza Michelet. O intendente também se receia de Calonne e das pessoas que vêm com ele, e mandou-o acompanhar pelos *seus espiões e moscas*.⁴⁷

Depois da execução de Luís XVI, a 21 de Janeiro de 1793⁴⁸, é que o intendente-geral da Polícia começa a ordenar as prisões contra os portugueses suspeitos de aderirem por qualquer palavra ou gesto às ideias francesas. É nesta via de suspeições, mesmo contra os homens mais eminentes da nobreza ou da ciência, que Bocage se acha envolvido, como adiante veremos. Na *Conta* ao mordomo-mor, de 9 de Março de 1793, enumera os seus actos de dedicação pela segurança pública: «Ponho nas mãos de V. Ex^a a devassa a que mandei proceder pelo desembargador Francisco Pereira, corregedor do crime do Bairro do Rossio, sobre os factos contemplados no Auto fl. 6, que havia praticado Francisco dos Reis Dantas, procurador de causas, *andando por alguns cafés*, e se provam da mesma devassa e da conta que me dá o sobredito corregedor, que acompanha a dita devassa, verá V. Ex^a especificados os factos que deram motivo a este procedimento e de que é réu o sobredito Francisco dos Reis Dantas, e que é perigoso e de um génio proporcionado para promover a discórdia e se servirem dele aqueles que pretenderem espalhar no público *aquelas liberdades que têm adoptado os tais chamados Filósofos modernos*.» Nesta mesma *Conta* mostra o perigo das pinturas das caixas de rapé, que eram então uma das elegâncias dos peraltas: «Da mesma devassa verá V. Ex^a que o dono do café ou loja de bebidas, e com particularidade o filho deste, toleravam estas conversações com indiferença; e que um alferes de cavalaria de Alcântara, chamado Joaquim, de alcunha o Aitona, mostrava em acção de regozijo a sua caixa de tabaco, que tinha uma pintura, e nela um letreiro que dizia – *Viva a Liberdade* – naquelas ocasiões que ia à mesma loja.»⁴⁹ Os botequins eram então os únicos centros que Manique mais temia, e justamente onde Bocage se achava com mais frequência. Os seus improvisos contra os neo-arcades, foram sem dúvida um meio por onde a Polícia

⁴⁶ *Contas*, etc., livro III, a fls. 286.

⁴⁷ «Da conta inclusa que me dá o corregedor do Bairro de Romulares, que passo à mão de V. Ex^a, verá V. Ex^a que se acha nesta corte o célebre *Mr. de Calonne*, que foi secretário de estado em França e que vem mascarado com o título de Barão de Ringler, dizendo ser inglês; que este disfarce e máscara me dá alguma coisa que meditar na presente conjuntura, e vêm na sua companhia outros, que declara o corregedor na dita conta, que talvez venham também mascarados. Fico fazendo as minhas pesquisas, e lhes mando por *espiões e moscas* a ver se consigo mais alguma coisa que seja útil à minha comissão, e por outra parte, a quem ele se dirige e as pessoas que o procuram, de que darei parte a V. Ex^a. Queira V. Ex^a dar parte a S. A. o Príncipe N. S. para determinar o que lhe parecer devo mais praticar. – II.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Marquês Mordomo-Mor. Lisboa, 14 de Dezembro da 1792.» (*Contas para as Secretarias*, livro III, a fls. 256, v.)

Observaremos que o *Muchard* é o espião da polícia francesa, e que Manique, adoptando os seus regulamentos, também aceitou e designação de *Moscas*.

⁴⁸ Alude a ela no livro IV, a fls. 181.

⁴⁹ *Contas para as Secretarias*, livro IV, a fls. 17 v.

não se lembrou logo de persegui-lo. Começou também a perseguição contra os livros; o bom romance de Lesage, *Gil Brás de Santilhana*, foi considerado como próprio para precipitar a mocidade⁵⁰; Manique recebera notícia de Paris, que se estava ali imprimindo em português a *Constituição Francesa* e a *Folhinha do Pai Gerardo*;⁵¹ e acusa o livreiro francês Lequens, estabelecido em Lisboa, como jacobino. Tudo para ele é emissário secreto da *Convenção Nacional*; de um tal Darbó (Durbaut) diz: «É também daqueles célebres esquentados e bota-fogo, e capaz de intentar tudo o que for mau, imitando aqueles que cá o mandaram.»⁵² Manique prevê o modo como se pode repercutir a Revolução em Portugal: «Se este homem tiver as ideias negras, junto com os seus sequazes, e com aqueles que eles possam ter ganhado, em um ajuntamento de povo nos dias santos ou em uma noite de luminárias se deliberarem a dar vozes, que consequências tristes se não podem seguir!» O livreiro José Dubie «já havia sido por duas diversas vezes preso pela achada de livros *incendiários* que espalhava e vendia nesta corte».⁵³ Se se fechava por todos os meios a entrada aos livros científicos, aos periódicos, se a Inconfidência devassava todos os segredos da correspondência diplomática, nem por isso se podiam calar os factos, que traziam a sua eloquência subversiva. Os navios mercantes traziam notícias das coisas, e na Praça do Comércio é que vogavam os boatos mais aterradores para a solicitude de Manique. Para ele eram suspeitos todos aqueles que frequentavam a Praça do Comércio; a 16 de Outubro de 1793 havia sido condenada à morte a rainha Maria Antonieta, e a 7 de Novembro substituído ao culto católico o culto da *Razão*; por isso, Manique, procedendo por ordem superior à soltura de Pedro Lannes, redarguiu com má vontade: *é um jacobino, e como tal está disposto a praticar tudo o que é mau*.⁵⁴

A morte da Rainha, cercada de todas as legendas realistas da beleza e candura da alma, produziu uma impressão em todas as cortes da Europa, que lhe ia preparando a beatificação; Bocage celebra este acontecimento na elegia *A trágica morte da Rainha de França Maria Antonieta, guilhotinada aos 16 de Outubro de 1793*, de um modo que lhe garantiu a liberdade e as graças do intendente por mais algum tempo:

Século horrendo aos séculos vindouros,
Que ias inutilmente acumulando
Das artes, das ciências os tesouros...

Nestes versos estão as causas morais da Revolução Francesa; o predomínio das Artes e das Ciências pôs a consciência individual em estado de julgar as instituições políticas, que estavam imóveis desde Luís XIV. Assim como Bocage passava inconscientemente por esta causa, também Manique apreendia e mandava queimar pelo carrasco os livros dos *filósofos modernos*, como ele chamava a tudo o que podia trazer alguma faísca das novas ideias. Bocage sensibiliza-se pela sorte da mulher formosa:

Que vítima gentil, muda, e serena
Brilha entre espesso, detestável bando,
Nas sombras da calúnia, que a condena

⁵⁰ *Contas para as Secretarias*, livro IV, e fls. 187.

⁵¹ *Ibidem*, a fls. 32 de 25 de Abril de 1793. – Diogo Borel introduziu em Portugal 12000 exemplares da *Constituição Francesa*. *Ibidem*, livro VII, a fls. 52.

⁵² *Ibidem*, a fls. 26 v., 7 do Abril de 1793.

⁵³ *Ibidem*, a fls. 93, 4 do Janeiro de 1794.

⁵⁴ *Ibidem*, livro IV, a lis. 76, v.

Orna a paz da inocência o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se voltam para o Céu de quando em quando:

As mães, aquelas mãos, que semearam
Dádivas, prémios, e na mole infância
Com os ceptros auríferos brincaram.

Ludíbrio do furor, e da arrogância
Sofrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da beleza, e da constância....

O poeta termina a sua elegia banal, talvez encomendada por Manique, com esse conceito ainda no nosso tempo comum aos escritores realistas:

Desfruta suma glória, e par ditoso,
Logra em perpétua paz júbilo imenso,
Que o mundo consternado e respeitoso,
Te apronta as aras, te dispõe e incenso.

O sentimentalismo teve este motivo de desabafo; fez-se a legenda de Maria Antonieta como da vítima inocente, porém a história é implacável, e os documentos iluminam a distância, e fazem ver o que se não tinha coragem nem sequer de supor. O descobrimento da Correspondência secreta entre Maria Teresa, mãe da inocente vítima, e o conde Mercy-Argenteau, e também das cartas para a sua filha, veio retratar Maria Antonieta sob uma feição sinistra, vivendo uma vida dissoluta que apressou a Revolução e justifica a guilhotina. Ela dispunha dos dinheiros da nação para as suas favoritas Lamballe, Polignac Guemenée, e seus amantes e parentes; dos cargos públicos para os seus favoritos Resenval, Luxembourg, d’Esterhazy, Guines, Coigny Lauzan, e o seu apaixonado d’Artois. Todos estes factos eram calúnias contra a santa mártir antes da infeliz Correspondência secreta, em que se tramava por via dela em França o cimentar a direcção do Governo austríaco. O jogo vertiginoso fora introduzido na corte para a distrair já não bastava a *cavagnole* ou o *lansquené*, esbanjavam-se somas incalculáveis no *pharaon*, e a rainha despedia os ministros que lhe não entregavam o dinheiro que exigia. As despesas com jóias ultrapassavam a loucura; Luís XVI dá-lhe no primeiro ano do seu reinado 300 000 francos de diamantes e ela compra secretamente uns brincos por 460 000 francos, a pagar em quatro anos; em seguida 100 000 escudos por braceletes; as dívidas avultam e exige do rei mais 2 000 luíses, e o ministro redobra-lhe a pensão da lista civil.⁵⁵ Veio Calonne, galante financeiro, para fazer deslizar esta bombochata cesarista com mais aparato e presteza; o povo tinha o instinto da realidade e sabia tudo. Tomou as contas a quem de direito. Como se poderia ver isto em Portugal, e dentro do século XVIII?

Bocage era poeta e obedeceu à verdade do seu sentimento. No entanto, o povo português sentia que começava uma era nova, e Manique, falando dos perigos de usar *luvas*, e *cocares* como pronúncias de jacobinismo, exclama em Conta de 4 de Junho de 1794: «Para V. Ex^a conhecer o que é o Povo, agora usam por moda o trazerem uma piteira semelhante à espadana de duas cores, que há pelos jardins mais especiais a que chamam fita da liberdade.»⁵⁶ Já se imitava também o jogo da bola e cantavam-se em

⁵⁵ Avenel. *Lundis Revolutionnaires*, *passim*.

⁵⁶ *Contas para as Secretarias*, livro IV, a fls. 145.

português as cantigas revolucionárias: «Em uma casa de pasto da Rua Formosa... se ajuntam inumeráveis gentes e entre eles muitos estrangeiros, particularmente franceses, e que também há um *Jogo de Bola*; domingo passado 3 do presente (Agosto) houve um grande ajuntamento e o seu entretenimento foi cantarem-se em português as cantigas revolucionárias, proferirem-se quantas liberdades daquelas que se proferem na infeliz França contra os Reis, e em uma palavra até de dizerem que era melhor que na Praça do Comércio se levantasse a *Árvore da Liberdade* em lugar da *Estátua de Sua Majestade...*»⁵⁷ Manique aterrava-se com este sintoma novo, pois que havia ali perto uma fábrica de chapéus, e eram os operários que cantavam; com a sua poderosíssima espionagem e suspeições, o intendente funda em Lisboa um terror de uma nova espécie, o terror papelístico das Contas para as Secretarias. Para ele o ministro e o cônsul da América têm o coração na Convencional, e são *Frimações*⁵⁸, e nesta conjuntura aconselha a D. João VI, então príncipe regente, que antes se perca por carta de mais do que de menos. A seguinte Conta mostra-nos como o intendente compreendia o que se passava na Europa, e a lição que daí tira para Portugal:

«Aqui corre uma voz que em Turim se descobriu uma conjuração, de que era cabeça e chefe o ministro da Rússia naquela corte, o qual logo fugiu quando viu presos parte dos seus sócios; e me faz lembrar este facto (a ser verdadeiro) o ministro e cônsul da América em Portugal. Os quais sem hesitação alguma os seus corações estão na *Convencção Nacional* de Paris: o quanto necessário é ver como o Príncipe Nosso Senhor deve descartar-se destes dois Republicanos que são perigosíssimos e famosos *Frimações*, com graus de Mestres.

Devo também observar a V. Ex^a que me informam que de Paris saíram cinquenta indivíduos daqueles malvados para diversos países da Europa para disseminarem nela aquelas mesmas errôneas e sediciosas doutrinas com que pretendem incendiar todo o mundo; que alguns destes cinquenta malvados trazem passaportes, figurando-se grandes personagens de outras nações e que alguns dos mesmos passaportes são dados pelo tal ministro da Rússia, que refiro por chefe da conjuração de Turim, e de outros que tem ganhado para alcançarem os mesmos passaportes ainda daquelas mesmas nações combinadas, a fim de assim melhor se encobrirem para poderem executar os seus perversos e diabólicos sistemas.

V. Ex. vê que não posso escusar-me de adiantar as minhas pesquisas, ainda aos mesmos estrangeiros que se representam como Ingleses, Alemães, Italianos, e muito particularmente os Suecos e Dinamarqueses, Americanos e Genoveses, que todas estas quatro últimas nações estão inficionadas com aqueles mesmos sentimentos sediciosos e sanguinários de que está a *Convencção* de Paris: e uma matéria desta delicada, é o meu sentimento antes perder por carta de mais, do que de menos; pois não pode haver contemplação, quando o assunto é tão perigoso, e que continua o fogo a devorar: etc. Lisboa, 5 de Julho de 1794. – Il.^{mo} Sr. Marquês Mordomo-Mor.»⁵⁹

Debaixo deste terrorismo policial, o intendente Manique entende que é preciso pôr em prática as regras do *cesarismo*, ocupar a imaginação pública, e é o primeiro a promover os espectáculos teatrais, as cavalcadas, os jogos de canas nos festejos reais, e propaga a monomania das luminárias nos regozijos oficiais. Apareceu então pela primeira vez em Portugal o anúncio de uma ascensão aerostática, doze anos depois da primeira que se fez em Paris; pediu licença ao príncipe regente para praticar essa maravilha o capitão Lunardi. A licença foi concedida, mas com a confiança de que é um impossível, um embuste ao público; Lunardi construiu o seu balão, assinou um domingo, 24 de Agosto, para a intrépida ascensão, mas como adoecesse, o intendente empregou toda a sua prepotência para o fazer subir. Bocage, que canta impressionado por todos os sucessos da sociedade que o domina, compôs um canto *A admirável*

⁵⁷ *Ibidem*, Livro IV, a fls. 151.

⁵⁸ Forma inglesa por onde Manique conheceu primeiro a instituição.

⁵⁹ *Contas para as Secretarias*, livro IV, a fls. 155 v.

intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794 subiu o capitão Lunardi no balão aerostático; na última estrofe, depois de ter descrito esta impressão nova, termina aludindo aos comentários que se faziam em Lisboa acerca da ascensão:

E tu, que da loquaz Maledicência
Tens açaimado a boca venenosa.
Tu, que de racionais, só na aparência,
Domaste a mente incrédula, e teimosa:
Das fadigas, que exige árdua ciência,
Foi vivas perenais o prémio goza,
E admira em teu louvor estranho, e novo
Unida à voz do sábio a voz do povo.

O intendente não calculava que aquele extraordinário sucesso vinha fazer a propaganda de um poder novo, a Ciência, que fortalecia o indivíduo contra a autoridade do passado que o dominava por uma tradição não discutida; assistir a um facto dessa importância, era romper com um passado taciturno, e lançar todas as esperanças no futuro, que tinha de tirar as maiores consequências disto. O intendente não previra este efeito, que o não deixava condenar em absoluto as ideias novas, senão, não teria sido o primeiro a forçar o capitão Lunardi ao cumprimento do seu programa.⁶⁰

Daí em diante a sua espionagem redobrou contra os livreiros, e os raros caixões de livros que entravam na Alfândega; contra os sábios da Academia, contra os periódicos que noticiavam os acontecimentos, contra as conversas, contra tudo o que era pensamento; em 6 de Novembro de 1794 escrevia Manique ao marquês mordomo-mor: «Acha-se nesta corte nas casas da *Academia das Ciências* ao Poço dos Negros, hospedado, segundo me dizem, pela *abade* Correia, Breussonel, que foi médico de profissão em Paris, e depois secretário de Nekar (Necker) e aquele que se fez marcar, quando na sessão da Convenção Nacional, de que era também deputado, continuou o discurso que o sobredito Nekar não acabou de recitar, por lhe dar no meio deste acto um delíquio; e ainda mais conhecido por ser um daqueles sanguinários do partido de *Robespierre* na Convenção: Pela morte que este assassino sofreu, fugiu aquele e aqui foi

⁶⁰ «Dou parte a V. Ex^a que ordenando-me o Príncipe nosso senhor, que obrigasse a Vicente Lunardi, autor da Máquina aerostática, que construiu na Praça do Comércio, que cumprisse com o que prometeu ao Público, assino e executei, e depois de vários subterfúgios, com que quis iludir a real ordem do mesmo Senhor, já pretextando falta de materiais e ultimamente moléstias que affectou (segundo o meu parecer) sem embargo da apresentar quatro Atestações de Médicos da Câmara e Real Família, que assim o testificavam, veio com efeito a assinar termo para Domingo vinte e quatro do presente fazer a sua viagem, e dando parte quarta-feira vinte de corrente ao Príncipe N. S. me ordenou o mesmo Senhor que procurasse o Marechal-General e lhe pedisse o auxílio da Tropa; e esta tarde sexta-feira vinte e dois do presente o procurei, e não o achando em casa entreguei ao guarda-portão a carta da cópia inclusa com que ia prevenido no caso de o não achar eu de lhe não poder falar, lhe deixar; mas não foi isto bastante, porque ao fazer desta me vem dar parte o dito Vicente Lunardi, que o Marechal-General havia mandado pelo ajudante-de-ordens dizer que não havia de executar a ordem que eu lhe tinha intimado, para deitar a máquina na tarde do dia vinte e quatro do presente, sem ordem sua, que era o Governador de Lisboa, que é o mesmo que dizer que o P. N. S. não pode mandar coisa alguma, sem ele o permitir.

Para não fazer mais reflexões, nem ser obrigado a narrar as tristes e funestas consequências que isto traz consigo, lembro a V. Ex^a os factos que acusa a História, assim nacional como estrangeira, e em particular a do século presente do Duque de Aveiro, Orleães, e os mais em que são envolvidos os desta hierarquia em Suécia, Nápoles, Sardenha, Inglaterra e Roma.

V. Ex^a representando tudo a Sua Alteza, resolverá o que lhe parecer mais justo e acertado. Lisboa, 22 de Agosto da 1794. – Il.^{mo} Sr. Marquês Mordomo-Mor.»*

* *Ibidem*, livro IV, a fls. 174.

acolhido e introduzido ao duque de Lafões na qualidade de Agricultor, e hospedado nas casas da Academia das Ciências, donde frequenta as casas do sobredito Duque, e do abade Correia, que é amigo mui particular do ministro e cônsul da América do Norte e dos mais Jacobinos que aqui se acham e de que tenho dado parte a V. Ex^a, e reputado por pedreiro-livre... Estas testemunhas infelizmente mascarram o Duque de Lafões, que estou certo é arrastado pelo mau homem do dito abade Correia. Em matéria tão séria, combinando eu estas notícias com outras que verbalmente tenho dito a V. Ex^a do dito abade Correia, com semelhantes circunstâncias, me fazem julgar ser este com efeito um homem perigosíssimo.»⁶¹

Por esta Conta se vê que o Duque de Lafões era também partidário das ideias francesas; nem podia deixar de ser assim, porque, expatriando-se durante a administração do Marquês de Pombal, correu uma grande parte da Europa, o Oriente, serviu na Guerra dos Sete Anos, fixando a sua residência em Viena de Áustria, em cujo palácio reunia as maiores celebridades artísticas como Gluck, Mozart, Hasse, Metastásio, o grande musicógrafo Burney, o célebre português abade Costa; porventura foi ele quem deu informações acerca da literatura portuguesa a Bouterweck. Logo que este sábio regressou a Portugal, tratou de fundar uma Academia das Ciências, para nos livrar da vergonha nacional que sofrera no estrangeiro quando lhe perguntavam pelas nossas publicações e nos equiparavam ao Japão.⁶² Não era fácil a Manique fazer com que o duque fosse outra vez perseguido, porque ele sofrera sob a gerência de Pombal, e agora estavam no poder todos os seus companheiros do infortúnio; a sua principal fúria descarregava-se sobre o abade José Correia da Serra (n. 1750, m. 1623), notável naturalista conhecido por todos os sábios europeus do princípio deste século e um dos fundadores da Academia das Ciências. Tendo acompanhado seus pais para a Itália em 1756, aí fez a sua educação científica e voltou a Portugal em 1777; por causa do seu grande nome científico, viu-se duas vezes forçado a emigrar da pátria, uma em 1786 e a última em 1797. Foram tão repetidas as acusações do intendente contra o abade Correia da Serra, que ele preferiu expatriar-se a ser submetido aos seus poderes discricionários. Transcreveremos dos seus numerosíssimos officios as constantes suspeições que ele levanta contra este indefeso homem da ciência:

«Encontrei na Alfândega uma caixa de livros perigosos e incendiários do abade Reinaldo, de Bricot, de Voltaire *A Pucela de Orleães*, e outros livros perigosos em se disseminarem: vindo entre eles alguns dirigidos para o *Duque de Lafões* com este título por sobrescrito impresso em alguns jogos de volumes, e outra pare o Cavalheiro Lebzelter.

Eu com todo o disfarce e cautela fiz abrir o dito caixão, em particular, na Alfândega, por um feitor e dois escrivães; e encontrei infelizmente envolvido o nome e título destas duas personagens entre papéis incendiários, e tais que mereciam serem ali na Praça do Rossio queimados pela mão do algoz.

Parece que seria prudente que Sua Alteza mandasse ir para uma das Secretarias do Estado a mesma caixa de livros fechada e lá lhe mandasse dar o consumo que fosse servido; ainda que pareceria útil que lá mesmo se perguntasse ao abade Correia, quem era que lhe fazia estas encomendas, que talvez se tenham espalhado pela mesma via em Lisboa alguns dos referidos papéis, para se desmascarar o Comissário, etc. – Il.^{mo} Sr. Marquês Mordomo-Mor, 27 de Novembro de 1794.»⁶³

Numa outra carta de 19 do mês citado, tira de factos casuais a indução: «Também este facto faz ver a V. Ex^a quanto é perigoso o dito abade Correia em casa do Marechal-

⁶¹ *Contas para as Secretarias*, livro IV, a fls. 214 v. e 215.

⁶² *Discurso Inaugural da Academia das Ciências*.

⁶³ *Contas para as Secretarias*, livro IV a fls. 222 v.

General...»⁶⁴ Querendo tornar também suspeito de republicano o académico Ferreira Gordo, diz, contra ele, que é amigo do abade Correia: «E envolve um colegial do Colégio dos Militares em Coimbra, opositor às cadeiras de Leis, *Joaquim José Ferreira Gordo*, sócio da Academia das Ciências, e devo notar a V. Ex^a que este é amigo do abade Correia.»⁶⁵

Achava-se então em Portugal emigrado e servindo de acusador o duque de Cosgny, um dos amantes da defunta rainha Maria Antonieta: «Falei com o duque de Coigny, como V. Ex^a me ordenou no Aviso da data de 9 do presente, sobre o assassino Broussonet, e me referiu ser um homem perigoso e membro da Convenção Nacional, que condenou o Infeliz Rei, Rainha e infante à morte.»⁶⁶ O nome de Broussonet tornava-se o supra-sumo da acusação contra qualquer indivíduo; Manique liga-o mais uma vez ao abade Correia, e contra o notável escritor o *padre Teodoro de Almeida*, que escrevera a *Recreação Filosófica*: «Todos me declaram também ser perigoso o dito Broussonet, que ora do *Partido de Robespierre* e havia sido secretário de Nekar. É conhecido a todos hoje em Lisboa estar aqui este pedreiro-livre Broussonet, que olham com horror, em ter sido apoiado e andar com o *abade Correia* na carruagem em algumas partes onde não deveria entrar, e estar hospedado na Academia das Ciências de Portugal...»⁶⁷ E prossegue de um modo que leva a concluir que o partido revolucionário constava em Portugal só dos homens de ciência: «Que em Lisboa me informam ainda se acha Broussonet, sócio de Robespierre; e igualmente me dizem que este temível homem fica algumas vezes na Casa do Espírito Santo de Lisboa, com o *padre Teodoro de Almeida*, e outras com o *abade Correia*, e me suscitam novas ideias, de que o dito francês com as suas mal-intencionadas intenções queira por este lado entrar a ganhar o conceito de algumas pessoas de sexo frágeis, com o fim de que este seja o meio de lhe disseminar as suas erróneas e sediciosas doutrinas e contaminar o todo...»⁶⁸

Se eram os homens de ciência os que professavam as ideias *francesas*, isto prova quão longe se não haviam fundamentado os absurdos de um cesarismo inconsciente e quanto o povo que sofria estava bestializado e acreditava nos terrores que lhe incutiam oficialmente contra as noções da liberdade. Por este tempo também foi mandado sair de Portugal o célebre Jácome Ratton, que publicou o livro das *Recordações*, onde deixou descritas as nossas íntimas misérias, e as fisionomias vivas dos homens que usavam a bel-prazer da graça de mandar: «O cônsul da América do Norte, João Jacob Poppe e seus irmãos e *Ratton*, sem hesitação são em Lisboa uns também daqueles comissários que a Convenção Nacional de França tem para dar as notícias e fazerem o giro das suas clandestinas negociações...»⁶⁹ «Aqui tem V. Ex^a talvez descoberto alguns dos *Espiões* que a Assembleia Nacional tem em Lisboa.» E funda-se na «declaração judicial que fez o tenente-coronel Benegrié genro de Francisco Palliart, que reputa ao dito *Ratton*, por um partidista da Convenção Nacional...»⁷⁰ As *Recordações* de Ratton são um livro essencial para quem pretender conhecer o século XVIII em Portugal.

Por fim a alucinação do intendente Manique já não era excitada só pela presença dos jacobinos e convencionais disfarçados, era-o com as notícias que circulavam, vindas em cartas por via da Galiza e por próprios pedestres a que se chamavam andarilhos. Pede que se torne mais severa a censura dos factos publicados na *Gazeta*, e lança a

⁶⁴ *Ibidem*, livro IV a fls. 218 v.

⁶⁵ *Ibidem*, livro IV, e fls. 220 (27 de Novembro da 1794).

⁶⁶ *Ibidem*, livro IV, a fls. 221.

⁶⁷ *Ibidem*, livro IV, a fls. 221.

⁶⁸ *Ibidem*, livro IV, a fls. 235 (17 de Novembro de 1794).

⁶⁹ *Ibidem*, livro IV, a fls. 217 (19 de Novembro de 1794).

⁷⁰ *Ibidem*, livro IV, a fls. 219.

suspeição revolucionária sobre o erudito padre António *Pereira de Figueiredo* e o académico João Guilherme Müller, por causa do seu espírito republicano:

«Não posso passar em silêncio e é de marcar a V. Ex^a que o *Pode Correr* que pára na mão do impressor António Rodrigues Galhardo, que eu vi, do infame papel que saiu à luz aprovado pela Real Mesa Censória da Comissão-Geral, é rubricado só pelo principal presidente e pelos dois deputados o *padre António Pereira de Figueiredo* e João Guilherme Müller, qualquer destes dois suspeitos e conhecidos por muita gente por sediciosos e perigosos e do último em outras diversas passagens tenho informado a V. Ex^a já que o seu espírito é *republicano*, e para prova disto também, leiam-se as Gazetas portuguesas que em algumas passagens de algumas delas se reconhecerá o referido pelo que põem e deixa passar, do quanto são bem tratados e contemplados os prisioneiros portugueses pelos franceses, e as cores vivas com que pintam as acções dos franceses e a morte-cor com que refere na *Gazeta* as acções dos Espanhóis e Portugueses em todo o sentido, que ainda a serem verdades se deviam omitir; e não repito mais a V. Ex^a quanto é pouco favorável ao serviço de Sua Majestade, que corra uma *Gazeta Nacional* pondo em temor os vassallos, e dizer-lhes por outra parte o bem que são tratados pelos franceses, e malquistar o aliado no tratamento que faz à Nação; porque as consequências são as mais tristes e podem produzir efeitos ainda mais desagradáveis; e o certo é que o revisor devia ter Política e Crítica para rever este papel que gira por todo o reino e suas Colónias, e não é tão insignificante este objecto, que não deva Sua Majestade tomá-lo em consideração, porque há algumas notícias que não é necessário que as saibam os Povos, e há outras que devem ser animadas de um colorido tal que atraiam a si o conceito e a atenção.»⁷¹

Os cafés não deixavam de ser espionados e Manique tinha ao seu serviço gracioso os emigrados realistas franceses, que faziam aqui em Lisboa uma espécie de terror branco com as suas denúncias. Por seu turno, o intendente faz-se também filósofo e começa a tirar as conclusões dos fenómenos esporádicos que observa na sociedade portuguesa, e aproxima-os do que se deu em França antes de 89:

«Tendo notícia que numa taberna que fica numa travessa da Rua Direita dos Remolares que sai ao Cais, se juntavam uns estrangeiros cantando ao som de uma rabeca todas as noites, e que as cantigas eram as revolucionárias e nos intervalos conversavam em vos alta em francês, aprovando os procedimentos da Convenção e terem por justa a morte do infeliz rei Luís dezasseis, da Rainha e da Infanta, e aplaudindo isto ao som da rabeca, e das cantigas, e não faltavam noite alguma na mesma taberna a executar o que refiro; mandei averiguar estes factos por meio de um sumário pelo corregedor do Bairro dos Remolares, e dele verá V. Ex^a o que consta e se verifica ser certo o facto das cantigas que cantavam cinco franceses, e de irem à mesma taberna todas as noites; ainda que como eram cantadas em francês, as testemunhas não depõem do que elas continham, e só sim a primeira do sumário que é o médico que foi da Câmara de Sua Majestade o infeliz Rei Luís décimo sexto, que especificadamente depõe serem as mesmas cantigas das revolucionárias, e que as conversas que estes cinco franceses tinham entre si eram sediciosas.

.....

Confesso a V. Ex^a que lembrando-me do que aconteceu em Paris, e em toda a França, cinco anos antes do ano de 89, pelas Tabernas e pelos Cafés, pelas praças e pelas Assembleias, a liberdade e indecência com que se falava nas Matérias mais sagradas da Religião Católica Romana e na Sagrada Pessoa do Infeliz Rei e da Rainha; e lendo as *Memórias do Delfim*, pai deste infeliz Rei, do Memorial que apresentou a seu pai Luís 15 já no ano de 1755, que foi estampado em 1777, digo a V. Ex^a que julgo necessário e indispensável que Sua Majestade haja de mandar tomar algumas medidas para que de uma vez se tire pela raiz este mal que está contaminando a todos insensivelmente.»⁷²

Neste ano de terror, Manique entrega-se à extinção dos papéis sediciosos, tais

⁷¹ *Ibidem*, livro IV, a fls. 235 (17 de Dezembro de 1794).

⁷² *Ibidem*, livro IV, a fls. 231 (17 de Dezembro de 1794).

como a *Medicina Teológica*, pelo italiano Caetano Bragace, em casa de quem achou também um outro intitulado *Dissertação sobre o Estado Passado e Presente de Portugal*, em que falava dos ministros e do carácter do confessor da Rainha.⁷³ Punha em prática outra vez os sistemas do Santo Ofício para extorquir os libelos revolucionários:

«Vou dar parte a V. Ex^a que de novo torna a espalhar-se o papel de que foi autor Francisco Coelho, sendo-me entregue no dia 9 do corrente por um dos meus espíões, e que agora passo às mãos de V. Ex^a copiado por este de outro que alcançou de João Félix, e já com outro título, cujo é *Análise sobre os Errados princípios adoptados pela Assembleia Nacional de França, quando passou do seu estado feliz da Monarquia para o estado infeliz da espantosa Anarquia*; e quando o dito espião me fez a referida entrega do mencionado papel me informou que uns lhe diziam ser o autor dele o sobredito João Félix, outros que era cópia de um que havia feito um bacharel, que assistia para a Rua de S. José.

V. Ex^a verá que se necessita de alguma providência para se pôr termo que outra vez se não disseminem estas cópias, que me consta grassam, e talvez saiam da mão do abade Correia, pois naquele tempo que averigui as que se tinham tirado e espalhado, me constou ter o dito abade Correia uma cópia do referido papel a qual ele só não entregou, mas asseverou não ter visto semelhante papel...»⁷⁴

«Ponho nas mãos de V. Ex^a o infame e sedicioso papel, que se intitula o *Catelão Republicano*, que apareceu nesta cidade, e me informam andam cópias em português como esta, de mão em mão, e este que apresento a V. Ex^a é um dos que tenho ganhado, que anda entre alguns daqueles que tenho dado conta a V. Ex^a por suspeitosos. Não é no meu parecer indiferente o divulgar-se em português este papel... Lisboa, 29 de Dezembro de 1794. – Il.^{mo} Ex.^{mo} Marquês Mordomo-Mor.»⁷⁵

As ideias revolucionárias também lavravam na cidade do Porto; na Conta de Manique para o ministro Luís Pinto de Sousa, em 24 de Novembro de 1795, se acha:

«Mandando eu ao corregedor do Porto em officio da data de 4 de Janeiro do ano próximo passado proceder a devassa para por meio dela averiguar quem eram as pessoas que me constava que andavam libertinamente falando nos mistérios mais sagrados da nossa santa Religião, na real pessoa de Sua Majestade e na do príncipe que nos rege, e que aprovavam o governo dos Franceses; mandando igualmente averiguar se havia, segundo me informavam, uma loja de pedreiros-livres com toda a publicidade, e se nos botequins, cafés, bilhares e assembleias era onde se disseminava o que refiro, na devassa que me remeteu o mesmo corregedor, achei que o dito Manuel Teles de Negreiros vinha contemplado como um deles, ainda que a prova não era legal; porém sabendo eu que este havia já sido penitenciado pelo Santo Ofício por estas culpas de libertinagem, *que seguia os mesmos sentimentos dos Franceses, e lia os livros incendiários*, tudo isto me fez peso, e muito mais pela fuga que do Porto perpetrou logo que o corregedor procedeu a devassa com que ajudou a prova que no meu sentimento o constituiu réu.

Descobri-o nesta corte, e com tão particular amizade *associado com o abade Correia*, que todas as tardes infalivelmente se ajuntavam na Praça do Comércio com outros botafogos de iguais sentimentos.

.....
Eu instaria, que fosse para um dos presídios de Angola, se não temesse que lá mesmo revoltasse os Povos...»⁷⁶

Foi mandado sair da corte, assinando termo de responsabilidade.

No meio destas contínuas denúncias, Bocage não podia estar livre do rancor daqueles a quem chamava os seus zoilos; apesar de gastar o seu estro nas banalidades

⁷³ *Ibidem*, livro IV, a fls. 232.

⁷⁴ *Ibidem*, 21 de Dezembro de 1794, livro IV, a fls. 240.

⁷⁵ *Ibidem*, livro IV, a fls. 238.

⁷⁶ *Ibidem*, livro V, a fls. 19 v.

dos motes insípidos dos outeiros das eleições de abadessados e das luminárias reais, de longe em longe o seu instinto da liberdade suscitava-lhe algum soneto, que vinha preparar-lhe a ruína. Transcrevemos esse que traz a rubrica: *Aspirações do Liberalismo, excitadas pela Revolução Francesa, e consolidação da República em 1797*, para se ver como o espírito jacobino o absorvia juntamente com a sociedade:

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!), porque não raia
Já na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso númen tu és, e glória, e tudo,
Mãe do génio e prazer, ó Liberdade!

Quem tiver acompanhado este quadro da propagação da ideia revolucionária em Portugal, sentirá quanto este soneto de Bocage exprime; desde 1793, em que celebra a execução de Maria Antonieta, até 1797, a sua vida foi um esforço inaudito para abafar os ímpetus da liberdade que o alucinavam; bebia, fumava, acudia a todos os *outeiros* poéticos, aturdiava-se, lisonjeava os grandes prepotentes para se não perder. Por fim a consolidação da República transportou-o, quebrou o jugo das conveniências, e não temeu mais o espantinho do velho Manique. Esse soneto fez que o intendente fixasse sobre ele a atenção; o mesmo com o outro soneto que tem a rubrica: *Por ocasião dos favoráveis sucessos obtidos na Itália, pelas tropas francesas, sob o Comando de Bonaparte, em 1797*. Estas composições mostram-nos que Bocage andava em dia com os sucessos que estavam transformando a constituição dos Estados da Europa:

A prole de Antenor degenerada,
O débil resto dos heróis troianos,
Em jugo vil de aspérrimos tiranos,
Tinha a curva cerviz já calejada:

Era triste sinónimo do nada
A morta liberdade envolta em danos;
Mas eis que irracionais vão sendo humanos,
Graças, ó Corso excelso, à tua espada!

Tu, purpúreo reitor; vós, membros graves,
Tremei na cúria da sagaz Veneza:
Trocem-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a razão, cai a grandeza,
E o feroz despotismo entrega as chaves
Ao novo redentor da natureza.

Este fecho eloquente, em Portugal abria as portas do Santo Ofício por conter uma impiedade. Infelizmente o tribunal do fanatismo estava mais suave do que a Polícia do cesarismo; foi fácil ao intendente Manique obter dos inimigos literários de Bocage qualquer denúncia, e papel qualificado de *sedicioso e incendiário*, Bocage não tinha casa, e se vivera algum tempo com o padre Macedo, ou com Bersane Leite, agora achava-se em convivência doméstica com um poeta insulano e morgado, que comungava como ele as mesmas ideias liberais. O intendente lançou-lhe a rede dos seus esbirros; vejamos por este documento inédito o que arrastou: «Consta nesta Intendência que *Manuel Maria Barbosa de Bocage* é o autor de alguns papéis ímpios, sediciosos e críticos, que nestes últimos tempos se têm espalhado por esta corte e Reino; que é desordenado nos costumes, que não conhece as obrigações da Religião que tem a fortuna de professar, e que há muitos anos não satisfaz aos Sacramentos a que obriga o preceito de ir todos os anos buscar os sacramentos da Penitência e Eucaristia à Freguesia onde vive: Vm.^{ce} logo por meio de uma devassa procederá a averiguação destes factos para legalizar a verdade deles, fazendo-lhe apreensão em todos os papéis, assim manuscritos como impressos, e ainda naqueles que estiverem em poder de terceiros, seus sequazes, que devem ser igualmente presos, e averiguada a sua vida e costumes, para ver se imitam por eles o referido Manuel Maria Barbosa de Bocage, que foi preso a bordo da corveta denominada – *Aviso* – a qual saiu para Baía com o comboio, que proximamente partiu deste porto, por cuja fuga dá mais claros indícios de ser réu dos delitos de que havia sido denunciado nesta Intendência. Recomendo a Vm.^{ce} a brevidade na execução do que ordeno, para poder informar a Sua Majestade com o resultado das averiguações a que Vm.^{ce} deve proceder, dando-me parte por escrito com a mesma devassa. Deus guarde, etc. Agosto, 10 de 1797. Ao juiz do crime do Bairro do Andaluz.»⁷⁷

Assim como Bocage tinha os seus inimigos da Arcádia que o denunciaram como irreligioso, também tinha, porventura junto da própria autoridade, amigos que o avisaram a tempo de ele fugir para bordo da corveta *Aviso*; o caso quase idêntico de Filinto suscitar-lhe-ia este recurso. Manique tinha espiões nos escaleres e a bordo dos navios por causa dos emigrados da Revolução Francesa; além disso, o tipo de Bocage era conhecido por todos, e não lhe seria fácil o disfarçar-se. É certo que foi surpreendido antes de partir o comboio da Baía, e caiu sem remédio nas garras do intendente; a ordem de prisão pesava também sobre os amigos com quem tratava, e daqui resultou o ser preso o cadete André da Ponte do Quental, e o renegarem-no outros que ele tinha na conta de amigos, como diz na epístola a António José Álvares:

... não recentes, vãos amigos,
Inúteis corações, volúvel turba
(A versos mais atenta que a suspiros)
No Letes mergulhou memórias minhas.

⁷⁷ *Registo Geral da Correspondência do Intendente*, livro XI, a fls, 37. Este documento aparece aqui pela primeira vez publicado. Rebelo da Silva alude a ele, *op. cit.*, p. 42, dando uma suma retórica, e confessando que lhe fora comunicado pelo Sr. Inocêncio. Como nenhum citou a fonte, e como nem todos os numerosos livros da Intendência têm índice, pode-se dizer que o documento continuou perdido, e tanto que o Sr. José Feliciano de Castilho o não pôde achar, nem soube da sua existência. A muito custo pude-lo tornar a descobrir e aí ficam autenticados novos factos da vida de Bocage.

Bocage foi preso a 10 de Agosto e a recrudescência da intolerância de Manique agravara-se em 13 de Junho de 1797, como vemos pelo extracto da seguinte carta:

«E neste reino, há um pouco de tempo a esta parte aparecem alguns papéis infames pelas esquinas, e cartas anónimas, que tenho recebido não deve tomar isto em bagatela... nada de devassa, Ex.^{mo} Sr., por ora, senão uns procedimentos contra aqueles que constam nesta Intendência, e que estão inficionados de doutrinas errôneas e perigosas; como pratiquei nos anos de 1789 a 1794, principiando pelo infame Cagliostro, Francisco Giles Fontaine, Noel e outros muitos que fiz sair deste reino, e os efeitos se têm experimentado em se conservar Portugal ileso; o que não sucedeu em *Nápoles*, Roma, Londres, Génova, Suécia, Viena, e agora acontece em Irlanda e Veneza...»

Manique alude à revolução de Nápoles, em que figurou uma ilustre dama portuguesa.⁷⁸

Com os homens mais sábios de Portugal, tais como o bispo Cenáculo e o padre António Pereira de Figueiredo, correspondia-se a célebre Leonor da Fonseca Pimentel, nascida em Nápoles de uma família portuguesa. Esta mártir, que deu a sua vida pela revolução republicana de Nápoles, honra o nome português; interessava-se tanto pelo movimento científico de Portugal, que interrogava Cenáculo acerca dos trabalhos da nova Academia: «Que faz entretanto a *Academia de História Natural*, instituída em Lisboa debaixo dos auspícios do Senhor Duque de Lafões? E pois me parece que com tão ilustre presidente não deve estar ociosa, teria pela honra desta *minha madre pátria* gosto de saber quais os actos públicos ou memórias particulares que tenham saído dela.»⁷⁹ Os homens de ciência e a aristocracia eram os partidários de Revolução Francesa; o duque de Lafões era incessantemente acusado como jacobino pelo intendente; o padre António Pereira, com quem Leonor da Fonseca Pimentel se correspondia em 1795 sobre assuntos científicos, era também suspeito. Durante o triunfo do Partido Republicano, a formosa Leonor da Fonseca escreveu no *Monitor Napolitano*, incitando à abnegação cívica; todas as palavras de patriotismo eram a base para a sentença de morte, e na restauração absolutista Leonor da Fonseca Pimentel foi condenada à pena última. A sua morte foi eloquente e heróica⁸⁰; o sangue português ficou nobilitado de toda a degradação do século XVIII, pelo sacrificio desta formosa mulher, que a liberdade italiana santificou nos seus anais.

Em Outubro multiplicaram-se as prisões: «Por andarem em clubes pela Praça do Comércio... espalhando vozes ímpias e sediciosas, aproveitando os procedimentos dos Franceses e o governo republicano, preferindo liberdades temerosas e malquistando com impropérios os ministros e secretários de Estado...»⁸¹ Um outro era preso por se lhe achar o papel sedicioso intitulado *Extracto das Máximas de Epitecto!*⁸² A este tempo já o abade Correia da Serra se refugiara no estrangeiro, onde aumentara a sua glória científica. No entanto, vejamos o documento da Intendência em que se descreve a prisão de Bocage; Manique encomendara ao juiz do crime do Bairro de Andaluz a diligência de ir dar busca à casa em que morava o poeta e apreender os seus papéis. Assim se

⁷⁸ *Registo Geral da Correspondência do Intendente*, livro V, a fls. 133 v.

⁷⁹ *Apud* Filipe Simões, Mss. Da Bibl. De Évora, Códice CXXVII – 2-7.

⁸⁰ Na *Viagem à Itália*, de Lady Morgan, acha-as assim descrita: «Leonor Pimentel era uma jovem, célebre pelos seus talentos, graças e patriotismo. Foi acusada de ter escrito algumas efusões patrióticas no *Monitor Napolitano*, e condenada à morte; suportou a sua sorte com uma coragem heróica. Tomou café poucos minutos antes da execução, e dizia sorrindo-se para aqueles que lastimavam o seu fim prematuro: *Forsan et haec alius meninisse iuvabit.*» *Op. cit.*, tomo IV, pág. 220, not.

⁸¹ *Registo Geral da Correspondência do Intendente*, livro V, e fls. 102.

⁸² *Ibidem*, livro V, a fls. 208.

precedeu, mas apenas pôde ser logo preso o seu companheiro, o cadete André da Ponte do Quental; Bocage havia já previsto pelas severidades do intendente a sorte que o esperava e refugiara-se a bordo da embarcação *Aviso*, que pertencia ao comboio que partia por aqueles dias para a Baía. Tal era o terror branco da Polícia, que o desgraçado preferia o desterro voluntário a jazer numa masmorra entregue à arbitrariedade de um homem que estava isento de justificar-se. Os papéis do juízo do crime do Bairro do Andaluz não existem, mas como o intendente recapitulava tudo nos seus Ofícios, nessa chata prosa pombalina, por aí se vê o estado dos acontecimentos até o poeta ser entregue ao Santo Ofício. Bocage bem conhecia que diante da simpatia do público, que o admirava, ninguém podia conspirar contra a sua liberdade senão os inimigos que contraíra na polémica da Nova Arcádia. Numas quintilhas a D. Mariana Joaquina Pereira Coutinho, mulher do ministro José de Seabra da Silva, declara-o em mais de um lugar:

Pesado grilhão me oprime,
Duro cárcere me fecha,
Tecem-me dum erro um crime,
E a vil calúnia não deixa
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno, escura,
Ímpios zoilos derramaram
Em vida de crimes pura:
As cadeias me forjaram,
Forjaram-me a desventura.

E noutro lugar desta mesma composição torna-se mais claro na sua queixa:

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De atrair da Fama o brado:
Um bando inerte e maligno
De inveja me fere armado.

Risonhas, ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Afangavam minhas penas.

Dom divino, almo e lustroso
(Que a raros o Céu dispensa)
Azedou tropel danoso:
O mérito é grave ofensa
Ao coração do invejoso.

Bocage, sob o título de *Trabalhos da Vida Humana*, em forma do fado popular, porventura para ser cantado, como se pode supor pela epígrafe e assim tornar pública a arbitrariedade de que era vítima, compôs uma série de quadras em que relata todas as circunstâncias da sua prisão. Esses versos nos suprirão a falta do auto do juiz de crime

do Bairro do Andaluz:

Vou pintar os dissabores
Que sofre meu coração,
Desde que lei rigorosa
Me pôs em dura prisão.

A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve princípio o meu pranto,
O meu sossego deu fim.

Do funesto Limoeiro já toco
Os tristes degraus,
Por onde sobem e descem
Igualmente os bons e os maus.

Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes;
Feroz condutor me enterra
No sepulcro dos viventes.

Para a casa dos assentos
Caminho com pés forçados;
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr – Manuel Maria.
E logo à *margin* – *Segredo*.

Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam.
Quando de mais eram dez.

Tiram-me chapéus gravata,
Fivelas, e desta sorte.
Por um guarda sou levado
Ao domicílio da morte.

Estufa de treze palmos
Co'uma fresta, que dizia
Para o lugar ascoroso
Denominado enxovia.

Fecham-me, fico assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,

Descanso os membros no chão.

.....

Quando mais me lamentava,
Se abre de improviso a porta,
E ouço um ânimo benigno,
Que me alenta e me conforta.

Era Inácio, afável peito,
Alma cheia de piedade,
Credor dos meus elogios
Por herói da Humanidade.

Do amável carcereiro
Me patenteia o desgosto;
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas útil encosto.

Junta a este beneficio
A necessária comida,
Com que sustentasse o fio
Desta lastimosa vida.

Garnier, terno, sensível,
Tu foste um núncio divino,
Que veio tornar mais doce
O meu penoso destino.

Quando se era preso por suspeitas dia partidário das ideias francesas, todos os amigos se renegavam para se não exporem a perseguições; Bocage sofreu também esta dura prova, porém veio consolá-lo no seu desalento a dedicação do seu amigo António José Álvares:

Os amigos inconstantes
Me tinham desamparado;
E nas garras da indigência
Eu gemia atribulado;

Quando Aónio, o caro Aónio,
Da Natureza tesouro,
À triste penúria manda
Eficaz auxílio de oiro.

No soneto *Ao Sr. António José Álvares*, em agradecimento de benefícios recebidos, confessa o poeta o grande vigor moral que sentiu com esta prova de dedicação:

Neste horrendo lugar, onde comigo
Geme a consternação desanimada,

E parece que volta o ser ao nada,
Equivocados, cárcere e jazigo:

Aqui, onde o fantasma do castigo
Assusta a liberdade agrilhoadada,
Tornam minha opressão menos pesada
Mãos providentes de piedoso amigo:

No templo infando, na corrupta idade
Em que após o egoísmo as almas correm,
E em que se crê fenómeno a amizade;

Ouro, fervor, desvelos, me socorrem
De um génio raro... O doce humanidade,
Tuas virtudes, tuas leis, não morrem!

Quando mais tarde Bocage publicou o segundo volume das suas composições poéticas, em 1799, dedicou-o a António José Álvares, dizendo dos seus versos:

Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate opresso,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram,
Que sobre espinhos me aspergiram flores...

É certo que António José Álvares seria quem levava as composições de Bocage aos poderosos a quem recorria para o libertarem das garras do Manique. Durante vinte e dois dias esteve o poeta incomunicável no segredo, até que foi conduzido a perguntas para se instaurar o processo:

Passados vinte e dois dias,
Sofrendo mil mágoas juntas,
Enfim por um dos meus guardas
Fui conduzido a perguntas.

O ministro destinado
Era o respeitável Brito,
Que logo viu no meu rosto
Mais um erro que um delito.

No soneto *Ao Senhor Desembargador Inácio José de Moraes e Brito*, Bocage exalta a humanidade deste magistrado, que com certeza achava, como o ministro Seabra, disparatados estes rigores do intendente; é eloquente essa estrofe de Bocage:

De férreo julgador não vem contigo
Rugosa catadura, acções austeras
Antes de ser juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo.

É de presumir que o desembargador Brito encaminhasse o processo de modo que a culpa de Bocage fosse de heresia e não de lesa-majestade; assim o dá a entender o

verso; «Mais um *erro*, que um *delito*.» Na Conta do intendente ao inquisidor-geral, acompanhou a declaração que Bocage fez no Limoeiro, do modo que o forçava a entregar o caso ao tribunal religioso. Da boa vontade do desembargador Brito, que servia nisto o ministro José de Seabra da Silva, fala o poeta:

Olhou-me com meigo aspecto,
Com branda, amigável fronte,
E fui logo acareado
Com o meu amável Ponte.

Portei-me como quem tinha
Para a verdade tendência;
Do peso da opinião
Aligeirei a inocência.

Puni pelo caro amigo,
Ferido de interna dor:
Singular sou na amizade,
Como singular no amor.

O nome de André da Ponte do Quental e Câmara está intimamente ligado à vida de Bocage por este desastre, e pelo generoso afecto e admiração que lhe consagrava. André da Ponte foi herdeiro de uma ilustre casa na ilha de São Miguel, e porventura se recolheu à cidade de Ponta Delgada quando tomou a administração do seu vínculo. Em 1821 veio como deputado às Cortes Constituintes, vendo momentaneamente vingarem as ideias por que sofrera. Ouvimos pela tradição de pessoas que e frequentaram, que André da Ponte viveu quase sempre solitário, e que, estando para falecer, mandara trazer para o pé do leito todos os seus manuscritos poéticos e os queimara. Deixou dois filhos, Fernando do Quental, representante da casa vincular, de um grande gosto artístico para os trabalhos de encadernação, que fora aprender a Paris, indústria que desenvolveu na cidade de Ponta Delgada, ensinando-a a rapazes pobres; e o doutor Filipe do Quental, lente de Medicina na Universidade de Coimbra, antigo poeta, grande propagador das associações de ensino, o homem mais engraçado de todas as gerações académicas, e o modelo de uma amizade cuja divisa é *Faire sens dire*. Por estes representantes se pode inferir o que seria André da Ponte para Bocage; o poeta refere as suspeições a que andavam sujeitos desde muito tempo. Na Conta do intendente para o inquisidor-geral, iam também «os papéis e livros ímpios e sediciosos que se apreenderam ao dite André da Ponte». Que livros seriam esses, senão algumas obras dos Enciclopedistas com que se alimentava e jacobinismo português e que tanto amedrontavam a vigilância do Intendente. Bocage celebra num sentido soneto o facto da prisão: *Ao Sr. André da Ponte do Quental e Câmara, quando preso com o autor*:

O pesado rigor de dia em dia
Se apure contra nós, opresso amigo;
Tolere, arraste vis grilhões contigo
Quem contigo altos bens gozar devia.

Aqui Bocage alude a ter sido preso mais tarde e a ir acompanhá-lo no cárcere. A ode escrita também na prisão, e dedicada a André da Ponte, é de uma suavidade encantadora quando deixa o entono erudito e moralista e toma o carácter de um

protesto:

Nossos nomes, amigo, alçados vemos
Acima dos comuns: ama-nos Febo,
As Musas nos enlouram; cultos nossos
Mansa Virtude acolhe.

Em tenebrosos cárceres jazemos;
Falaz acusação nos agrilhoa;
De opressões, de ameaços nos carrega
O rigor carrancudo;

.....
Os vindouros mortais irão piedosos
Ler-nos na triste campa a história triste;
Darão flores, ó Ponte, às líras nossas,
Pranto a nossos desastres.

Entre os manuscritos de André da Pente, queimados por ele pouco antes de morrer, deviam existir bastantes elementos para recompor esta época da vida literária de Bocage. Conservamos aqui a tradição que Bocage prometera a André da Ponte acompanhá-lo para a ilha de São Miguel, porventura em 1798; a única bagagem com que se apresentou para o embarque era um par de meias debaixo do braço; estavam já a meter pé no escaler quando outro amigo de Bocage lhe apareceu ali casualmente e lhe perguntou se faltava à reunião a que tinha prometido comparecer naquela noite. Bocage disse que não faltava, saltou logo para terra, e ficou assim gorada a viagem que com certeza lhe teria aumentado os dias de existência, e lhe daria uma profunda tranquilidade moral. Mas voltemos aos seus dias no Limoeiro; depois do interrogatório de desembargador Brito, foi relaxado o segredo ao poeta, mas submetido a mais três inquirições:

Deste centro da tristeza,
Morada das aflições,
Fiz ao lugar das perguntas
Inda mais três digressões.

Amo, professo a verdade:
Nas três digressões que fiz,
Sempre achei o amável Brito
Mais benfeitor que juiz.

A solidão era o que mais custava ao poeta depois que saiu do segredo; ele chega a ter saudades de bulício da malta, e retrata esse interior com traços rembrandtescos dignos de se conhecerem:

Lembrava-me a curta fresta,
Por onde à presa matula
Ouvia, de quando em quando,
Conto vil em frase chula.

Lembrava-me a gritaria
Que faz a corja a quem passa,
Loucamente misturando
O prazer com a desgraça.

Lembrava-me este catando
Piolho, que d'alvo brilha;
Aquele a chuchar gostoso
Cigarro, que ou compra, ou pilha;

Um por baldas, que lhe sabe,
Ao outro dando matraca;
Estes cantando folias,
Aqueles jogando a faca.

Coisas tais, que noutro tempo
Me fariam ansiedade,
Eram então para mim
Estímulos de saudade.

Nesta situação desesperada veio o dia 15 de Setembro, em que o poeta completou no cárcere trinta e dois anos. No soneto *No seu dia natalício*, pinta o seu estado:

Do Tempo sobre as asas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento;
Vedado à luz do Sol este momento,
Fúrias, com vossos fachos se alumia!

No dia 22 do Setembro é que Bocage terminou as cópias dos *Trabalhos da Vida Humana*, em que relata as misérias de encarceramento:

Há já quarenta e três dias
Que choro neste degredo:
Hei-de ser muito calado,
Costumaram-me ao *segredo*.

Desde esta data até 7 de Novembro, em que o poeta foi remetido para os cárceres da Inquisição, jazeu no Limoeiro, incerto do seu destino como se vê pelas numerosas poesias, em que pede a todas as pessoas de influência que intercedam por ele. Descreve o profundo tédio da solidão:

No inferno se me troca o pensamento;
Céus! Porque hei-de existir? Porquê? Se passo
Dias de enjoo, e noites de tormento.

Lembrando-se dos seus zoilos, que o acusaram ao intendente e lhe entregaram os seus melhores versos, como peças do delito, com que altura exclama;

.....

Mas turba vil, que abato, anseio e espanto,
Urde em meu dano abominável trama;

Réu me delata de hórrida maldade,
Projecta aniquilar-me o bando rude,
Envolto na leiteia escuridade:

Que falsa ideia, ó zoilos, vos ilude?
Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?
Fica-me a glória, fica-me a virtude.

No soneto *Deplorando a solidão do cárcere*, arranca esse outro protesto não menos eloquente:

Aqui pela opressão, pela violência,
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitório poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora onnipotência!

Era a condenação do direito divino. Noutro soneto, vendo-se encarcerado e solitário, eleva-se a um lirismo, de que tanto o desviaram as Arcádias e os outeiros:

.....
Tomara costumar-me à desventura:

Esquecer-me do bem gozado, e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura,
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

Estava vingado do seu tempo quem vibrava a sua queixa nesta forma sublime:

Sou vítima de aspérrima violência,
Sem ter quem dos meus males se lastime
Neste horrível sepulcro da existência:

Mas peso dos remorsos não me oprime:
A sussurrante, a vil Maledicência,
De erros dispersos me organiza o crime.

Quais eram esses erros dispersos? Um ou outro soneto liberal, de que lhe faziam carga; Manique, ao entregá-lo à Inquisição, crimina-o pela sátira anónima que começa *Pavorosa ilusão da Eternidade*; outros não se esqueciam do soneto à derrota do exército do Pio VI, que assinou por isso a Paz de Tolentino em 1797; e os ataques aos hipócritas e frades. Pertencia à Inquisição o poeta que se atrevia a retratar e papa como:

Purpúreo fanfarrão papal sacrista,

que berra para os seus, fortalecendo-os com a lista de surdos santos:

O progresso estorvai da atroz conquista

Que da Filosofia o mal derrama,

e termina descrevendo a derrota com um inimitável tom grotesco:

O rápido francês vai-lhe às canelas;
Dá, fere, mata. Ficam-lhe em despojo
Relíquias, bulas, mitras, bagatelas.⁸³

Depois de sessenta dias de cadeia, Bocage resolve-se a importunar todos os seus amigos de valimento, que até então nada haviam conseguido; ele escreve uma epístola a Joaquim Rodrigues Chaves, para que faça com que D. Lourenço de Lima interceda para com o ministro seu pai, o marquês de Ponte de Lima:

De Bocage infeliz sê pronto abrigo,
Estorva que se mirre um desgraçado
Neste mal, neste horror, neste jazigo.

Do crime corruptor não fui manchado;
Alta religião me atrai, me inflama,
Amo a Virtude, o Trono, as Leis, o Estado.

Acima de meus zoilos me ergue a Fama:
Eis porque o negro bando atroz, maldito,
Sobre as minhas acções seu fel derrama.

.....
Depois que nestas sombras esmoreço,
Duas vezes brilhando a plena Lua
Tem roubado às estrelas o áureo preço.

Ah! Funde-se o teu nome, a glória tua
No pio intento de romper-me o laço
Que a Sorte me lançou raivosa e crua.

Do benigno Laurénio invoca o braço,
O braço protector dos desditosos,
Jamais em dons benéficos escasso.

Ele aos ouvidos fáceis e piedosos
Do sublime varão, do egrégio Lima
Conduza meus suspiros lastimosos;

Por este meio fez Bocage chegar às mãos do marquês de Ponte de Lima, ministro da Fazenda, uma outra epístola, em que se vê o seu profundo desalento por causa da falta da justiça a que está exposto:

Outros querem louvor, eu só piedade;
Piedade, que a perder o gosto à fama
Até já me ensinou a adversidade.

⁸³ *Vid.* Tomo VII da edição inocenciana.

.....
Em cárcere a que o Sol medroso, esquivo,
Seu lume benfeitor jamais envia,
E onde somente a dor me diz que vivo,
.....

Deixa pousar, Senhor, no atento ouvido
A queixosa, tristíssima language,
As súplicas e os ais de um perseguido.

Do susto, da opressão, do horror, do ultraje,
Solta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage.

Não se fiando ainda na eficácia do seu pedido, mandou entregar outra epístola ao genro de marquês de Ponte de Lima, o marquês de Abrantes, D. Pedro de Lencastre e Silveira Castelo Branco, que na sua qualidade de mordomo-fidalgo da Misericórdia de Lisboa era o promotor da defesa e livramento dos presos desvalidos. Tal era a tenacidade das garras de Manique, e a incerteza e irregularidade dos processos nessa época!

Do número infeliz que te suspirar
Lastimosa porção me fez a Sorte;
Lançou-me em feio abismo onde parece
Que entre seus cortesãos preside a Morte.

Que é morte? Solidão? Silêncio? Trevas?
Tudo isto ocupa o lúgubre aposento:
Silêncio, trevas, solidão me abrangem,
E horrores multiplica o pensamento.

.....
Tu, grande, tu, benéfico, tu, forte,
Empreende a glória de vencer meu fado.

Protege a causa do infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade;
Guia os suspiros meus e as preces minhas
Ao trono, onde reluz a Humanidade.

Escreve também Bocage a Henrique José de Carvalho e Melo, primogénito e sucessor do Marquês de Pombal, justificando-se do seu silêncio por um *trait de prudence* na epígrafe tirada de Boileau. O filho do velho marquês de Pombal, apesar da queda de seu pai, era então presidente do Desembargo do Paço e da Mesa da Consciência e Ordens; por isso o poeta escreve-lhe lisonjeando-o com coragem na memória de seu pai:

Cárcere umbroso, do sepulcro imagem,
Caladas sombras de perpétua noite
Me anseiam, me sufocam, me horrorizam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,

Não crime que aos direitos atentasse
Do Sólido, da Moral, da Natureza,
Neste profundo horror me tem submerso.
A calúnia falaz, de astúcias fértil,
Urdu meus males, afeou meu nome,

.....
Herói, fruto de herói, protege, ampara
Ente opresso, infeliz, que a ti recorre;
Lava-lhe as manchas da calúnia torpe;
Ao trono augusto da imortal Maria
Com lamentosa voz dirige, alteia
Do mísero Bocage os ais e as preces...

Sabe-se que também recorreu à protecção do conde de S. Lourenço, D. João José Ansberto de Noronha, a quem se confessa grato:

..... o triste vate,
Que Foi por teu favor, por teus auspícios
Ao túmulo dos vivos arrancado,
Onde torva Calúnia o ferrolhara...

Não citamos em primeiro lugar e nome de José de Seabra da Silva, porque a sua dedicação conhecida por Bocage enfraquecia-lhe em parte o seu valimento. É a esposa do ministro inteligente, D. Mariana Joaquina Pereira Coutinho, que o poeta se dirige nessas suaves quintilhas:

Exerce eficaz valia
Que me serene a Fortuna.
Irosa Fortuna impia:
Para guarida oportuna
Meus ais, minhas ânsias guia.

Pelo mísero intercede,
Que a ti recorre em seus males,
Que pronto auxílio te pede:
O que podes, o que vales
Por minhas angústias mede.

Dá-me a luz que respirei
No seio da Humanidade;
Roga que se abrande a lei,
A que a doce liberdade
Submisso e mudo curvei...

Na ode a *José de Seabra de Silva, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino*, também escreve o desgraçado poeta:

A mim, desventurado,
Num cárcere cruel, envolto em sombras;
A mim, curvo, abatido

Ao peso de grilhão, de injúria ao peso
Ente vulgar, inútil,
De mil tribulações, que recompensa,
Que futuro me resta?

Bocage conhece que a sua amizade pode prejudicar o ministro, e pede-lhe que o não proteja claramente:

Em benefício meu de mim te aparta...

.....
Sejam, sejam remidos
Pela dextra eficaz do herói prestante
Meu prazer, meu repouso,
A mente, a liberdade, a luz e a vida
Neste horror sufocadas.

Foi com efeito a José de Seabra da Silva que Bocage deveu a liberdade, mas por um modo indirecto.

O ministro fez avultar os erros religiosos do poeta, porque era então inquisidor-geral D. José Maria de Melo, homem de ilustração; o preso foi entregue ao poder inquisitorial pelo tenaz Manique em 7 de Novembro de 1797; na Inquisição e poeta foi repreendido, ordenando-se que fosse doutrinado num mosteiro. Era um modo de lhe assegurar alguma tranquilidade, até que se afrouxassem os rigores de Manique. Importa deixar aqui transcrito o Ofício do intendente ao bispo inquisidor-geral, remetendo-lhe o preso: «Constando-me, que nesta corte e Reino giravam alguns papéis ímpios e sediciosos, mandei averiguar quem seriam os autores deles, e encontrei que uma parte destes era o seu autor *Manuel Maria Barbosa de Bocage*, o qual vivia em casa de um cadete do Regimento da primeira Armada, André da Ponte, que é natural da ilha Terceira;⁸⁴ mandei proceder contra um e outro e à apreensão dos seus papéis, e não achando ao sobredito Manuel Maria, se encontrou somente o André da Ponte, que foi preso, e apreendidos os papéis, e entre eles se achou um infame e sedicioso que se intitula *Verdades duras*, e principia: *Pavorosa ilusão da eternidade*, e acaba *De oprimir seus iguais com o férreo jugo*, como consta de Auto da achada que acompanha a Conta que me deu e juiz do crime do Bairro do Andaluz, a quem eu havia encarregado esta diligência; do mesmo Auto verá V. Ex^a os mais papéis e livros ímpios e sediciosos que se apreenderam ao dito André da Ponte, os quais remeto inclusos com a devassa a que mandei proceder para averiguação da verdade e as perguntas que se fizeram ao dito Manuel Maria Barbosa de Bocage, que, alguns dias também foi preso a bordo da uma embarcação, que ia fugido do comboio para a Baía, e André da Ponte do Quental Câmara. Remeto também a delatação que me faz da cadeia o dito *Manuel Maria Barbosa de Bocage*, para que este Santo Tribunal lhe dê o peso que merecer. V. Ex^a me insinuará o mais que quer que eu faça sobre estes dois réus, os quais conservo na prisão, esperando a restituição destes papéis logo que forem examinados por esse Santo Tribunal pela parte que lhe toca. Lisboa, 7 de Novembro de 1797. – Ex.^{mo} Sr. D. José Maria de Melo.»⁸⁵

Por este documento se vê quanto custava ao intendente Manique o largar a presa; conservava-os em ferros, até que a Inquisição dispusesse deles.

André da Ponte do Quental, talvez em virtude do seu nascimento e relações

⁸⁴ Erro: Ilha de São Miguel.

⁸⁵ *Contas para as Secretarias*, livro V, a fls. 166 v. No *Arquivo Nacional*.

valiosas, foi mandado recolher à terra da sua naturalidade; Bocage foi reenviado outra vez para o intendente da Polícia, insinuando-se que o mandasse recolher ao Mosteiro de S. Bento da Saúde para ser doutrinado. Sabe-se hoje por via do *Dietário* do Mosteiro de S. Bento, que Bocage deu ali entrada em 17 de Fevereiro de 1798; esteve portanto no Santo Ofício três meses e dez dias. Pelo documento que citamos, se vê que o Mosteiro de S. Bento era um refúgio para onde a autoridade mandava acolher os perseguidos pelas arbitrariedades da polícia, que era então um estado no estado. O *Dietário*, a que nos referimos, era um livro escrito anualmente por um frade da ordem, que tinha o cargo de consignar nele todos os sucessos principais do tempo, como os desastres públicos, as descobertas, os contágios, os óbitos das principais personagens, como contribuição para a história. O pensamento da instituição era luminoso, mas o critério ficava sempre abaixo do caso anedótico, por falta de intuito filosófico. Em todo o caso, os poucos livros que restam contêm alguns factos importantes para a história da sociedade portuguesa do século XVIII. Transcrevemos a nota acerca de Bocage, não só como subsídio autêntico para a biografia de poeta, senão também como espécimen do livro:

«Ano de 1798 – Mês de Fevereiro – Lisboa: Providências políticas internas, em qualquer ramo de Administração pública:

A 17 do presente mês de Fevereiro foi mandado para este Mosteiro pelo Tribunal de Santo Ofício o célebre Poeta Manuel Maria de Bocage, bem conhecido nesta Corte pelas suas Poesias, e não menos que pela sua instrução. Tinha sido preso pela Intendência, e ele reclamara para o Santo Ofício, onde esteve até ser mandado para este Mosteiro, apesar de encerrar já no seu recinto o Regimento de Gomes Freire, seis expatriados, e um preso de Estado do julgado levantamento de Minas Gerais.»⁸⁶

Por este documento se vê que o próprio Bocage reclamara, isto é, recorrera para o Santo Ofício, para assim se eximir ao despotismo do intendente, que não hesitava em conservá-lo em cárcere perpétuo, ou, pelo menos, degredá-lo para Angola. A brandura com que o tratavam no Mosteiro de S. Bento fez com que Manique logo em 22 de Março, por Ofício ao corregedor do crime do Bairro dos Romulares, o mandasse transferir para o Mosteiro das Necessidades. Nesta casa floresciam os padres António Pereira de Figueiredo e Teodoro de Almeida, eruditos de primeira ordem e suspeitos pelo intendente de *filósofos* e de partidários das ideias francesas. Ali foi encontrar Bocage o poeta e filólogo Frei Joaquim de Fóios, que o ouviu de confissão geral e contra o qual lançou alguns epigramas. Eis o Ofício supracitado, no seu embrulhado estilo:

«V. M.^{cc} na noite de hoje, quinta-feira, vinte e dois do presente, passará ao Mosteiro de S. Bento da Saúde e procurará o Abade do mesmo Mosteiro e lhe entregará a carta inclusa, e receberá Manuel Maria Barbosa de Bocage e o conduzirá ao Hospício de N. S.^a das Necessidades, dos Padres de S. Filipe Néri, junto de Alcântara, e o entregará ao Prelado de mesmo Hospício que o estiver presidindo nele, e lhe intimará que fica ali o dito Manuel Maria recluso no mesmo Hospício, e que não possa sair fora sem nova ordem, nem comunicar com pessoa alguma de fora, à excepção porém dos Religiosos Conventuais no mesmo Hospício ou filhos da mesma Congregação de S. Filipe Néri, andando em liberdade no mesmo Hospício, sem que venha abaixo às Portarias e a mesma Igreja, e nas horas de recreação poderá ir à Cerca, na Companhia dos Religiosos e Conventuais no mesmo Hospício, e assistir no Coro a todos os officios, se assim o julgar o Prelado, e não encontrar algum inconveniente, e lhe entregará Vm.^{cc} o constante da Relação inclusa, que o Príncipe nosso Senhor lhe manda dar por esmola, e espera que com estas Correcções, que tem sofrido

⁸⁶ *Dietário do Mosteiro da Saúde da S. Bento de Lisboa*, a fls. 8 (1798). Ms. da Biblioteca Nacional. Deu-nos conhecimento deste livro o Sr. Dr. Ribeiro Guimarães.

tornará em si, e aos seus deveres, aproveitando os seus distintos talentos com os quais sirva a Deus nosso Senhor, a Sua Majestade e ao Estado, e útil a si, dando consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, que o vejam entrar em si verdadeiramente, abandonando todos os vícios e prostituições em que vivia escandalosamente.

Logo que tiver executado esta diligência me dará Vm.^{cc} conta por escrito. Lisboa, 22 de Março de 1798. – Ao juiz do crime do Bairro de Romulares.»⁸⁷

Nenhum biógrafo havia ainda falado da esmola que o príncipe regente mandara dar a Bocage; pode-se afirmar que foi acto do próprio intendente, que costumava aplicar os muitos recursos da Casa Pia ao socorro de desvalidos, e que tinha ordem de levantar os dinheiros que bem quisesse do Tesouro sem ser obrigado a justificar as suas despesas. A esmola era descrita numa relação, o que nos prova que constaria de roupas e algum dinheiro. O carácter de Bocage estava acima destes sentimentos oficiais, e por isso nunca aludiu nos seus versos à esmola dada em nome de D. João VI; pelo contrário, exaltava nos seus versos a dedicação desse pobre José Pedro da Silva, dono do botequim do Rossio, a quem

Pagava em metro o que devia em ouro.

Embora Bocage fosse conservado incomunicável para os estranhos ao Mosteiro, sentiu-se ali numa sociedade escolhida, onde o estimavam, e numa ode a José de Seabra da Silva confessa-lhe que lhe renasce outra vez o gosto pela poesia:

Estro brilhante, criador dos hinos,
Dissipa imagens turvas,
De agra tristeza desvanece o rasto
No espírito do vate,
À sombra dos altares acolhido.
A estrídula corrente,
O peso infamador aqui não soa;
Aqui não soam mágoas
Da vexada Inocência lamentosa...

No soneto de Bocage com a rubrica *Conselhos a um Preceptor austero*, conhece-se que na clausura também se distraía com versos amorosos; foi durante este remanso moral que se ocupou com a tentativa de versão de *As Metamorfoses* de Ovídio, que lhe deram um nome respeitado entre os eruditos. Na epígrafe original que adoptou para a versão, ainda se queixa da falta de liberdade; um grande número de episódios de *A Farsália*, de *A Jerusalém Libertada*, de *A Henriada*, de *A Colombiada*, foi vertido por Bocage, aproveitando-se das riquezas da biblioteca do mosteiro e do tempo, que a sua vida vagabunda lhe não deixava. Vivia então recolhido numa cela da Congregação do Oratório o conde de S. Lourenço, D. João José Ansberto de Noronha, que, depois do ter sofrido as duas prisões da Junqueira, quando foram executados os seus parentes, os Távoras, por ordem do Marquês de Pombal, readquirira a liberdade no começo do reinado de D. Maria I. O Conde de S. Lourenço precisava da tranquilidade moral, e, tendo-se acostumado à leitura no cárcere, acolheu-se a essa Ordem literária e ali acabou os seus dias. Bocage frequentava a sua companhia e escutava-o atentamente; numa

⁸⁷ *Registo Geral da Correspondência do Intendente da Polícia com Todas as Autoridades*, livro XI (numeração da Intendência), a fls. 109. Também se acha sob o título de livro 38 (Governo Civil) e 199 (Torre do Tombo). Rebelo da Silva alude a este documento, mas não o cita (p. 44), nem indica a fonte; J. Feliciano também não o descobriu, e por isso não cita a melhor parte dos factos nele contidos.

epístola que lhe dedica, descreve Bocage esses encantadores entretenimentos:

Que horas douradas, que formosos dias
Nela dos lábios teus pendí, qual pende
De Face encantadora aceso amante...

.....
E, ouvindo-te, um ser novo em mim sentia.

O Conde de S. Lourenço fora amigo de Garção, que lhe dedicara a sua mais bela sátira, e, como ele, também vítima do Marquês de Pombal; a grande admiração que Bocage consagrava a Garção foi em parte suscitada pelas conversas eruditas deste asceta, que tinha de comum e de íntimo com ele o terem sido ambos vítimas da arbitrariedade. Nestes mútuos desabafos, como lhes não resplandeceriam na consciência os grandes actos da justiça popular!

Em 1798, ao fazer trinta e três anos, já se achava plenamente solto, e já com alguns cabelos brancos por efeito destas emoções violentas:

Excedo lustros seis por mais três anos,
Mas bem que juvenis meus anos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos.

Na versão dos trechos de *As Metamorfoses*, Bocage evitou tudo o que o podia tornar suspeito outra vez; e talvez por esse motivo teve de abandonar a versão de Gil Brás de Santilhana, que encetara. O intendente continuava a perseguir os livros; numa Conta de 27 de Setembro de 1798, repete: «que a maior parte dos livros ímpios e sediciosos que aparecem no público de mão em mão saem da Alfândega... Devo informar a V. Ex. que me dizem ser seu autor Luís Caetano, que acaba de chegar a Lisboa, de Paris, para onde havia fugido deste reino, contra o qual não procedo imediatamente, por querer primeiro falar ao Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr. José de Seabra da Silva do qual o sobredito Luís Caetano me deu verbalmente um recado, dizendo que António de Araújo e Azevedo, ministro da Corte na Haia, havia escrito àquele ministro a favor dele...»⁸⁸ É logo em 1798 que achamos Bocage em relações com Luís Caetano, a quem lhe deixou o trabalho de completar a versão de Lesage.

A tradução da *História de Gil Brás de Santilhana* por Bocage, começada antes de 1798, não devia deixá-lo de fazer carga nas suspeitas e indicições de que o cobria a polícia de Manique. Numa Conta do intendente para as Secretarias, dando parte de que mandara sair de Portugal um professor de Francês, pelo perigo das ideias revolucionárias, diz que na busca dada aos seus papéis: «se lhe achou outro livro que ele se servia também para dar as lições, intitulado *História de Gil Brás de Santilhana*, o qual também pouco próprio para instruir a mocidade, que não seja arriscada a precipitar-se...»⁸⁹ É presumível que Bocage não acabasse a sua tradução (até à pág. 116 do tomo II), por efeito da sua prisão e transferência do Mosteiro de S. Bento, e por isso a acabou *Luís Caetano de Campos*, já desde 1794 notado pela polícia como jacobino, que frequentava os dois homens perigosíssimos o sábio Correia da Serra, e o ilustre Duque de Lafões, e que ia às conversas dos pasmatórios da Praça do Comércio: «um português, que também concorre na Praça do Comércio com estes, filho de Chaves, e conhecido por ter composto as *Viagens de Altina*, que esteve em França e em Inglaterra, e que

⁸⁸ *Contas para as Secretarias*, livro V, a fls. 245.

⁸⁹ *Ibidem*, livro IV, a fls. 187 (9 de Março de 1793).

também concorrem em casa dos livreiros franceses, daqueles que estão marcados jacobinos, na minha presença...»⁹⁰ A tradução de Luís Caetano de Campos ombréia dignamente com a parte de Bocage.

O poeta andava desalentado, e a cabala dos metrificadores havia alcançado pela mão pesada de Manique uma bem amarga vingança. Bocage precisava de um estímulo que o fizesse achar outra vez encanto na poesia. Consta pela tradição conservada por Bingre, que o ministro José de Seabra da Silva lhe oferecera em 1798 em lugar de oficial da Biblioteca Pública de Lisboa, aberta nesse ano, e que o poeta recusara, para conservar a sua independência. A este tempo já havia chegado às mãos do velho Filinto Elísio, a Paris, o volume impresso em 1791, das suas *Rimas*, e também a tradição dos seus sofrimentos nos cárceres políticos e inquisitoriais. Filinto, usando da autoridade do seu nome e dos seus anos, remeteu a Bocage uma pequena ode que era a consagração do novo talento:

Lendo os teus versos, numeroso Elmano,
E o não vulgar conceito e a feliz frase,
Disse entre mim: – Depõe, Filinti, a lira
Já velha, já cansada;
Que este mancebo vem tomar-te os louros,
Ganhados com teu canto na áurea quadra
Em que ao bom Coridon, a Elpino, a Alfeno
Aplaudia Ulisseia...

Esta curta ode, que se compõe ao todo de quatro estrofes, veio reanimar Bocage e assegurar-lhe o triunfo decisivo sobre os seus émulo, inspirando-lhe o verso audacioso: «Zoilos tremei! posteridade és minha.» Foi este um dos maiores prazeres que Bocage encontrou na sua vida literária, e daqui se deve determinar uma nova fase na sua actividade.

⁹⁰ *Ibidem*, a fls. 211 v. (5 de Novembro de 1794).

IV

Período de desalento e morte (1798 a 1805) – Relação de Bocage com o padre Conceição Veloso, naturalista brasileiro. – Rompe a polémica com José Agostinho de Macedo em 1801. – Trabalha para sustentar sua irmã. – Influência dos botequins no liberalismo, o botequim do Nicola, e *O Agulheiro dos Sábios*. – Elmanistas Pato Moniz, Maldonado, Cardoso, morgado de Assentis, D. Gastão. – Seu amor com D. Ana Perpétua Bersane Leite. – Os outeiros poéticos e os improvisos nos saraus de família. – Bocage sente-se doente, e reconcilia-se com os seus inimigos, Macedo, Semedo, e louva todos os seus contemporâneos. – Dedicção do botequineiro José Pedro da Silva. – Últimas publicações para sustentar-se. – Morre sem ver o fim da sociedade de que foi vítima. – Entrada dos Franceses em Portugal em 1808 – Espírito novo.

Logo que Bocage conseguiu a liberdade, procurou manifestar a sua gratidão pelos amigos desinteressados que procuraram tirá-lo do arbítrio de Manique, ou o sustentaram na cadeia. É de 1799 o segundo volume das *Rimas*, dedicado a António José Álvares, que o fora socorrer com dinheiro quando ainda se achava no segredo:

A minha gratidão te dá meus versos:

.....
Os lares vão saudar, propícios lares,
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passos da indigência errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedaram
A catástrofe acerba de meus dias...

Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oprimido,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram...

A própria autoridade impassível de Manique reconhecia que havia naquela natureza desgraçada o quer que é de superior que não pode ser submetido à lei geral. No Ofício para o corregedor do crime do Bairro de Romulares, chega a dirigir ao poeta essas palavras vagamente compassivas em que diz que o príncipe regente contava: «que por meio das correções que tinha sofrido *Manuel Maria Barbosa de Bocage*, tornando a si e aos seus deveres, aproveitando os seus distintos talentos para servir a Deus, a El-Rei e ao Estado, seria útil a si, e daria consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes abandonados os vícios e a prostituição em que vivera escandalosamente.»⁹¹ Era impossível para Bocage, e para todo o homem capaz de pensar, o aproveitar o seu talento numa sociedade, onde se estabelecia, que: «se não pagasse os quartéis dos seus respectivos ordenados aos mestres de primeiras letras, e de Latinidade desta corte e de todas as comarcas do Reino sem que apresentasse atestação jurada dos Párcos ou Prelados locais dos Conventos ou Mosteiros, em que declarassem que os referidos Mestres e Professores tinham ido com os seus alunos em todos os Domingos assistir ao Catecismo.»⁹² Para acudir a Bocage, o naturalista eminente o padre-mestre José Mariano da Conceição Veloso propôs-lhe logo em 1799 a tradução de vários poemas didáticos:

⁹¹ Ofício de 22 de Março de 1798.

⁹² *Contas para as Secretarias*, de 20 de Junho de 1799, livro V, a fls. 319.

Em ti, constante, desvelado amigo,
Demando contra a Sorte asilo e sombra:
Ó das Musas factor, de *Flora aluno!*

A vinda de D. Maria Francisca, irmã mais nova de Bocage, para a companhia dele, talvez em consequência da partida da marquesa de Alorna para Inglaterra, seria também para dar algum assento a esta vida vagabunda. Na sátira contra José Agostinho de Macedo, em 1801, já alude o poeta ao cumprimento de deveres sagrados, porque já então trabalhava para sustentar sua irmã, escrevendo as traduções encomendadas pelo grande naturalista brasileiro o P.^e José Mariano da Conceição Veloso:

Os dias eu consumo, ou velo as noites
Nos desornados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus ali componho
A pesada existência honesto arrimo,
Coa mão, que Febo estende aos seus, a poucos.
Ali deveres, que não tens, nem prezas;
Com *fraternal* piedade acato, exerço,
Cultivo affectos à tua atina estranhos,
Dando à virtude quanto dás ao vício;
Não me envilece ali de um frade o soldo:
Ali me esforça ao génio as ígneas asas
Coração benfazejo, e tanto, e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe;
Que em redondo carácter te propaga
A rapsódia servil

Já em 1800 nos aparece Bocage fazendo versões para a *Tipografia Caleográfica e Literária*, da qual era um dos directores o paulista Frei José Mariano da Conceição Veloso⁹³, que para acudir a Bocage lhe estabelecera um ordenado de vinte e quatro mil-réis mensais; é desse ano a publicação do poema didáctico do insulso Delible *Os Jardins*. A versão de Bocage mereceu gabos gerais, que indispueram Macedo, e foi daqui que datou a rotura das relações amigáveis entre os dois.

Depois que alcançou a soltura, Bocage não tornou a procurar o conde de S. Lourenço, que tão amigavelmente o acolhia às suas conversas na cela das Necessidades que habitava; Bocage escreveu-lhe desculpando-se com seus trabalhos forçados, e alude outra vez à companhia de sua irmã:

Se a beber novo brilho, ideias novas
Nas asas da Saudade a ti não voo,
É que férreo dever, grilhão sagrado
No pobre, tosco alvergue me acantoam.
Lucro mesquinho de vigílias duras,
Património dos vates (e não sempre)
Sustêm meus dias, que parecem noites,
E esteio aos dias são de irmã, que terna
Corte comigo tormentosos fados.

⁹³ Decreto de 7 de Dezembro de 1801.

Por este trecho se vê que o poeta tornava a sério a obrigação que contraíra com o eminente naturalista Veloso; as traduções de *Os Jardins*, de Delille, de *As Plantas*, de Castel, de *O Consórcio das Flores*, além de outros trabalhos, foram feitas durante os anos de 1801 e 1802. O aplauso que as suas traduções provocavam é que o entusiasmava para forçar-se ao estudo, e é que lhe suscitava os ímpetos de vaidade que o levaram a provocar José Agostinho de Macedo.

Bocage estava no auge da sua glória; conhece-se isto pelas relações dos estrangeiros. Link, nas suas Viagens a Portugal, deixou consignado este facto: «Perguntei a muitos portugueses quais eram os melhores poetas modernos, e aos livreiros quais as poesias mais procuradas; respondiam todos, que Manuel Maria Barbosa du Bocage.»⁹⁴ Esta significação da estima pública pelo talento de Bocage é que nos explica o tom vaidoso que escapa em diferentes lugares das suas obras, e o acinte de ir provocar a emulação abafada de Macedo. Foi no ano de 1801 que Bocage compôs mais *elogios dramáticos* para os teatros, e onde o público mais apreciou a sua versificação harmoniosa; os actores pediam-lhe versos alegóricos para os seus benefícios, e em todos os regozijos oficiais dos natalícios do Paço, Bocage contribuía sempre com uma composição recitada ou no Salitre, ou na Rua dos Condes, ou em São Carlos.

Essas composições, que são o documento mais vivo da sua popularidade, não têm mérito algum; o *elogio dramático* era uma invenção do espírito bajulador dos absolutistas do século XVIII; consistia num diálogo entre entidades alegóricas, como a Virtude, a Liberdade, o Despotismo, o Vício e outros mil vocábulos. Bocage tentou escrever no género dramático, mas os fragmentos que deixou mostram que foi desorientado no seu caminho pela tragédia pseudo-clássica francesa e pelo elogio. Como os versos de Bocage eram retumbantes, como observou Link (e só o podem acusar de hipérbole...), no teatro não se notava o vazio do pensamento, e por isso foi aí apreciado. Era isto mais um motivo para acirrar o ódio de José Agostinho de Macedo, sempre infeliz com as suas tentativas dramáticas.

A época precisa da grande luta literária em Bocage e José Agostinho deve fixar-se em 1801, como se deduz de *A Pena de Talião*:

Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani exala
Milagres de ternura, e de harmonia,
Sim, que disseras, se, ultrajando a cena,
De rouquenha bandurra um biltre armado
Ante a assembleia extática impingisse
Solfa, mazomba, hispânico bolero?

Como se sabe, a Catalani começou a cantar em São Carlos desde o Inverno de 1801 até ao Carnaval de 1806.⁹⁵ Portanto, Bocage tomou a comparação para a superioridade do seu talento da impressão mais viva de que estava então possuído, e os seus versos já retratam as parcialidades que se formaram entre os amadores dividindo-se na admiração a Catalani e ao soprano Crescentini. Já em 18 de Fevereiro de 1802, e intendente da Polícia, o implacável Manique, escrevia numa Conta para as Secretarias, que era impossível conciliar os dois artistas⁹⁶, e Crescentini empregava todos os meios para fazer sair de Portugal a cantora que ofuscava a sua glória. Já que para a restituição

⁹⁴ *Travels in Portugal*, 1801.

⁹⁵ Vasconcelos, *Os Músicos Portugueses*, tomo II, 119.

⁹⁶ *Papéis de Intendência*, livro VI, a fls. 286 v.

desta época da vida de Bocage tocámos nas lutas do Teatro de São Carlos, desenvolveremos esta parte, por isso que Bocage também andava envolvido no coro dos admiradores da célebre Gafforini, escriturada em 1801; Bocage dedicou-lhe uma ode com a rubrica *A célebre actriz e cantora veneziana Elisabeta Gafforini*. Cantavam-se então no Teatro de São Carlos as óperas do nosso compositor nacional Marcos Portugal, tais como *Morte de Semíramis*, *Sofonisba*, *Il Trionfo di Clelia*, *Argenide*, *Zaira*, *Mépepe*, *Fernando in Méssico*, *Ginevra di Scozia*, *Il Duca de Foix*, e *Morte di Mitridate*⁹⁷, em que brilhavam a Catalani e a Gafforini.⁹⁸ Num documento da Polícia, de 1802, achamos descritas as lutas intestinas da Companhia organizada por Crescentini, interessante para a vida artística dessa época, e para a biografia de Marcos Portugal, pelo que o reproduzimos na sua íntegra:

«Recebo ao fazer desta o Aviso de V. Ex^a com a data de ontem, com o requerimento incluso de Jerónimo Crescentini, no qual se queixa de eu lhe mandar entregar em depósito e num dos gabinetes de Real Teatro de São Carlos a música das duas óperas *Semíramis* e *Zaira*, composta a dita música pelo compositor do mesmo Teatro Marcos António Portugal; por me constar que o suplicante Jerónimo Crescentini por segundas instâncias queria pôr a música das mesmas óperas a bordo do navio que vai para Génova.

É certo que mandei recolher aos gabinetes de música do dito Real Teatro de São Carlos a dita música das sobreditas óperas, para se servir o Teatro nas actuais circunstâncias em que está; pagando-se pela avaliação àqueles a quem tocar o seu embolso; pois na Empresa do dito Teatro, do ano passado, foram empresários a Companhia dos Cômicos e Dançarinos que trabalham no mesmo Teatro, de que era director o sobredito Jerónimo Crescentini que tem somente a sua parte correspondente a meia Companhia de Cômicos e Dançarinos interessados no valor em que se avaliar a mesma música pelos professores da primeira ordem que há nesta corte, em que tem igual parte o compositor dela Marcos António Portugal, que, como sócio da dita Empresa, também requereu nesta Intendência se lhe segurasse esta música das ditas duas óperas por o suplicante ter espalhado e dito que a mandava para Génova num navio que estava a sair, em ódio à Empresa actual, por ver o suplicante que não levava ao fim o seu plano de ficar fixado o Teatro na presente Páscoa e poder conseguir desgostar Angélica Catalani, para a obrigar a sair deste Reino, e este é o grande entusiasmo do suplicante, a fim de pôr a dita actriz, como digo fora deste Reino.

É certo também que o P. R. N. S. quer que o dito Teatro de São Carlos se abra e se ponha em trabalho, e V. Ex^a também assim me tem comunicado de ordem do mesmo Augusto Senhor, e como eu desejo cumprir as reais ordens, e o tempo é curto para se comporem novas músicas para algumas óperas, que se queiram pôr em cena, e ser o costume e prática que todas as Obras de Música que se têm feito naquele Real Teatro, fiquem no gabinete de Música do mesmo Teatro, e se lhe mande fazer uma avaliação, e paga o empresário que entra na empresa àquele que sai, que é e mais que pedia pretender o suplicante, estando autorizado pela Companhia dos Cômicos e Dançarinos, que entraram na Empresa que finalizou pelo Carnaval pretérito: isto é e que me informam se pratica não só neste artigo da Música, mas também da Guarda-Roupa e Cenário, e é e que também me obrigou a mandar recolher aos ditos gabinetes a referida Música, cuja diligência se não efectuou, e ficou em depósito em poder do suplicante Jerónimo Crescontini, como mostra o documento que ele junta ao seu requerimento.

É o que posso informar a V. Ex^a sobre esta matéria e fico esperando as reais ordens, que V. Ex^a me comunicar a este respeito para me servirem de regra para poder deferir não só ao suplicante Jerónimo Crescentini, mas às partes que me requereram mandar recolher ao gabinete de Real Teatro de São Carlos a Música das duas óperas *Semíramis* e *Zaira*. Lisboa, 1º de Abril de 1802. – Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho».⁹⁹

É preciso que nos não ceguemos por este interesse da Polícia pela regularidade dos

⁹⁷ Vascellos, *Os Músicos Portugueses*.

⁹⁸ Do nome de Gafforini ficou na língua portuguesa e palavra de gíria *gaforina*, para significar o cabelo hirsuto e espesso.

⁹⁹ *Contas para as Secretarias*, livro VI, a fls. 287.

espectáculos dramáticos, nem o esplendor artístico nos deve deslumbrar considerando-o como um resultado da vida moral e das exigências de um elevado gosto público. Faziam-se grandes despesas não pela arte, mas para distrair as atenções dos factos políticos que se passavam na Europa, e em que Portugal por seu turno ia ser envolvido. Foi em todos os tempos este o sistema empregado pelo cesarismo: depois da degradação da espionagem introduzida por Manique, seguia-se o deslumbramento que não deixa observar o que se passa no meio social. Numa Conta para as Secretarias, de 26 de Maio de 1802, falando de Teatro de São Carlos, Manique formula a lei de cesarismo dirigindo-se com toda a clareza ao ministro: «V. Ex^a conhece a grande utilidade que resulta ao Estado em trabalhar este Teatro, pois que enquanto e público está ali entretido, não discorre em matérias que lhe não importam...»¹⁰⁰

A peste napoleónica ia começar o seu ciclo de invasões, e nós estávamos separados do conhecimento de todos os nossos direitos, e por isso não os soubemos fazer valer, quando a realeza abandonou os seus fiéis vassallos ao inimigo que entrava. Nesta época, já Bocage andava doente, mas é quando vemos a sua actividade exercitada nos elogios dramáticos dos festejos reais, e nos prólogos de comédias para os actores seus amigos. Era um talento simpático ao público que se forçava para atrair aos benefícios por esse meio a maior concorrência. Para este fim a Polícia concedia que se imitassem os divertimentos da Itália, fazendo lotarias e jogos chamados *tômbolas*, para acirrar o apetite dos espectadores. Sobre este costume, hoje extinto, é curioso o seguinte documento do intendente Manique:

«Ponho nas mãos de V. Ex^a a conta que dá do inspector de Teatro de São Carlos, e desejando ao mesmo tempo que na Páscoa próxima continue a trabalhar este Teatro, tenho procurado alguns meios de ver se posso descobrir algum empresário que tome a si esta empresa no presente ano, e não me tendo achado, me obrigou a falar a Francisco António Lodi, e qual havia sido empresário do mesmo Teatro alguns anos, para ver se com a protecção de alguns dos seus amigos entrava outra vez nesta Empresa, o qual me trouxe o plano para o custeamento do dito Teatro, com a memória de que pretende de auxílio para entrar nesta empresa. Passo às mãos de V. Ex^a e dito plano com a referida memória de que pretende se lhe faculte, para poder cumprir as minhas insinuações de abrir o Teatro Italiano na próxima Páscoa, e no mesmo pé em que actualmente está.

É certo que a despesa é considerável logo que se queira pôr no mesmo pé este Teatro, em que se acha, mas também por outra parte é certo que este plano que faz o dito Francisco António Lodi é feito com alguma exageração, e neste caso deve haver moderação no que pretende na memória que junta ao dito Plano; e me parece que se lhe deve conceder o jogo chamado *tômbola* – que é concedido à maior parte dos Teatros da Itália para conservação da sua decência e decoro; o dito jogo se compõe de noventa números, que em cada semana se extraem publicamente sobre a mesma cena, debaixo das vistas do inspector e seu respectivo escrivão, de que o empresário recebe vinte e cinco por cento, e ninguém é admitido ao dito jogo sem estar presente; e esta condição obriga a comprar bilhetes para entrar na plateia e por esta forma há maior concurso de gente.

A outra parte que pretende o dito Francisco António Lodi, é que seja ele quem obtenha a graça de lhe serem vendidas as tomadias das fazendas do Contrabando e desencaminhadas aos reais direitos; debaixo das mesmas condições que as teve António José Ferreira, e as têm presentemente os que o substituíram, parece que com estas suas concessões é bastante para que possa trabalhar o teatro no mesmo pé, em que está actualmente; conservando os actores principais ou outros de igual força; e não encontro inconveniente para que deixe de lhe serem conferidas estas duas concessões; visto a Polícia tirar vantagem deste entretenimento, que enquanto ali estão os espectadores escusam de estar por casas de jogo e prostituição, e meterem-se em discursos que lhe não importam.

Queira V. Ex^a representar todo o referido ao Príncipe real regente nosso senhor, e comunicar-me com a possível brevidade a sua real resolução. Lisboa, 4 de Março de 1802. –

¹⁰⁰ *Ibidem*, livro IV, a fls. 309 v.

Pelo documento que fica transcrito se vê como e intendente se receava dos botequins, onde se conversava sobre a política europeia, que levava fatalmente a comentos revolucionários. Embora Bocage, desde a severidade de Manique, ficasse detestando a política:

Longe, um mundo apertado, um mundo inferno,
Onde ardem fúrias e triunfa o crime,
Onde a *negra Política* enroscada
Determina invasões, desenha horrores...

nem por isso podia deixar de frequentar os botequins, onde era logo cercado pela roda dos entusiastas e aplaudido. Os amigos pagavam-lhe os cigarros e a genebra para o excitarem e ouvirem. Neste tempo, Bocage sentia-se filho da simpatia pública; a sua honradez inquebrantável, os deveres fraternais que antepunha a tudo, os quadros dos seus desastres, que narrava de modo mais pitoresco, o improviso instantâneo para aproveitar uma rima feliz no meio da conversa, tudo o tornava querido. Era um homem para quem se falava, como se fosse um amigo velho, embora fosse a primeira vez que passassem um pelo outro. O botequim que lhe merecia as suas visitas nocturnas ficava acreditado, tinha uma lenda, era concorrido. Logo depois que saiu da prisão claustral, Bocage frequentava especialmente o Botequim do Nicola. Infelizmente, por causa dos sucessos das guerras napoleónicas, Manique mandou espiar as conversas do botequim:

«Constando nesta Intendência, que numa casa de café, denominada de Nicola, no Rossio desta capital, se ajuntavam diferentes indivíduos, que levados de ócio ali se demoravam só com o fim de entreter conversações e suscitarem assuntos menos próprios, essencialmente na presente conjuntura, que uma bem regulada Polícia não deve tolerar, ordenei ao meu comissário e ministro daquele Bairro vigiasse com particularidade as pessoas que frequentam a referida casa, e nela não consentisse se demorassem mais do que o tempo preciso, para tomarem os seus refrescos, aliás procedendo contra os transgressores; e como entre aqueles indivíduos há alguns que são soldados dos regimentos Auxiliares, que se acham debaixo do comando de V. Ex.^a, vou a prevenir do referido a V. Ex.^a e lhe rogo queira dar-lhe o peso que as suas dilatadas luzes conhecem, e dar as providências que a este fim julgar oportunas, para que ali se não demorem mais que o tempo de se refazerem e tomarem os seus refrescos.»¹⁰²
Depois deste documento é que se compreende a bem conhecida anedota de Bocage, quando, ao recolher-se para casa, a ronda do bairro o interrogou pondo-lhe a pistola ao peito: «Quem é? donde vem? para onde vai?» Ao que ele respondeu serenamente:

É o poeta Bocage:
Vem de casa do Nicola,
E vai para o outro mundo
Se lhe dispara a pistola.

Esta frase *o poeta Bocage*, e o modo de tratar-se em terceira pessoa, mostram-nos como ele já vivia no mito.

É nesta última fase da vida do poeta que frequenta com predilecção o Botequim do Rossio de que era proprietário um apaixonado dos poetas do seu tempo, o bem

¹⁰¹ *Contas para as Secretarias*, livro VI, a fls. 269.

¹⁰² *Papéis da Intendência – Contas para as Secretarias*, livro VI, a fls. 74 (5 de Julho de 1800).

conhecido José Pedro, das Luminárias, que morreu de noventa e nove anos de idade a 14 de Maio de 1862. Este homem adorava Bocage, e, sobrevivendo-lhe cinquenta e sete anos, foi uma fonte de tradições para todos os que procuraram conhecer o viver íntimo do último quartel do século XVIII. O botequim de José Pedro da Silveira, como ele próprio dizia, em 1810, num requerimento à Intendência da Polícia: «frequentado somente de pessoas as mais bem reputadas de Lisboa»;¹⁰³ e na verdade, nos últimos anos da vida de Bocage, existia ali um retiro especial denominado *O Agulheiro dos Sábios*, frequentado por Bingre, D. Gastão Fausto da Câmara Coutinho, o morgado de Assentiz, Pato Moniz, Pedro José Constâncio, e outros muitos poetas elmanistas. Quando se deu a cisão com Bocage, frequentava e P.º José Agostinho de Macedo a loja do chapeleiro Daniel e ali dava largas à sua bília, apodando o botequim de José Pedro da Silva com o título que lhe ficou de *Botequim das Barras*. Na réplica de *A Pena de Talião*, Bocage alude a esta frase:

Pões-me de inútil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inútil.
As praças de Ulisseia à toa oprimes,
Ou do bom Daniel na térrea estância
Peçonhas de invectiva espremes da alma,
Que entre negros chapéus também negreja,
E ante o caixeiro boquiaberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a enciclopédia...

Num dos diversos prólogos do sempre transformado poema de *Os Burros*, Macedo escrevia debaixo da impressão de despeito que despertavam as críticas do *Botequim das Barras*: «o espírito da Asneira preparou no centro de Lisboa um domicílio onde quis levantar o trono e dilatar o império dos sandeus. Uma fatal força centrípeta para ali puxa os mais asneirões de todas as classes; e dali, assim como do Clube dos Jacobinos de Paris se prepararam e dirigiram todos os golpes contra todos os governos que não fossem revolucionários; se dirigiram todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o império da razão, do gosto, da crítica, da poesia e da prosa, em que reluzisse um vislumbre do siso comum. Falo de um botequim ou café de um José Pedro da Silva, no Rossio de Lisboa, santuário conhecido não só aos vagabundos de Lisboa, mas aos estúpidos e alarves provincianos... Uma necessidade fatal, que nos arrasta neste século para o caos da ignorância, desde a desgraçada instalação deste botequim, fez ali presidir a Asneira, desde que o *orate Bocage, levantando de moto próprio o poder absoluto em Sultão de Parnaso português ali começou a beber e a gritar, etc.*» Noutras redacções do poema Macedo tinha outros ódios, e substituiu este prólogo escrito pela aversão aos elmanistas do *Agulheiro dos Sábios*. Foi esta a crise em que rebentou a sátira de Macedo e a vigorosa réplica de *A Pena de Talião* foi no Botequim das Parras que lhe saiu essa composição em que cada verso é um epigrama. José Agostinho de Macedo ataca-o em todas as suas baldas:

Nem ser pobre se opõe ao génio, às artes:
Foram pobres Camões, Homero e Tasso,
Nem ser vadio num poeta e crime,
Nunca um poeta bom teve outro ofício.
Tu és magro, és vadio, és poeta, és feio...

¹⁰³ *Papéis da Intendência*, volume XI, a fls. 82 v.

Exprobra-lhe o sestro, já desculpável em Bocage, de se louvar, e de se deixar levar pelos que o admiravam, buscando de preferência os outeiros, onde era festejado:

Quem tão férreo será, que se contenha,
Quando as estátuas vir, que tu, soberbo
Enramadas de louro a ti consagras?
Que um Deus te inspira, que fervendo em estro
Improvisos oráculos arrotas!
Fanfarrão glosador, chamas divina.
Celeste inspiração, celeste fogo
Gritando amplificar cediços motes
E merecer de ofício um *bravo*, um *belo*,
De um vão peralta ou dama enfatuada...

Esta sátira virulenta tem para nós hoje a importância de retratar a vida moral dessa época e de nos avivar alguns traços ainda que duros da fisionomia de Bocage. A necessidade forçara o poeta a fazer traduções em prosa e verso de medíocres poetas didáticos e de dramas clássicos franceses, e neste trabalho seduziam-no também os constantes gabos que lhe davam. Bocage esgotou-se nesta obra estéril; Macedo, que também cultivava o género didático, e que notava frouxidões e infidelidades nas traduções de Bocage, provocou o desforço no prólogo do poema de *As Plantas*; sobre essas frases veladas é que Macedo prorrompe:

Tradutor de aluguel, quem são teus zoilos?
Tu que a soldo de um frade ao mundo embutes
Rasteiras cópias de originais soberbos?
Que vulto fazes tu? Quais são teus versos?
Teus improvisos quais? Glosar três motes
Com lugares comuns de *facho* e *setas*,
Velhos arreios do menino Idálio?
Glosar e traduzir, isto é ser vate?

Macedo, como todos os neo-arcades, fala no talento de Bocage muito superior antes da viagem para a Índia, e no que escreveu em Goa:

Deitaste-te a perder, que a Natureza
Não te negou seus dons; é doce, e terno
Delicado é também quanto cantaste
Aonde o berço tem nascido o dia.

E por fim dá a conhecer o motivo de ressentimento, aludindo ao prólogo do poema de *As Plantas*, que saíra da Tipografia Caleográfica em 1801:

..... levantas
Mais orgulhosa a frente, porque incensam
As traduções que estólido assoalhas?
E chamas douta prefacção de *As Plantas*
Ao próprio louvor teu, que impune entoas?...

Os vícios do elmanismo, as antíteses e tautologias habituais em Bocage, que já começavam a caracterizar-se em escola, prestavam-se a essa observação de Macedo:

São em ordem retrógrada já lidos
Versos que urdido tens, depois que o estro
Deixaste nas gangéticas ribeiras;
Deslocados fôgachos que não sabem
Coligir-se entre si. Bem disse aquele
Que imparcial tem lido as obras tuas,
Carregadas de antíteses, de tantas
Enfadonhas metáforas aos pares,
Que lido um verso teu são lidos todos...

.....
Dize que o verso é teu, que *este não morre!*...

Era esta a frase espontânea que Bocage soltava quando ficava satisfeito com os seus improvisos; já na luta dos neo-arcades o haviam satirizado por causa dela. Macedo torna a fazer carga a Bocage com os ódios açaimados em 1793:

..... abocanhas
A virtude e saber de um génio activo,
Porque estudou da Europa as cultas línguas
E a pátria vantajosa estuda e serve.

Referia-se ao chistoso soneto a Tomé Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso, oficial de línguas na Secretaria dos Estrangeiros de quem Bocage se conservou sempre amigo. Depois agrupa os nomes dos neo-arcades, como se fossem outras tantas vítimas da injustiça de Bocage:

Que te fez *Meliseu*, se e fome e os anos
Lhe deixam erma e transversal a beca?
Chamas por mofa tonsurado a *Elmiro*:
Própria escolha não foi de Elmiro o estado.
Dizes que é baixo e coxo o Transtagano
Dulcíssimo *Belmiro*, e que não voa?

A sátira de Macedo produziu uma emoção profunda em Bocage, mas não o fez sucumbir; o furor da vaidade transformou-se-lhe no entusiasmo do repentista. Transcrevemos os versos que correspondem aos extractos de Macedo que acima ficam:

Que importa descarnado, e macilento
Não ter mau rosto o que alicia os olhos,
Enquanto nédio, e rechonchudo, à custa
De vão festeiro, estúpida irmandade,
Repimpado nos púlpitos, que aviltas,
Afofas teus sermões, venais fazendas
(Cujos credores nos elísios fervem),
Trovejas, enrouqueces, não comoves,
Gelas a contrição no centro da alma...

.....

Pões-me de inútil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inútil.
As praças de Ulisseia à toa oprimes, etc.

Quanto aos neo-arcades, Bocage acusa-o da pérfida amizade:

Pede ao mole Belmiro, anão de Febo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo há pouco
Nas tendas, nos cafês deveu sarcasmos;
Pede ao bem Melizeu, da Arcádia Fauno,¹⁰⁴
De avelada existência, e mente exausta,
Que affectas lamentar, e astuto abates,
Que por alféloa troca os sons de Euterpe...

.....
Segue o que tens de cor, mas não praticas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das «Musas no Almanaque» (ai triste!)
Que a par de seus irmãos morreu de traça,
Forjaste de uma freira equórea ninfa,
Jacinta de um Tritão fingiste acesa:
Chamaste grande, harmónico a Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Converteste depois, havendo impacto
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orangotango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.

Estas injúrias pessoais têm a importância de virem explicar como os ódios de tempo da Nova Arcádia não estavam apagados, sendo eles o motivo das denúncias que tantos desastres acarretaram sobre Bocage. N^o *A Pena de Talião* fere Bocage o antagonista no lado vulnerável, a pretensão de compor uns outros *Lusíadas*, loucura de que já Macedo andava possuído em 1801:

Ousa mais: – a *Lusíada* não sumas,
Que e número de verses fez poema
Tal, que seu mesmo pai sem dor o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audácia, e não de engenho;
o prólogo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneráveis cinzas...

.....
As oitavas ao *Gama* esconde embora,
Nisso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais! Epístolas, sonetos,
Odes, canções, metamorfoses, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado.

¹⁰⁴ Elmiro, incapaz de açaimar a maledicência, que o caracteriza, exproba a penúria ao ressequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro com que antepõe um pau de alféloa às composições eutéricas, com que podia afamar-se entre os Hurões, mui afeiçoados a poesias deste gosto.

Só passados seis anos depois da morte de Bocage é que Macedo se atreveu a apresentar e seu espúrio poema *O Gama*, reformando-o dali a três anos n’*O Oriente*, que está para a concepção de Camões como um reflector de lata para o Sol. Bocage sabia compreender Camões; aprendera o sentimento do soneto nas suas líricas, e aconselhava o estudo desse génio a todos os que pretendiam compreender a poesia. A audácia de Macedo, que engenhava *O Gama*, alucinava-o de desespero. Estas sátiras correram logo em cópias manuscritas, porque a Comissão-Geral de Exame e Censura dos Livros não dava o – *Pede correr*; a proibição tornava-as mais apetecidas, e como a severidade da Polícia não consentia conversas políticas, aqueles cérebros inebriavam-se com versalhada, recitava-se com ênfase, criava-se interesse nesta sensaboria. O padre José Agostinho de Macedo respingou com outra sátira, que por certo não chegou ao conhecimento de Bocage, porque ficou sem resposta.

Os amigos de Bocage, vendo quanto ele era impressionável e talvez já doente do aneurisma de que morreu pouco depois, ocultaram-lhe o papel infamatório. Macedo interpretou o silêncio de Bocage como derrota, ou tréguas e por isso quando Bocage adoeceu apresentou-se a reconciliar-se. A doença de Bocage foi em parte agravada pelo novo desastre que uma criatura fanática e obscura lhe preparava em fins de 1802; uma tal Maria Teodora Severiana Lobo Ferreira com os escrúpulos de beatério veio denunciá-lo como pedreiro-livre ao Santo Ofício. A caligrafia da denúncia pinta o seu estado moral. O que era este crime para o intendente Manique, pode ver-se pelo seguinte extracto de uma Conta de 8 de Agosto de 1799: «Desde o ano de 1788 tenho combatido o estabelecimento dos pedreiros-livres neste reino, tentado por mais de uma vez e quase sempre por derivações de França; Francisco Giles, célebre desta ordem, a pretendeu aqui instaurar, o que não conseguiu por serem evadidos os seus fins pela Polícia de Lisboa. Dorighni, que a fundou na ilha da Madeira com especioso pretexto de protecção a órfãos e viúvas, viu igualmente destroçado o seu plano por cuidado da Polícia. O infame e indigno Cagliostro, conhecido pelas suas atrocidades em todo o Norte da Europa, foi expulso pela Polícia de Lisboa onde se tinha introduzido com disfarçado título de *conde Stephens*, pelo receio que transplantasse nesta Capital as suas máximas infames...»¹⁰⁵ O Santo Ofício já não era o Tribunal tremendo e sanguinário, mas estava reduzido a Polícia das consciências. Imagine-se o efeito desta estúpida denúncia sobre o espírito de Bocage, que tanto havia sofrido já:

«Eu Maria Teodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo, morador na Rua da Era, freguesia de Santa Catarina, da cidade de Lisboa, atendendo ao preceito e obrigação que impõem o Tribunal do Santo Ofício aos que souberem alguma das coisas conteúdas aos interrogatórios do Edital do dito Tribunal; declara que ouviu dizer a Manuel Maria de Barbosa de Bocage, que ele e José Maria de Oliveira e um Fulano, do qual não sei o nome, mas que é filho de Matias José de Castro, o qual ousou dizer que é cristão-novo, que todos os três, Bocage, Oliveira, e Castro, do qual não sei nome próprio, eram *pedreiros-livres*; e ainda que o dito sujeito o disse debaixo de segredo, ela o denuncia ao Santo Tribunal, obedecendo a seus preceitos. – Maria Teresa Severiana Lobo.

P. S. – Declaro que sou filha do administrador do Correio do Reino, e que os

¹⁰⁵ *Contas para as Secretarias*, livro V, a fls. 322 v. – Podemos completar a enumeração dos esforços de Manique contra as Sociedades secretas, resumindo aqui a data dos seus actos discricionários; Ofício ao corregedor do Porto, de 21 de Agosto de 1791 para averiguar se ali existiam pedreiros-livres, e se se reuniam em loja; entre de 10 de Novembro do mesmo ano a Martinho de Melo e Castro para ser embarcado para fora do Reino João José de Origne, francês; outros de 14 de Maio de 1794; 9 de Fevereiro e 5 de Março de 1795; 3 de Junho de 1796; 19 de Março, 12 e 14 de Abril, 25 de Junho, 6 e 8 de Agosto, 3 de Outubro, e 19 de Novembro de 1799. *Ibidem*, livro VII, a fls. 41. Este documento encerra a suma da gerência policial do intendente Manique.

sobreditos moram Manuel Maria num beco que está na Rua Formosa, José Maria dentro do Correio, do qual é escriturário, não sei bem a freguesia, mas parece-me que é das Mercês, e o dito capitão Castro na Travessa da Condessa do Rio, e também não sei de certo de que freguesia é, mas parece-me que é Santa Catarina; também declaro que o dite Manuel Maria não sei que tenha ocupação, e creio que vive das suas obras em verso e não sei se também em prosa.»

Isto faz lembrar a velha que lançou mais uma acha para a fogueira de João Hus; esta criatura julgava que ainda estava no tempo das fogueiras do Rossio, por isso que aqui faz carga a um desses três denunciados, como cristão-novo. O Santo Ofício mandou proceder pela seguinte forma:

«Tendo Maria Teodora Severiana Lobo Ferreira dirigido à Mesa do Santo Ofício desta Inquirição a representação inclusa, se faz preciso, para bem da causa que corre neste Tribunal, e da justiça de mesmo, atendendo ao estado da declarante e o ser filha da família, que por isso deferimos de ser por ora perguntada judicialmente, que Vm.^{cc} vendo que a mesma expõe à sobredita denúncia na primeira ocasião que ela se for confessar, lhe peça licença para fora da confissão tratar com a mesma sobre os objectos da denúncia que deu ao Santo Ofício, segurando-a que pode livremente expressar e declarar tudo quanto souber a respeito dos particulares de tal denúncia, e sem o menor receio que perigue levemente o seu crédito e reputação, nem ofender as leis da Santa Religião e da mais pura cristandade, antes que este é meio único de acabar de sanar sobre este negócio a sua consciência. E logo no confessorário, ou em outro lugar, com toda a cautela, disfarce o segredo, que muito lhe encarregamos, de nossa ordem e autoridade se informará da dita Maria Teodora sobre as circunstâncias seguintes: Quanto tempo há que ela ouviu dizer o que tem declarado; por que ocasião e motivos entraram os três sujeitos, mencionados na dita denúncia, a tratar na presença dela declarante sobre matérias tão impróprias e incompetentes ao seu sexo, e à profissão dos mesmos sujeitos; se estes lhe persuadiam alguma doutrina que competisse particularmente à sociedade de que eles se diziam sócios, ou se disputavam entre si aprovando as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas e sustentando ser ela lícita e boa; se sabe que eles se ajuntem e formem assembleias particulares para tratarem dos negócios da tal sociedade, onde as façam, se são em dias certos, e quais sejam estes; se mostraram algumas insígnias ou coisas que sejam privativas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade, e mostrar as prerrogativas dela. E ultimamente a advertirá que pode e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos. E havendo Vm.^{cc} prosseguido nesta averiguação, com toda a prudência e disfarce, nos dará uma individual informação do que alcançar, lançando-a por escrito no reverso desta, e a fará entregar nesta Mesa com a mesma denúncia. Confiamos que tudo execute na forma recomendada, não só pelo zelo que deve ter pelo serviço de Deus Nosso Senhor, mas também pelo que interessa a justiça do Santo Ofício e o serviço do príncipe nosso senhor, avisando-nos de assim o haver cumprido em resposta sua. Deus Nosso Senhor guarde a Vm.^{cc}. – II.^{mo} Sr. Padre José dos Reis Marques. Lisboa, no Santo Ofício em mesa, 23 de Novembro de 1802. Manuel Estanislau Fragoso – Francisco Xavier de Oliveira Matos – António Velho da Costa.»

O confessor cumpriu a mónica pela seguinte forma:

«Em observância desta ordem do Santo Tribunal, declaro que tive licença da sobredita denunciante Maria Teodora para tratar e averiguar fora da confissão o que pertencia à denúncia, e para dar parte ao Santo Tribunal do que fosse preciso a este respeito, e sem que eu lhe desse parte do que sabia antes da sua denúncia, declarou em tudo conforme nela se contém; demais, disse que não estava certa no tempo que o tal Bocage lhe tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da Quaresma de 1802, em casa de uns vizinhos da sua escada dela denunciante, e onde ele e o tal José Maria também algumas vezes iam de visita; e disse mais que na mesma casa achando-se ela presente, em que estavam o dito Bocage e o dito José Maria, o tal José Maria desenhara em cima de uma banca um triângulo e num ângulo dele um olho, e dentro dele o Sol, a Lua e algumas estrelas e duas mãos dadas, e que dissera, se havia céu neste mundo era aquele; e chamando o tal Bocage para ver, ele se escusou! que não gostava de desenhos, mas instado o dito José Maria veio com efeito ver, e

disse que daquele que gostava, e apagou-o logo porque não viesse alguém que entendesse, o que fez suspeitar à dita denunciante se um sujeito da dita, escrivão do crime da Corte chamado Joaquim Manuel seria também da mesma sociedade, visto que não esconderam isto dele, e que se tratavam por manos, que, segundo lhe tinham dito, era costume nos da sociedade; e que não estava certa do dia em que isto sucedeu, mas que fora depois do meado deste Março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as coisas, não lhe declarou o lugar nem o tempo das suas assembleias, mas sim que a tal sociedade tinha muitos sócios, tanto neste reino como em outros, e que tinham vários sinais com que se entendiam, mas que ela os não sabia, e que nunca a persuadiram a coisa alguma pertencente à dita sociedade; e que além disto que tem declarado, nunca lhe observou, coisa que conhecesse ser oposta à religião. Esta é a informação que achei, que fielmente sujeito ao Santo Tribunal. Lisboa, 28 de Abril de 1803. – O padre José dos Reis Marques.»¹⁰⁶

Bocage não chegou a ser preso, porque o processo inquisitorial não passou daqui. A denúncia era dessas despeitadas a quem o poeta não fazia versos. É certo que do ano de 1803 não existe sinal da actividade de Bocage; a preocupação moral, o susto de ser a cada instante arremessado ao cárcere, a necessidade de procurar a protecção de amigos poderosos, tudo lhe veio agitar a existência e desenvolver-lhe a lesão orgânica de que morreu. Parece que o meio social em que Bocage vivia se tornava mais crasso e degradado; o intendente Manique ia fazer quarenta e seis anos de serviço ao trono, esmagando a vida intelectual deste pobre povo¹⁰⁷, e vinte e dois anos de poder ilimitado e imediato ao soberano.¹⁰⁸ Ainda em 1804 escrevia o intendente acerca da prisão de um rapaz de vinte e seis anos: «Mandei-o recolher à Torre de Belém, não só para este ser ali corrigido com esta reclusão; se atalhar que o precipite a errada carreira que seguia, e o fazer largar a lição a que principiava a entregar-se de livros ímpios como *Voltaire*, *d'Argens*, de *Diderot*, *d'Alembert*, *Helvécio*, *Toussaint*, *Villet* e *Rousseau*; mas também para com este golpe de autoridade ver se o estado tira o partido de todos aqueles indivíduos de iguais sentimentos abandonarem as conversações e sociedades a que se conduziam, etc.»¹⁰⁹

Estes mesmos livros começavam também a penetrar na Universidade da Coimbra, mas já tardiamente; o intendente acusa à autoridade este progresso: «Porque o prazer e alvoroço dos membros da Universidade em discursos indiscretos assim claramente o manifestaram, e uma aluvião de escritos libertinos e escandalosos e igualmente contrários à religião e aos costumes, como os *Bayles*, os *Frerets*, os *Helvécios*, e os *Rousseaus*, passou às mãos dos lentes e opositores, e muitos deles às de uma grande parte dos mesmos estudantes...»¹¹⁰

Eram estes justamente os livros de que Bocage precisava, para adquirir noções claras das coisas sobre que se desenvolvesse o seu talento. A época era fecunda de ideias, mas eram esterilizadas em Portugal pelo siroco de Munique. Bocage caiu nessa atonia, e o seu *elmanismo* e a mecânica da improvisação são a consequência de quem se achou circunscrito numa área de ideias banais e sem novidade. Esta asfixia moral, os constantes abalos da vida fizeram que a sua organização valetudinária sucumbisse. Em 1804 começou a crise da sua doença. Antes de entrarmos nesta fase em que Bocage tem a consciência de que os dias estão contados, porque o aneurisma das carótidas desenvolve-se-lhe progressivamente, tocaremos de um modo rápido o erro das suas composições obscenas, que a predilecção do século lhe impôs. Manique, ao falar de uns

¹⁰⁶ Torre do Tombo, *Processos da inquisição de Lisboa*, nº16 125. Este processo nunca esteve perdido, como se poderá inferir dos que atribuem o seu achado ao Sr. Inocêncio.

¹⁰⁷ *Contas para as Secretarias*, livro VII, a fls. 275.

¹⁰⁸ *Ibidem*, livro VII, a fls. 17.

¹⁰⁹ *Ibidem*, livro VII, a fls. 275 (17 de Abril de 1804).

¹¹⁰ *Ibidem*, livro VII, a fls. 280 (24 do Abril da 1804).

livros apreendidos a um mancebo, toca nessa tendência do século: «cujo livro e papéis não são ímpios como refere este magistrado, *mas sim obscenos*, e daqueles de que ordinariamente os moços pouco instruídos e de maus costumes se servem para se entreterem e levarem avante os seus fins pecaminosos.»¹¹¹ Este documento pertence ao ano de 1804; o século XVIII, o século da devoção opulenta e do quietismo, estava exausto e queria afrodisíacos. Bocage lisonjeou esta necessidade.¹¹² A inferioridade era do século e não do homem porque, como Bocage, também foram arrastados a esta degradação Caetano da Silva Souto Mayor, António Lobo de Carvalho, Francisco Manuel do Nascimento, e os amigos de Bocage Frei José Botelho Torresão, o padre José Agostinho de Macedo, e outros muitos.

Para subsistir, Bocage foi forçado a publicar em 1804 o terceiro volume das suas *Rimas*; muitas dessas composições andavam dispersas por mãos de amigos, desde os tempos em que o poeta, no fervor da inspiração, espalhava os seus versos, como a donzela a quem caíam pérolas ao falar dos contos de fadas. Numa epístola do desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, alude-se às versões do quadro da Farsália, *O Bosque de Marselha*, do episódio de *A Jerusalém Libertada*, *Eduardo e Gildipe*, feitas por Bocage e conservadas em poder deste amigo, que contribuiu com elas para o terceiro volume das *Rimas*:

Porém, benigno Apolo conhecendo
Os ardentes desejos de minha alma,
Dos divinos tesouros de seus cofres
Riquezas veio dar-me de ti dignas,
Que o' recer-te pudesse, e sem receio.
Deis manuscritos são, de *letra tua*,
Ambos filhos do génio que te inflama:
Vê-se nem traslado de Lucano,
O Bosque de Marselha, antigo e negro...
Noutro se pinta com mais vivas cores
De que Tasso pintou, a infausta sorte
De *Eduardo e Gildipe* sucumbindo
Do bárbaro inimigo aos golpes duros...
Estes dois manuscritos, que eu chorava
Como perdidos já, conforme sabes,
Perdidos!... Como haviam de perder-se...
Eia, pois, um tesouro te remeto
Nos versos, que te mando, e que o teu nome
Eterno hão-de fazer¹¹³

O desembargador Vicente José Ferreira Cardoso estava então no Porto, e daí acudiu a Bocage com algum dinheiro na apertada crise de 1804; é altamente digna a maneira como o favorece:

Sempre há-de haver quem se honra, quando livre
Da penúria a um vate como Elmano:
É Vincénio desta honra cobiçoso,

¹¹¹ *Ibidem*, livro VII, a fls. 276.

¹¹² O Sr. Inocêncio coligiu todas essas composições no tomo VII de *As Poesias de Bocage*, segundo se afirma geralmente.

¹¹³ *Apud* Obras de Bocage, tomo III, p. 405, ed. 1857.

Ele é quem agradece, ele é quem ganha.

Esta epístola fora escrita em 12 de Junho de 1804; existe uma nota de Bocage, de 12 de Agosto do mesmo ano, em que se desculpa para com um amigo por não tê-lo procurado no princípio do mês, sinal de que recebia regularmente algum pequeno subsídio, e nesse bilhete acrescenta: «Peço-te me acudas com o que puderes, como tantas vezes...» A doença e a indigência agravaram-se; Bocage via-se obrigado a trabalhar, mas com o esforço agravava o seu estado. Diz ele a respeito do seu antigo entusiasmo: «É o mais a que sobe o triste Bocage. Se tenta alongar o voo, logo uma *acelerada palpitação lhe adverte o perigo* desta imprudência...» Na ode ao seu constante amigo Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, escrita como diz na epígrafe, para se esquecer com os versos da dura realidade das coisas, queixa-se do enfraquecimento do seu cérebro, e do aneurisma:

Já meu estro, Moniz, apenas solta
Desmaiadas faíscas,
Em que as frouxas ideias mal se aquecem;
Elmano do que há sido
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente:
Diástole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O licor circulante...

Neste estado de apatia e desalento é que escreveu os seus mais eloquentes sonetos; como os sentenciados à morte, ele moraliza sobre o seu passado:

Nestóreos dias, que sonhava Elmano,
Brilhantes de almos gostos, de áurea sorte,
Pomposa fantasia, audaz transporte,
As asas cerceai do orgulho insano:

Piano de um nume contradiz meu plano,
E quer que se esvaeça, e quer que aborte;
Eis, eis palpita, precursor da morte,
No tímido aneurisma o desengano...

Sempre crente no último período da doença, ao lembrar-se do que podia ainda dar, desespera-se, e adopta a vaga noção do Nirvana búdico, porventura adquirida quando viajou na Índia e na China:

Mas da humana carreira inda no meio,
Se a débil flor vital sentir murchada
Por lei que envolta na existência veio;

Coa mente pelos céus toda espraçada,
Direi, de eternidade ufano e cheio:
«Adeus, ó mundo! Ó natureza! Ó nada!»

Bocage preocupava-se com a sua fama, e não queria que o seu nome ficasse exposto à malevolência dos inimigos literários; nesta crise moral procurou reconciliar-se

com eles. É curioso o motivo com que se justifica por se contradizer, confessando o talento dos poetas que deprimira: «Quando o homem crê vizinhar com o seu nada (o nada universal), as sombras em que e envolvem e abafam as suas paixões, se rarefazem e esvaecem aos lumes da justiça e do desengano; ou já lhe brote sobrenaturalmente na alma este fenómeno, eu já porque evaporado o amor-próprio, atente mais nos outros que em si...» Por aqui se vê o estado das suas concepções; o nada universal, é, com certeza, uma reminiscência búdica; tudo o mais são frases vãs, de quem em poesia versificou sobre a alegoria e donde facilmente fazia entidades metafísicas. Quando estão neste estado de nimbo as ideias, a existência torna-se também sem motivo, e por isso é desbaratada; Bocage retrata-se admiravelmente segundo este ponto de vista, e busca o último motivo na contrição católica:

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava:
Ah! Cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana:

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos;

Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

José Agostinho de Macedo foi o primeiro a esquecer-se dos seus ressentimentos, e a ir procurar Bocage ao andar de um casebre da Travessa de André Valente. Bocage celebra o poeta com os mais rasgados encómios:

Versos de Elmiro os tempos avassalam,
e confessa-lhe com emoção:

Elmano viverá da glória tua!

A sátira *Pena de Talião* estava ainda inédita, e porventura conhecendo-se bem o carácter de Macedo, explicar-se-á essa reconciliação pelo cálculo de fazer rasgar essa composição. Quando passados anos um curioso a publicou no *Investigador Português*, em 1812, todos os velhos ódios de Macedo contra Bocage renasceram, e manifestaram-se de um modo indigno.

Na sua reconciliação com Curvo Semedo, há uma outra intimidade, a que Semedo não faltou:

Agora, que a seu lôbrego retiro
Como que a baça Morte me encaminha,

E o coração, que as ânsias lhe adivinha,
Débil se ensaia no final suspiro:

Musa de Elmano, e Musa de Belmiro,
Una-se a glória sua à glória minha...

Nos seus versos louva com sentimento de reconciliação o autor das *Noites Josefinas*, Soyé; e lisonjeia-se de ter sido celebrado nos versos de Melibeu, de Oleno, de Anfriso de Belmiro, de Elmiro, Piério, Almeno, Tomino e Francélio

Alguns amigos lembraram-se então de coligir as composições desta longa doença, e, para acudir à indigência de Bocage, publicaram em 1805 os *improvisos*, na sua mui perigosa enfermidade; e bem resultado levou a organizar uma *Nova colecção de Improvisos* de Bocage na sua moléstia, e acrescentada com as composições que alguns amigos lhe dedicaram. Foi aqui que se mostrou sublime o antigo proprietário do Botequim das Parras, que lhe tomava os volumes dos *Improvisos* e ia de porta em porta oferecendo-os aos velhos amigos do poeta e pedindo-lhes o auxílio para a sua pobreza. Esta bela alma merecia uma existência, como de planta salutar; teve uma longevidade digna de um coração tão puro; morreu José Pedro da Silva com noventa e nove anos de idade, em 1862.¹¹⁴ Bocage cerca-se de todos os seus amigos, precisa da sua presença; a Sebastião Xavier Botelho e a Pato Moniz diz que morre, mas quer continuar e viver na soa amizade:

Moniz, ó puro amigo! ó sócio, ó parte
Do já ditoso Elmano!
Às musas, como a mim, suave e caro!
De lágrimas e flores
Honra-me a cinza, o túmulo me adorna.
Não só longa amizade
Novo, sacro dever te exige extremos;
Da lira minha herdeiro...

Bocage indigitava Pato Moniz como o talento mais vigoroso que vinha continuá-lo na poesia.

Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, nascido em 18 de Setembro de 1781, é um dos principais amigos dos últimos tempos da vida de Bocage; ele tomou em 1801 o partido de Elmano contra José Agostinho de Macedo, e cabe-lhe a glória de ter lutado sempre contra o autor do poema *O Gama*, reivindicando a glória de Camões. Esta polémica foi toda dialéctica, e sem grande alcance de parte a parte; contudo, é um dos factos mais importantes da nossa história literária do princípio deste século. As numerosas composições de Pato Moniz ficaram inéditas, sendo apenas conhecido o poema heróico-cómico a *Agostinheida*, onde celebra a biografia tradicional e grotesca de José Agostinho de Macedo. Criado no fervor das ideias revolucionárias, Pato Moniz pressentiu a liberdade, e nas cortes de 1822 representou o círculo de Setúbal. No ano seguinte começou a restauração absolutista, e Pato Moniz foi preso e degredado para fora do Reino, como se pode ver nos documentos que seguem abaixo. Em 1814, Pato Moniz pagou à memória de Bocage o culto que lhe devia publicando as *Verdadeiras Inéditas*, coligidas dos manuscritos que ficaram em poder da irmã de Bocage, da qual o poeta celebra no soneto da sua doença:

¹¹⁴ Vid. *Jornal do Comércio*, n.º 2560, de 14 de Maio.

Secos *bons-dias* da hiperbórea mana...

Pato Moniz não temia a bÍlis difamatória de José Agostinho de Macedo, contra quem sustentava Camões e Bocage. Quando outros procuravam no arbÍtrio da autoridade defesa contra o látego sujo do autor de *Os Burros*¹¹⁵, Pato Moniz atacava-o no *Observador Português*, e por seu turno Macedo também invocava a protecção da polícia.¹¹⁶ Um dos títulos que fazem recomendável perante a história o nome de Pato

¹¹⁵ «Foi V. A. R. servida por Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino em datada 11 de Fevereiro do presente ano (1815) mandar-me remeter o incluso requerimento de Luís de Sequeira Oliva e Sousa Cabral, ordenando que informasse com o meu parecer, depois de proceder as averiguações necessárias sobre o conteúdo no mesmo requerimento, em que o suplicante se queixa do P.^e José Agostinho de Macedo, pelo haver injuriado atrozmente, assim como a honra de sua mulher em três composições manuscritas que se têm divulgado nesta Capital, e de que se designa o suplicado por seu Autor, intituladas – *A Elegância dos Periódicos*, que o suplicante não apresenta por ser obsceníssima, como diz –, *Resposta dos Amáveis Assinantes do Telégrafo ao Patarata Oliva*, de que o suplicante junta uma cópia: e o poema de *Os Burros*, de que sobe inclusa uma cópia, que existiu na Secretaria desta Intendência desde quando começou a divulgar-se, e constando que nos versos do dito poema se satirizava caluniosamente grande número de pessoas, fiz indagações a respeito de quem fosse o seu autor.

Encarreguei destas averiguações o juiz do crime do Bairro do Mocambo, e este ministro, tendo-as feito com o cuidado que é próprio da sua capacidade, deu a informação de que junto a cópia inclusa, acompanhando o processo em que elas se contêm. Dele se prova, e está já verificado pelas anteriores indagações feitas nesta Intendência, e conteúdas nos seis termos de declaração, que ponho na presença de V. A. R. ser o sobredito padre José Agostinho de Macedo o autor do mencionado poema; das outras composições, porém, não pode obter-se com a mesma o conhecimento do seu Autor, posto que possa sem temeridade ajuizar-se pelo exame dos depoimentos das testemunhas combinadas entre si, que é o mesmo suplicado.

O que o suplicante concluindo este requerimento no fim dele pede a V. A. R. é que o caluniador seja processado, a fim de obter o suplicante pública reparação da sua honra e de sua mulher, e se V. A. R. julgar que isto deve ter lugar, tratando-se no dito poema de satirizar não só o suplicante, porém ao mesmo tempo mais ou menos descobertamente muitas outras pessoas, talvez deva ser o juízo próprio para esta discussão o da ouvidoria do Padroado Real, visto que a acusação se dirige somente contra o suplicado, e que está sendo pregador régio, penso goza em consequência do privilégio de ser demandado naquele juízo de seu foro privativo, e ali então com audiência do suplicado, e observados os termos legais à vista das disposições da Ord. do livro 5.^o, tit. 84, que impõe pena arbitrária aos que fazem e divulgam sátiras e libelos infamatórios, em cuja classe certamente se compreende o referido poema, se julgará em que grau de responsabilidade deva ser considerado o suplicado por este facto.

V. A. R. ordenará o que for servido. Lisboa, 18 de Maio de 1825.»*

* Livro XV, a fls. 194, *Contas para o Governo*.

¹¹⁶ «O P.^e José Agostinho de Macedo e o redactor de *A Gazeta*, Joaquim José Pedro Lopes, expuseram a V. M. na representação inclusa, que eles tinham sido doestados e difamados por Nuno Álvares Pereira Pato Moniz em alguns escritos do artigo = Crítica = impressos com o nome do suplicado no jornal que se publica periodicamente intitulado *O Observador Português* – do que juntaram à sua representação os n.^{os} 7, 8 e 9, e posteriormente apresentaram nesta intendência os que sobem juntos ao requerimento que me entregaram reforçando os motivos da sua queixa, e pedindo que em satisfação das referidas injúrias seja preso o dito Moniz ou o Editor no caso de que este não aparecesse; que sejam proibidos e mandados recolher os números do periódico em que as mesmas injúrias se contêm, e finalmente que n'*A Gazeta* veja o público o castigo do Autor e a proibição dos indicados números do periódico, para se evitarem com tal exemplo de justiça semelhantes abusos da imprensa em um país onde esta se acha regulada pelas sábias leis.

V. M. mandando remeter-me a dita representação, foi servido ordenar que eu informe com o meu parecer, ouvindo o suplicado.

Encarreguei em consequência o juiz do crime do Bairro do Limoeiro de ouvir o dito suplicado, e a resposta por ele é a que sobe junta à informação da cópia inclusa, que o sobredito ministro me remeteu, ajuizando nela que por não significarem as palavras de que os suplicadas se queixam mais do que ideias

Moniz é o ter sido uma das vítimas sacrificadas pela liberdade que gozamos. Reproduzimos aqui a prova do seu martírio:

«II.^{mo} Ex.^{mo} Sr. – Tendo, em consequência da real ordem que V. Ex.^a se dignou comunicar-me por Aviso de 17 do corrente, recomendado ao carcereiro da cadeia da cidade, que tornasse a seu cuidado as providências ordenadas quanto ao preso *Nuno Álvares Pereira Pato Moniz* abonando o que preciso fosse, para que não perigasse a vida daquele preso; recebo do mesmo carcereiro o Ofício da cópia inclusa, em que refere o que está disposto a semelhante respeito. O que julgo conveniente comunicar a V. Ex.^a para ser presente a S. M. que ordenará o mais que for servido. Deus guarde V. Ex.^a. Lisboa, 20 de Novembro de 1823. – II.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Conde de Suberra. – O intendente-geral da polícia da Corte e Reino, Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro.»¹¹⁷

Na Relação dos suspeitos de Liberais, em 1823, Nuno Álvares Pereira Pato Moniz traz a nota de ter sido deportado para a vila do Lavradio, assinando perante o juiz da Mouta termo de se conformar com o governo e não frequentar associações.¹¹⁸ Em 10 de Dezembro de 1823 acha-se a seguinte nota: «Foi novamente removido ao Limoeiro, onde se acha, e sendo conduzido a bordo de um navio para o levar a Cabe Verde, não foi recebido em razão de não se poder abordar o dite navio.»¹¹⁹ Em outra ocasião seguiu este destino e pouco sobreviveu, porque se julga que já em 1825 falecera na ilha do Fogo.

Um outro amigo de Bocage, e poeta elmanista, João Vicente Pimentel Maldonado, também esteve preso pela restauração absolutista de 1823; era amigo íntimo de Pato Moniz, e são bastante estimados os seus *Apólogos*. Nasceu em 22 de Janeiro de 1773, e frequentou a Universidade de Coimbra quando as ideias francesas eram mais perseguidas em Portugal, e em 1706 terminou a sua formatura em Leis. No meio dos

pueris, e estando além disso competentemente licenciados os números do periódico em que elas se acham estampadas, não podiam chamar-se legalmente injúrias.

Que o suplicado escrevesse os artigos de que os suplicantes deduzem o fundamente das suas queixas, prova-se plenamente pelos próprios periódicos, em que escreveu o seu nome e ele o confessa na resposta que deu; e que tais artigos contenham ultrajes, injúrias e ditérios consideravelmente picantes e alusivos de um modo muito ostensivo às pessoas dos suplicantes é o de que não pode duvidar-se à face dos ditos artigos: O mesmo suplicado o reconhece na soa resposta, e toda a defesa que produz consiste em ter também sido atacado pelos suplicantes nas composições literárias que eles igualmente têm publicado pela imprensa inculcando assim ter sido agredido, e não ter em vista outra coisa mais do que retorquir do mesmo modo as agressões sofridas.

É uma verdade de que também não poderá duvidar quem ler as publicações literárias dos suplicantes juntas pelo suplicado à sua resposta ter ele sido não menos vivamente doestado em muitos lugares pelo próprio nome, e não poderá igualmente deixar de reconhecer-se com mágoa, que a imprensa abra de tal sorte o campo a semelhantes duelos, contrários às regras da censura terminantemente dadas por V. Mag.^c na saudável Lei de 30 de Julho de 1795. Entretanto umas e outras publicações têm sido feitas com licença da Mesa Censória do Desembargo do Paço, que lhes tem concedido a impressão, precedendo a competente censura, e darem-se as providências repressivas e de castigo que os suplicantes podem sem ser ouvido o Tribunal que facultou as licenças, e ao qual tais matérias estão encarregadas pelas Leis de V. Mag.^c, seria em menoscabo do mesmo Tribunal.

Parece-me portanto, ou seja para se deferir aos suplicantes no que pretendem, ou para se ordenar a supressão dos tais periódicos em que estes contenderes parecem dispostos a injuriarem-se mutuamente, convirá que e negócio de que se trata seja considerado no referido Tribunal e que a Mesa, à vista do que por uma e outra parte se alega e prova com os impressos em que a acusação de uns e a defesa de outros se estabelece, haja de deferir ou consultar como achar conveniente. V. Mag.^c, ordenará o que for servido. Lisboa, 22 de Maio de 1819.*

* Livro XVIII, a fls. 88, *Contas para o Governo*.

¹¹⁷ *Contas para as Secretarias*, livro XX, a fls. 118.

¹¹⁸ *Ibidem*, a fls. 8 v.

¹¹⁹ *Ibidem*, a fls. 131.

entusiasmos que então despertava a Catalani no Teatro da São Carlos, Maldonado mostrou-se poeta e celebrou-a em duas odes; a liberdade inspirou-lhe a melhor parte dos seus cantos, alguns deles publicados no *Português Constitucional*, de que era redactor o seu amigo Pato Moniz, em 1820. Maldonado era citado por Bocage como um dos amigos que o acompanhou nos seus últimos tempos, celebrando-o com o nome poético de *Ismeno*. Como o antigo amigo de Bocage, André da Ponte do Quental, também deputado às cortes de 1820, veio encontrar-se no seio da representação nacional com Maldonado e Pato Moniz, que tanto haviam aspirado pela liberdade. Como se recordariam com saudade desse único amigo, que era o vínculo da sua intimidade, Bocage, que muito antes deles sofrera pela liberdade. Bocage era morto desde 21 de Dezembro do 1805. Ainda na sua morte coincide uma circunstância que o aproxima de Camões; o cantor de *Os Lusíadas* morre antes da invasão dos exércitos de Filipe II, e Bocage, antes da invasão francesa; era em volta de Camões que se agrupavam os partidários da independência nacional, e foram os principais amigos do Bocage os que sofreram pelo admirável movimento nacional de 1820.

TEÓFILO BRAGA

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
